



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPG-GEO)

ALEXANDRE FELIPE PINHO DOS SANTOS

**PARADIPLOMACIA ECLESÍÁSTICA E INTERNACIONALIZAÇÃO DE  
REDES EVANGÉLICAS BRASILEIRAS NA AMÉRICA DO SUL**

Boa Vista-RR

2014

ALEXANDRE FELIPE PINHO DOS SANTOS

**PARADIPLOMACIA ECLESÍASTICA E INTERNACIONALIZAÇÃO DE  
REDES EVANGÉLICAS BRASILEIRAS NA AMÉRICA DO SUL**

Dissertação de Mestrado em Geografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG-GEO), da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Linha de Pesquisa: Produção do Território Amazônico.

Orientador: Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

Boa Vista-RR

2014

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S194p Santos, Alexandre Felipe Pinho dos Santos

Paradiplomacia eclesiástica e internacionalização de redes evangélicas brasileiras na América do Sul/Alexandre Felipe Pinho dos Santos. – Boa Vista, 2014.

165 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Elói Martins Senhoras.

Co-Orientador: Prof. Dr. Elói Martins Senhoras.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

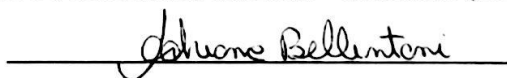
ALEXANDRE FELIPE PINHO DOS SANTOS

PARADIPLOMACIA ECLESIAÍSTICA E INTERNACIONALIZAÇÃO DE REDES  
EVANGÉLICAS BRASILEIRAS NA AMÉRICA DO SUL

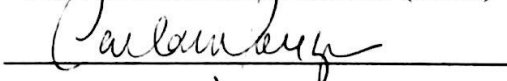
Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Produção Territorial da Amazônia. Defendida em 27 de março de 2014 e avaliada pela seguinte banca:



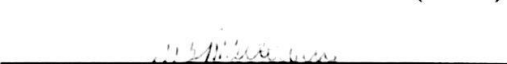
**Prof. Dr. Elói Martins Senhoras – Orientador (UFRR)**



**Prof. Dr. Adriana Ioj Bellantini (UFRR)**



**Prof. Dr. Carla Monteiro de Souza (UFRR)**



**Prof. Dr. Maria Barbara de Magalhães Bethônico (UFRR)**

*A Deus, Deus Filho e Deus Espirito Santo*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus, todos meus amigos das IEQs roraimenses, minha família, meus avôs, meus irmãos, minhas sobrinhas, minha mãe em especial, minha namorada, meus amigos do Curso de RI de 2007, os amigos do mestrado de 2012, ao Professor Elói.

*“Eu me coloco em chamas, e o povo vem me ver queimar”*

John Wesley

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de estudar o processo de internacionalização das igrejas protestantes brasileiras, principalmente na América do Sul, com enfoque na vertente pentecostal, assim como nas denominações de origem nacional, baseando-se nas discussões da geografia acerca da difusão religiosa. A pesquisa parte de uma tese, que consiste na crença de que os elementos axiológicos, como a religião, interferem na concretude, como na política e na economia. Para embasar a tese, a investigação é desenvolvida com base em um objetivo geral, seguido de quatro objetivos específicos. O objetivo geral é compreender o sistema de fluxos e fixos das redes pentecostais brasileiras na América do Sul. O primeiro objetivo específico é sistematizar as principais discussões teóricas sobre a religião na geografia. O segundo objetivo específico é discutir a história do protestantismo no Brasil, da sua chegada no país, até o seu atual processo de difusão internacional. O terceiro objetivo específico é estudar a dinâmica de difusão nacional das principais igrejas pentecostais, que são: Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus; Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular. O quarto objetivo específico é analisar a internacionalização dessas mesmas três igrejas pentecostais brasileiras, o instrumental técnico-metodológico é baseado em discussões teóricas, históricas e empíricas. Com base nestas discussões são demonstrados padrões de espacialização das redes, periodizações de suas expansões e são criadas categorias de análise acerca da internacionalização das igrejas pentecostais brasileiras.

**Palavras chave:** Geografia da religião. Movimento pentecostal. Redes religiosas. Difusão.



## ABSTRACT

The present work aims to study the internationalization process of Brazilian Protestant churches, especially in South America, with a focus on Pentecostal branch, as well as the networks of national origin, based on the discussions of geography on religious diffusion. To start the research begins with a thesis, which consists in the belief that the axiological elements such as religion, interfere in the concrete, as in politics and the economy. To support the thesis, research developed based on a general goal, followed by four specific objectives, the overall goal is to understand the system of fixed and flows of Brazilian Pentecostals networks in South America. The first specific aim is to systematize the main theoretical discussions about religion in geography. The second specific aim is to discuss the history of Protestantism in Brazil, from his arrival in the country, to its current process of international diffusion. The third specific objective is to study the dynamics of national broadcast of the main churches Pentecostals who are Evangelical Churches Assemblies of God, the Universal Church of the Kingdom of God and the Church of the Foursquare Gospel. The fourth specific objective is to analyze the internationalization of these same three Brazilian Pentecostal churches. The technical and methodological tools based on theoretical, historical and empirical discussions. Therefore in research are stated patterns of networks, periodization of its expansion, and are created categories of analyzes regarding the internationalization of Brazilian Pentecostal churches.

**Keywords:** geography of religion. Pentecostal movement. Religious networks. Diffusion.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Características fundamentais das religiões.....	26
Figura 2	Tipologia espacial das religiões.....	27
Figura 3	Fatores religiosos que influenciam a geopolítica.....	32
Figura 4	Concepções de cultura.....	37
Figura 5	Fluxos religiosos internacionais.....	61
Figura 6	Categorias de paradiplomacia religiosa.....	68
Figura 7	Número de evangélicos no Brasil.....	75
Figura 8	Percentual de evangélicos por estado.....	76
Figura 9	Ondas do pentecostalismo no Brasil.....	83
Figura 10	Box: O mercado evangélico.....	85
Figura 11	Box: Disputa entre representantes evangélicos e homossexuais.....	94
Figura 12	Percentual de assembleianos por estado em relação ao total de evangélicos.....	103
Figura 13	Percentual de membros da IEQ por estado em relação ao total de evangélicos.....	110
Figura 14	Percentual de membros da IURD por estado em relação ao total de evangélicos.....	116
Figura 15	Logos institucionais das redes: IEQ, CGADB e IURD.....	119
Figura 16	Box: Brasil cresce como exportador de missionários.....	122
Figura 17	Missionários da CGADB no mundo.....	128
Figura 18	Missionários da CGADB na América do Sul.....	129
Figura 19	Igrejas Assembleias de Deus nas cidades de fronteira com o Brasil.....	130
Figura 20	Igrejas Assembléias de Deus na região do Platô das Guianas.....	132
Figura 21	Missionários da IEQ no mundo.....	136
Figura 22	Missionários da IEQ e bases mundiais na América do Sul.....	137
Figura 23	Bases mundiais de missões da IEQ em São Paulo e no Paraguai.....	138
Figura 24	Bases mundiais de missões da IEQ no exterior.....	139
Figura 25	Presença da IURD no mundo.....	143
Figura 26	Templos da IURD no mundo.....	144
Figura 27	Box: Proibição da IURD em Angola.....	145

Figura 28	Presença da IURD na América do Sul.....	146
Figura 29	Templos da IURD na América do Sul.....	147

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Ano de fundação da IURD nos estados.....	115
Tabela 2	Evolução de membros da IURD, das IEADS e da IEQ.....	120

## LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CPLP	Comunidade de Países da Língua Portuguesa
CTMQ	Centros de Treinamento Missionário Quadrangular
CGADB	Convecção Geral das Assembléias de Deus do Brasil
EMAD	Escola de missões das Assembléias de Deus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEAD	Igreja Evangélica Assembléia de Deus
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura
UFPR	Universidade Federal do Paraná
NUPPER	Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião
NAPRI	Núcleo Amazônico de Pesquisa em Relações Internacionais
SENAMI	Secretaria Nacional de Missões
SGM	Secretaria Geral de Missões

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
2	<b>O ESTUDO DA RELIGIÃO NA GEOGRAFIA</b> .....	20
2.1	INTRODUÇÃO AOS MARCOS TEÓRICOS DA GEOGRAFIA SOBRE A RELIGIÃO.....	21
2.2	A RELIGIÃO SOB O ENFOQUE GEOGRAFIA POLÍTICA.....	24
2.2.1	<b>Espacialização da Religião na Geografia Política</b> .....	28
2.2.2	<b>A Geopolítica das Religiões</b> .....	31
2.2.3	<b>Religiões como Meio de Conflito e como Meio de Paz</b> .....	33
2.3	A RELIGIÃO SOB O ENFOQUE DA GEOGRAFIA CULTURAL.....	35
2.3.1	<b>A Espacialização da Religião na Geografia Cultural</b> .....	40
2.3.2	<b>A Espacialização da Mensagem Religiosa</b> .....	42
2.3.3	<b>A Paisagem Religiosa e os Espaços Sagrados</b> .....	44
3	<b>MARCOS CONCEITUAIS DA GEOGRAFIA NOS ESTUDOS DAS REDES DE PARADIPLOMACIA ECLESIÁSTICA</b> .....	46
3.1	INTRODUÇÃO A TRANSNACIONALIZAÇÃO DOS FIXOS E FLUXOS DAS REDES RELIGIOSAS.....	46
3.2	O ESTUDO DAS REDES NA GEOGRAFIA.....	49
3.2.2	<b>Das Redes de Relações Sociais para as Redes Religiosas</b> .....	52
3.3	A VISÃO RETICULAR DOS FIXOS E FLUXOS NA GEOGRAFIA...	55
3.3.1	<b>Os Fixos e os Fluxos Religiosos</b> .....	59
3.4	AS REDES PARADIPLOMÁTICAS.....	63
3.4.1	<b>A Paradiplomacia Eclesiástica</b> .....	66
4	<b>PROTESTANTISMO E A EXPLOSÃO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL</b> .....	70
4.1	PERIODIZAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL: DA CHEGADA NO SÉCULO XIX AO ADVENTO DOS PENTECOSTAIS NO SÉCULO XX.....	71
4.2	AS CAUSAS DA EXPLOSÃO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL DO SÉCULO XX.....	75
4.3	A IMPORTÂNCIA DAS GRANDES REDES DENOMINACIONAIS PARA O CRESCIMENTO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL ..	79
4.4	OS FLUXOS EVANGÉLICOS: O MERCADO GOSPEL.....	85
4.5	O MERCADO POLÍTICO PENTECOSTAL.....	89
5	<b>DIFUSÃO NACIONAL DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO (1991-2013)</b> .....	96
5.1	INTRODUÇÃO ÀS MAIORES DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS NO BRASIL.....	97
5.2	A CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO	

BRASIL: HISTÓRIA.....	99
5.2.1 <b>A Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil: Estrutura.....</b>	101
5.2.2 <b>A Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil: Difusão Nacional.....</b>	103
5.3 IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR: HISTÓRIA.....	106
5.3.1 <b>Igreja do Evangelho Quadrangular: Estrutura.....</b>	108
5.3.2 <b>Igreja do Evangelho Quadrangular: Difusão Nacional.....</b>	109
5.4 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: HISTÓRIA.....	112
5.4.1 <b>Igreja universal do Reino de Deus: Estrutura.....</b>	114
5.4.2 <b>Igreja Universal do Reino de Deus: Difusão Nacional.....</b>	115
5.5 ANÁLISE RELACIONAL DAS REDES PENTECOSTAIS.....	119
6 <b>DIFUSÃO INTERNACIONAL PENTECOSTALISMO BRASILEIRO NA AMÉRICA DO SUL DO (1991-2013).....</b>	122
6.1 INTRODUÇÃO A INTERNACIONALIZAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....	122
6.2 CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: HISTÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO.....	125
6.2.1 <b>Convenção Geral das Assembleias de Deus: Estruturas responsáveis pela internacionalização.....</b>	126
6.2.2 <b>Convenção Geral das Assembleias de Deus: a Difusão Internacional.....</b>	127
6.3 IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR: HISTÓRIA DA EXPANSÃO INTERNACIONAL.....	135
6.3.1 <b>Igreja do Evangelho Quadrangular: Estruturas Responsáveis pela Internacionalização.....</b>	136
6.3.2 Igreja do Evangelho Quadrangular: difusão internacional .....	137
6.4 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: HISTÓRIA DA EXPANSÃO INTERNACIONAL.....	141
6.4.1 <b>Igreja Universal do Reino de Deus: Estruturas Responsáveis pela Internacionalização.....</b>	142
6.4.2 <b>Igreja Universal do Reino de Deus: a Difusão Internacional.....</b>	143
7 <b>CONCLUSÃO.....</b>	149
<b>REFERÊNCIAS...</b>	154

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender as relações entre a religião protestante, da vertente pentecostal e o espaço sul-americano, para atingir essa finalidade o trabalho opera com os conceitos que abordam a difusão geográfica das mensagens religiosas.

Para tanto o texto parte de uma base filosófica de análise e pesquisa oriunda do pensamento de Max Weber, baseado na elaboração de tipos ideias, expressos no texto pela produção de categorias conceituais, periodizações e espacializações referentes ao pentecostalismo brasileiro.

A fim de construir essas categorias, o trabalho procurará apontar padrões de rede, marcos temporais e modelos de espacializações das redes pentecostais brasileiras e a sua difusão nos espaços brasileiros e sul-americano, assim como os desdobramentos decorrentes desses processos.

Além disso, o texto apresenta uma releitura de Max Weber (2006) na obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* onde o autor apontou o papel do protestantismo para o advento capitalismo, de maneira que para o autor os valores podem influenciar na concretude.

No âmbito do pentecostalismo brasileiro, o pensamento de Max Weber é uma base para entender as manifestações dessa vertente do protestantismo, tantos no campo religioso, quanto no seus desdobramentos na economia, na mídia e na política do Brasil.

No Brasil após a redemocratização política, o cenário religioso sofreu várias modificações, como a perda de importância política e de fiéis da Igreja Católica e o grande crescimento do número de evangélicos pentecostais (MEZZOMO; MEZZOMO; BONINI, 2012).

O crescimento dos evangélicos é uma das principais mudanças na sociedade brasileira, com impactos políticos e econômicos ainda não totalmente mensurados, logo o entendimento das práticas expansionistas do movimento pentecostal é umas das principais indagações dos estudos humanísticos no Brasil.



A importância da pesquisa está no entendimento das formas com as quais as igrejas evangélicas brasileiras atuam no espaço nacional e sul-americano, neste sentido a pesquisa não busca analisar todos os aspectos presentes na espacialização do protestantismo na América do Sul.

Porém, a pesquisa foca no entendimento da difusão geográfica nacional e internacional das três instituições evangélicas brasileiras com maior crescimento desde 1990 que são: A Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB); a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ).

As Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus, fundada em Belém, capital do Estado do Pará em 1911, segundo o censo de 2010, tem um contingente de fiéis de 12.314.410 de membros no Brasil. A Igreja Universal do Reino de Deus, fundada no ano de 1977, na cidade do Rio de Janeiro, segundo o censo de 2010 são 1.8723.243 de membros no Brasil. A Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada no Brasil em 1951, em São João da Boa Vista, no estado de São Paulo, segundo o censo de 2010 são 1.808.389 de adeptos no Brasil.

Assim na pesquisa são mostrados os fixos, os fluxos, as estratégias e outros artifícios utilizados por essas três denominações pentecostais para conseguirem o estabelecimento no espaço brasileiro e sul-americano, bem como os desdobramentos dessa propagação.

Para tanto serão investigadas, a mensagem, as estratégias, as instituições, a história, as lideranças e outras características dessas organizações que influem na expansão do movimento pentecostal sobre o espaço brasileiro sul-americano.

No âmbito da Geografia a pesquisa se insere nos estudos de geografia da religião, contudo a ênfase dos trabalho não está nos elementos subjetivos como é preconizado por esse segmento, o foco do trabalho está principalmente nos aspectos materiais e concretos da difusão dessas organizações.

Além disso, o texto é um esforço de superar a escassez de produção científica sobre o pentecostalismo brasileiro, principalmente nos segmentos da Geografia concentrados nos aspectos materiais da religião, assim a pesquisa procura servir como base para futuros estudos acerca do movimento pentecostal brasileiro.

No âmbito científico local a presente dissertação se insere nas linhas de pesquisa do Núcleo Amazônico de Pesquisas em Relações Internacionais (NAPRI) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG-GEO), ambos da Universidade Federal de Roraima.

Quanto a estruturação da dissertação, o ponto de partida é o problema da pesquisa, nesse caso a problemática se resume na pergunta: O que explica a dinâmica sócio espacial do protestantismo brasileiro nos âmbitos nacional e sul-americano?

Para responder a indagação são levantadas duas hipóteses, a hipótese um, a variável independente, que consiste na crença de que: há um sistema de fluxos de pessoas, chamada de extroversão primária (missionários) e de fixos (templos), chamado extroversão secundário.

A hipótese dois, variável dependente: as redes eclesiásticas produzidas pelas extroversões primária e secundária criam impactos materiais em diferentes arenas, no Brasil a expansão se concentra nos estados receptores de migrantes e de expansão da fronteira agrícola, no mundo essas igrejas baseiam-se na América do Sul, na Comunidade de Países de Língua Portuguesa, na África e nos Estados Unidos, portanto a internacionalização é baseada nos países de proximidade geográfica e cultural com o Brasil.

Além disso o texto possui uma *tese*: os elementos axiológicos como valores e princípios religiosos influenciam na concretude material do espaço por meio de um sistema reticular de fixos e fluxos eclesiásticos tanto internamente quanto internacionalmente

O objetivo geral da presente dissertação é entender a dinâmica reticular de um sistema de fixos e fluxos presentes na difusão geográfica das igrejas pentecostais brasileiras, com enfoque na internacionalização dessas instituições na América do Sul, ao tomar como estudo de caso algumas denominações.

O primeiro objetivo específico é fazer uma sistematização das principais discussões teóricas sobre o fenômeno religioso a partir dos campos epistemológicos da geografia, afim de mostrar o pluralismo científico existente sobre o assunto a partir da identificação dos ramos mais proeminentes, respectivamente, a geografia política e geografia cultural, para então justificar a

escolha pelo primeiro segmento e conseqüentemente explorar os conceitos oriundos dessa ramificação da Geografia.

O segundo objetivo específico é discutir a dinâmica evolutiva do protestantismo a partir da análise geo-histórica desse tronco religioso no tempo e no espaço, levando em consideração sua chegada no Brasil até o seu atual processo de difusão no sistema internacional a partir da vertente pentecostal.

O terceiro objetivo específico é compreender a dinâmica de difusão nacional das igrejas protestantes brasileiras, a partir do mapeamento de uma série de fixos e fluxos das igrejas: Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus; Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular

O quarto objetivo específico é entender o processo paradiplomático de internacionalização das igrejas protestantes brasileiras, focando na América do Sul, traçando um estudo comparado dos fixos e fluxos das igrejas: Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus; Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular, confrontando com a inferências apresentadas acerca da difusão das mesmas redes no âmbito nacional.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa proposta são principalmente de características qualitativas haja vista o objeto de estudo, que está baseado na simbologia de uma mensagem religiosa e as suas práticas espaciais decorrentes.

Conforme Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa qualitativa diferencia-se da pesquisa quantitativa, pela sua característica interpretativa, assim os dados são trabalhados, visando entender a ação antrópica, ou seja, é fundamentada nas técnicas de investigação, baseadas na interpretação e na análise subjetiva das informações levantadas.

Para conseguir atender os objetivos propostos anteriormente, foram trabalhadas quatro etapas metodológicas, vale ressaltar que todas as etapas se encaixam na tradição geográfica de estudos da religião e não necessariamente estão em ordem de importância ou de tempo.

A primeira etapa foi a revisão bibliográfica, ocorrida em várias áreas da Geografia e de disciplinas correlatas, nesse momento os textos utilizados são resultados de trabalhos acadêmicos e técnicos, portanto a maioria são livros e artigos, além da utilização de bases de informação como: levantamentos

estatísticos efetuados por órgãos governamentais; associações de classe; organizações internacionais e demais instituições de pesquisa.

Assim a dissertação opera com base na pluridisciplinaridade, a abordagem metodológica emergente nas ciências geográficas, que acredita na ruptura da fragmentação e especialização excessiva dos campos que analisam os fenômenos humanos.

A segunda etapa foi o levantamento de dados em fontes primárias e secundárias, que consistiu no levantamento de informações em ferramentas tais como: quadros estatísticos de jornais; revistas especializadas; agências de notícias da internet; arquivos de empresas de telecomunicações; entrevistas e outras fontes de informações.

A terceira etapa foi o levantamento complementar de Informações junto às organizações estudadas, nesse momento foram obtidas as informações das próprias igrejas pentecostais investigadas, disponibilizadas por meio de seus sítios na internet, em seus relatórios institucionais, nas suas publicações acerca de seu crescimento, em seus veículos de comunicação, e em demais ferramentas onde essas organizações fornecem informações sobre o desenvolvimento de suas atividades.

A quarta etapa dos procedimentos metodológicos foi o uso dos dados na qual foram elaboradas as ferramentas explicativas resultantes das coletas dos dados e da interpretação das informações obtidas, logo foram construídas as formas explicativas de exposição da pesquisa, tais como: mapas; quadros; box; tabelas e demais ferramentas explicativas.

Com bases nos objetivos da pesquisa juntamente com os procedimentos metodológicos a dissertação está estruturada em seis seções, organizadas na lógica clássica de estudos científicos, partindo dos elementos teóricos, para apresentar os aspectos históricos e finalizar com as inferências da pesquisa.

De maneira que a dissertação parte da apresentação do campo de estudo da Geografia da Religião, para em seguida expor os conceitos utilizados ao longo do texto, posteriormente é apresentada um síntese histórica do movimento pentecostal brasileiro, enfatizando os acontecimentos após o início dos anos 1990, depois o texto aborda a difusão nacional das três redes abordadas na pesquisa desde o começo dos anos 1990, por fim a dissertação

aborda a internacionalização dessas organizações com base no mesmo período e categorias da parte interior.

Assim a segunda sessão da dissertação é nomeada *o estudo da religião na geografia*, responsável pela apresentação da agenda de pesquisa geográfica sobre a religião, bem como pela exposição das perspectivas da ciência geográfica sobre o tema.

Na terceira sessão intitulada *marcos conceituais da Geografia no estudo das redes de paradiplomacia eclesiástica* são expostos os conceitos escolhidos para servirem de base analítica, para a compreensão da propagação do movimento pentecostal brasileiro nas esferas nacional e internacional.

A quarta sessão *chamada o protestantismo no Brasil e a explosão do pentecostalismo no país* apresenta um síntese do protestantismo no Brasil, com ênfase no movimento pentecostal e os desdobramentos da expansão desse movimento a partir dos anos 1990.

A quinta sessão nomeada *a difusão nacional do pentecostalismo brasileiro (1991 a 2013)* condensa o estudo da expansão do pentecostalismo no Brasil, na investigação da difusão nacional das três redes pentecostais escolhidas na pesquisa.

A sexta sessão rotulada de *a difusão internacional do pentecostalismo brasileiro na América do Sul (1991-2013)*, trata das mesmas três igrejas evangélicas brasileiras, considerando os mesmos aspectos, contudo o enfoque é a transnacionalização das redes, principalmente na América do Sul.

## 2 O ESTUDO DA RELIGIÃO NA GEOGRAFIA

A presente seção tem como objetivo expor a relação da geografia com a religião, apresentado a evolução da fé como objeto de estudo da ciência que examina o espaço, assim apresenta as abordagens da ciência geográfica sobre a religião, para compreender as formas com as quais a fé se espacializa.

Dessa maneira é proposta uma sistematização dos estudos geográficos acerca da religião, assim é sugerida a ideia de duas visões geográficas sobre a religião, de um lado a abordagem culturalista pós-moderna, de outro lado a abordagem materialista política.

Para atingir esse objetivo o texto está estruturado em três partes, primeiro a seção intitulada *introdução aos marcos teóricos da geografia sobre a religião*, a segunda parte é nomeada *a geografia sob o enfoque da geografia política*, por fim a terceira seção recebeu o título de *a religião sob o enfoque da geografia cultural*.

Na primeira seção intitulada *introdução aos marcos teóricos da geografia sobre a religião* é demonstrada a perspectiva geográfica sobre a religião, apresentando os motivos de a religião ser negligenciada pela geografia no surgimento da disciplina e também são apresentadas as duas escolas dominantes da geografia acerca da religião.

Na seção intitulada *a geografia sob o enfoque da geografia política* é mostrada a geografia política da religião e a geopolítica da religião, assim como é abordado o aumento da importância política, geopolítica, social e econômica da religião nos últimos anos, fortalecendo o papel dos líderes e instituições religiosas.

Por fim, na seção nomeada *a religião sob o enfoque da geografia cultural*, são expostas as influências do humanismo, da metodologia pós-moderna e de outros campos sobre a abordagem culturalista da religião, focada nos aspectos simbólicos da fé.

## 2.1 INTRODUÇÃO AOS MARCOS TEÓRICOS DA GEOGRAFIA SOBRE A RELIGIÃO

O nascimento da ciência geográfica aconteceu principalmente na Alemanha e na França em meados do século XIX, naquele momento surgiu uma série de ciências modernas, nesse mesmo período a civilização ocidental rompia com a simbiose entre o Estado e a religião.

A religião não foi um tema relevante na Geografia clássica, de maneira que a religião não era considerada objeto da disciplina naquele período, assim sendo, não existia uma metodologia nem um conjunto de conceitos e temas com os quais a geografia se relacionava com a religião.

Do nascimento da geografia até os anos 1950, a geografia era uma disciplina basicamente positivista e naturalista, negligenciando a psicologia e a mentalidade da cultura, as análises eram focadas nos elementos materiais da cultura como as técnicas e as paisagens (CLAVAL, 2002).

Logo, a abordagem material das culturas, como era o alvo da geografia humana da época, não abarcava os sentimentos e mentalidades religiosas, por isso, a religião estava fora dos estudos culturais da geografia clássica, pois a religião é primeiramente presente nas mentes dos fiéis, para em seguida materializar-se espacialmente.

Segundo Terra (2008) na geografia positivista o homem era retratado com uma parte do ambiente, ao passo que os geógrafos negligenciavam os aspectos sociais. No positivismo a racionalidade utilizada para explicar o espaço não permitia a inclusão da religião. Para os geógrafos daquele período a religião não servia para entender as discussões levantadas pela disciplina naquele momento.

A falta de questões sociais na geografia clássica tirava da disciplina a abordagem acerca de importantes desdobramentos da religião sobre o espaço, além disso, a ausência da análise social impedia a percepção espacial de aspectos relativos à cultura e religião.

O positivismo foi marcado pelo apelo ao utilitarismo e ao funcionalismo, com base nestes dois pilares, as investigações acerca da religião foram prejudicadas durante todo o período no qual essa corrente dominou a Geografia haja vista a impossibilidade de abordar a religião a partir destas duas premissas (GIL FILHO; SILVA, 2009).

Nesse mesmo período as ciências eram dominadas pelo determinismo, na Geografia essa tendência era ainda mais forte na forma do geodeterminismo, cujos conceitos influenciaram os estudos geográficos sobre a religião, logo as religiões bem como suas características eram concebidas como resultados do meio ambiente, ou seja, eram determinados pelo espaço (PEREIRA, 2013).

Com base no geodeterminismo, as religiões foram classificadas conforme o espaço, assim o monoteísmo foi um produto da região desértica, algumas religiões politeístas por sua vez foram resultado do clima litorâneo ou de densas florestas. Para entender as formas, rituais e outras práticas das religiões, o espaço era a explicação única.

A explicação geodeterminista simplificou todos os aspectos da religiosidade, não levando em consideração, os processos, as estruturas, os agentes e as profundas mudanças acontecidas nas religiões, além do mais, os impactos da religião sobre o espaço não foram abordados, mas apenas os impactos do espaço sobre a religião.

Além disso, as religiões não são mais circunscritas ao espaço nos quais nasceram, principalmente as três grandes religiões monoteístas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, pois o primeiro difundiu-se juntamente com os seus fiéis pelo mundo e os dois últimos possuem grande apelo missionário e expansionista.

A aceitação da religião como um objeto de estudo da geografia acontece principalmente com o surgimento da nova geografia cultural em meados dos anos 1970, além disso, a geografia e a geopolítica revigoraram a abordagem dos aspectos religiosos que impactam na política interna dos países e nas relações internacionais.

A geografia cultural renovada nos anos 1970 introduziu uma nova metodologia na geografia que permitiu a religião entrar para o conjunto de



objetos de estudo da ciência geográfica, nesse caso a religião seria estudada nos seus aspectos simbólicos e imateriais.

No mesmo caminho a geografia política e a geopolítica incorporaram na sua agenda de estudos temas ligados à religião, bem como os impactos da fé na dimensão política do espaço e os desdobramentos geopolíticos da religião nas relações internacionais.

Conforme Silva (2012), a religião pode ser analisada através de dois entendimentos, de um lado a religião é um sistema concepções e significações, contendo os comportamentos que decorrem destas acepções, nessa concepção são abordados os aspectos imateriais da religião, de outro lado, os fenômenos religiosos são as manifestações deste grupo de concepções, nesse caso os fenômenos religiosos são referentes aos aspectos materiais e físicos da religião.

Segundo Park (2004), a geografia da religião trabalha com duas abordagens muito diferentes entre si, a primeira investiga o papel da religião na transformação das percepções das pessoas no mundo e onde e como as pessoas se encaixam nele, nesse ramo é explorado o papel da teologia e cosmologia na construção de compreensão do universo, que pode ser entendida como a abordagem culturalista da geográfica sobre a religião

Para Park (2004), a segunda abordagem geográfica não está preocupado tanto com a religião em si, mas com as muitas diferentes maneiras nas quais a religião se expressa, e aborda a religião como uma instituição humana, para entender os seus desdobramentos, nesse caso se encaixa a abordagem geográfica materialista.

Dessa forma, a religião possui duplo impacto sobre o espaço, pois, primeiramente a religião impregna os seus adeptos com os seus ensinamentos, transformando o significado, a visão e a concepção de espaço dos fiéis, por outro lado, a religião interfere materialmente no espaço através das práticas religiosas dos seus adeptos.

Os temas de estudos da abordagem culturalista da religião não se restringem a descrição dos espaços religiosos e demonstração da localização desses locais, mas principalmente são estudados os símbolos religiosos e os seus impactos sociais, culturais e os desdobramentos políticos e econômicos resultantes das espacialidades das concepções religiosas (SOUZA, 2011).

Conseqüentemente a abordagem culturalista da geografia aborda os símbolos religiosos com diferentes perspectivas, como os aspectos econômicos, político, social e etc. Além disso, analisa a relação da religião com vários outros fatores que impactam sobre o espaço geográfico.

Os temas de estudo da abordagem materialista representada principalmente pela geografia política e geopolítica são diferenciadas do enfoque culturalista, de maneira que assuntos como demografia religiosa, difusão geográfica das religiões, territorialidades religiosas, redes religiosas, paisagens religiosas constituem-se alguns dos temas abordados pelos geógrafos (MARQUES, 2011).

Nesse sentido se desenvolveram duas escolas de estudos espaciais da religião diferentes, de um lado está à abordagem culturalista reflexiva com metodologia predominantemente pós-moderna com apelo a pluridisciplinaridade, de outro lado está o enfoque materialista representado principalmente pela geografia política e pela geopolítica, com estudos voltados para dimensão espacial política da religião.

No âmbito dos estudos culturalistas da religião, existem duas escolas de destaque no Brasil, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), desde 1993 existe o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) com a agenda focada na dimensão espacial da cultura.

No estado Paraná, a Universidade Federal do Paraná (UFPR), existe desde 2003 o Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER), com o objetivo de estudar a religião em vários aspectos através interdisciplinaridade com o apoio das demais ciências humanas.

No caso dos estudos de geografia política e de geopolítica da religião, as principais escolas encontram-se na Europa, com destaque para a Universidade Sorbonne de Paris, o Instituto de estudos geopolíticos de Genebra e principalmente para a Universidade Católica de Paris que possui mestrado em geopolítica e relações Internacionais com foco na religião.

## 2.2 A RELIGIÃO SOB O ENFOQUE GEOGRAFIA POLÍTICA

A geografia política é um campo clássico da geografia, embora não seja o ramo da geografia com a pesquisa mais sedimentada sobre a religião, a disciplina pode cooperar com as investigações acerca da fé, principalmente nos temas acerca da relação entre religião e política, assim como sobre os conflitos religiosos.

O nascimento da geografia política se deu na Alemanha com o estudioso Ratzel na última década do século XIX, nesse momento surge o estudo sistemático da dimensão espacial da política, para o autor alemão o estado era a organização do espaço com base em um determinado grupo humano, inclusive os grupos religiosos (VESENTINI, 2010).

Nesse sentido o estudo da religião existe na geografia política desde os tempos da fundação da disciplina, contudo foi em meados do século XX que a religião ganhou força como objeto de estudo desse campo, um das causas principais desse acontecimento é o crescimento da influência política das religiões nos últimos anos.

Segundo Knott (2005) a religião desempenha o seu papel na produção e reprodução do espaço social através da expansão transnacional de comunidades religiosas, pelo meio das raízes sociais nos contextos nacionais e locais, também se expressa por meio da mobilidade dos seus adeptos, na palavra impressa e no ciberespaço, bem como através de seus atos espaciais, como os rituais ou outras performances.

De maneira que a religião possui várias formas de causar impactos espaciais no ambiente, logo os desdobramentos da fé no contexto local e nacional, assim como a difusão da mensagem religiosa causam influências significativas na geografia política dos países.

Para investigar a dimensão espacial da política da religião, a geografia política se vale de contribuições de outras disciplinas haja vista a grande quantidade de formas com as quais a religião interfere na geografia política, bem como em outras dimensões da vida humana.

É reconhecida a interferência da fé no cotidiano das pessoas influenciando em vários aspectos geográficos das sociedades, portanto, a religião pode ser a explicação para a distribuição da população humana, a disposição das paisagens e dos espaços influenciados pela fé. (MEZZOMO; MEZZOMO; BONINI, 2012).

Enfim, a fé transforma o ambiente recorrentemente atingindo inúmeros objetos de pesquisa da ciência geográfica, conseqüentemente a geografia desenvolveu vários conceitos para abordar as religiões, como resultado se desenvolveu uma agenda de estudo sobre a religião.

A religião é a visão de mundo dominante para muitas pessoas que não têm vínculo emocional com o estado-nação. Considerando que determinados líderes religiosos possuem incomparável capacidade de mobilização das massas, em muitos casos bastante superior aos Estados-Nacionais. (DIJKINK, 2008).

De maneira que a religião pode ser mais influente sobre a geografia política que o próprio objeto de estudo preferencial da mesma, o estado-nação, pois a lealdade das pessoas para com os países tem sido relativizada, enquanto que as religiões tem aumentado sua importância política recentemente.

Para entender as religiões é preciso inicialmente entender suas dinâmicas internas, embora existam inúmeras diferenças entre todas as religiões, o que torna impossível classifica-las num único texto, são presentes algumas características comuns na maioria das religiões existentes.

Figura 1 - Características fundamentais das religiões

<i>Crenças</i>	<i>Divindade(s)</i>	<i>Rituais</i>	<i>Espaço</i>	<i>Sacerdotes</i>
Os sistemas de crenças representam concepções acerca da vida, da morte, do homem, bem, como do criador e/ou deuses.	Um ou vários seres superiores com poderes de influência sobre o homem como: os anjos; os deuses e os demônios.	A concepção das cerimônias ritualísticas é conectar os fiéis às divindades, razão pela qual os rituais são coletivos ou individuais.	Os templos, igrejas, mesquitas e etc. Locais onde os religiosos se encontram para a prática dos atos religiosos.	Os guias espirituais ou sacerdotes são responsáveis pela ajuda aos fiéis na relação com a divindade, podendo ter diferentes denominações

Fonte: Baseada em Silveira (2013).

Conforme o Figura 1, existe cinco atributos principais nas religiões que em conjunto formam a base de fé dos membros dessas crenças, inicialmente essas cinco propriedades baseiam a forma como estão estruturadas a maioria das religiões conhecidas.

Além das características internas, as religiões também se diferenciam entre si pela forma como disseminam sua mensagem e pela maneira como estão espalhados os seus fiéis no mundo, nesse caso existem três grandes tipos de religião com diferentes escalas de distribuição espacial no mundo.

Com base no Figura 2, as religiões se classificam em três escalas de espacializações que são: o primeiro grupo, onde o impacto geográfico da fé é restrito ao espaço local, onde ocorrem os cultos e residem os fiéis, nesse caso não existe o apelo expansionista.

No segundo grupo as religiões possuem influência superior e uma ligação com agrupamentos humanos maiores com relações mais complexas. No terceiro grupo as religiões operam em praticamente todo o globo terrestre com grande peso institucional e forte influência sobre o espaço.

Figura 2 – Tipologia espacial das religiões

<i>Religiões Locais</i>	<i>Religiões Nacionais</i>	<i>Religiões Mundiais</i>
Religiões de comunidades e povos tribais existentes nos diferentes continentes do mundo, cuja característica preponderante é politeísmo, tornando convergentes as vidas social e religiosa em função dos valores existentes e da organização social.	Religiões históricas presentes nas grandes civilizações da antiguidade como: egípcia; germânica; grega. Algumas dessas características ainda são presentes no hinduísmo da Índia e do Xintoísmo do Japão. Neste grupo geralmente a religião se confunde com o estado teocrático.	O padrão religioso monoteísta alcançou massivamente o globo, influenciando na própria construção do Estado moderno. O monoteísmo é constituído pelo judaísmo, religião que fundou o monoteísmo, o Cristianismo e o Islamismo, primeira e segunda maiores religiões mundiais.

Fonte: Damaceno (2009).

Conforme Haynes (2009) após o fim da Guerra-Fria a religião tem se politizado, principalmente as religiões mundiais (Budismo, o Cristianismo, Confucionismo, Hinduísmo, Islamismo e Judaísmo). Nesse sentido muitos estudiosos apontam a revolução iraniana de 1979 como o marco do reaparecimento da religião como um vetor político importante no mundo.

Dessa forma as religiões mundiais, são as confissões de fé com maior impacto sobre o espaço, com influência global, onde os líderes possuem grande apelo junto às massas e relevância política, sendo importantes vetores nas disputas eleitorais de muitos países.

De maneira que as religiões mundiais são as religiões mais estudadas na abordagem política da dimensão espacial da religião, pois essas possuem poder de influenciar politicamente no espaço bastante superior quando comparado às demais religiões que não são globais.

### **2.2.1 Espacialização da Religião na Geografia Política**

No caso da geografia política a contribuição com o estudo da religião se dá na compreensão da crescente influência da religião sobre a vida pública nas sociedades, além de abordar a secular relação da religião com estado e como essa interação se manifesta no espaço.

A relação do estado com a religião é secular, nos séculos passados a maioria dos Estados-nacionais mantinham relações carnis com a religião dominante, no entanto o movimento de secularização iniciado séculos atrás cortou ligação direta entre religião e estado colocando as duas instituições em patamares diferentes.

A secularização da sociedade foi iniciada no Ocidente séculos atrás, três princípios formaram a base do movimento, primeiramente as convicções religiosas ficaram restritas à esfera privada das pessoas, em segundo lugar o estado tornou-se neutro diante das diferenças religiosas e por último aconteceu à separação entre a religião e o estado (BURITY, 2001).

Entretanto recentemente a secularização do estado tem sido relativizada por uma série de acontecimentos, dentre os quais se destacam: a regulação do estado em temas referentes à religião; a disposição das religiões em impor sua mensagem religiosa politicamente; políticas públicas contra a intolerância religiosa; o aumento da importância eleitoral das religiões; a relevância política histórica de algumas religiões e a competição das religiões por espaços públicos.

Sendo assim, a secularização tem perdido força no ocidente onde foi dominante e contestada no oriente onde em muitos casos nunca existiu, conseqüentemente movimentos contrários à politização da religião também tem se manifestado, gerando um debate acerca do papel da religião na política e conseqüentemente na geografia política.

No âmbito da geografia política, um dos principais agentes da espacialização são as organizações religiosas, pois estas conferem peso institucional para a mensagem religiosa, assim as religiões institucionalizadas possuem maior poderio econômico político e social para criarem os seus territórios.

Dessa maneira o cristianismo, por exemplo, é fortalecido através da existência de organismos como Igreja Católica Romana, as Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus e a Aliança Batista Mundial haja vista o papel político econômico e social dessas instituições na difusão da fé cristã.

As instituições religiosas possuem importância diferenciada, enquanto algumas têm peso político e econômico capaz de impactar decisivamente em disputas políticas nacionais, outras têm menos mesmos recursos, mas exercem influência sobre um número considerável de fiéis, por fim alguns aparatos religiosos tem importância local sobre um pequeno número de fiéis.

A interpretação do discurso religioso cria as instituições religiosas, tais organizações são as responsáveis pelos caminhos tomados por determinada religião, de inovação ou de tradição, além disso, as instituições são a forma final de espacialização das religiões (GIL FILHO; SILVA, 2009).

Os organismos religiosos respondem pela competitividade das religiões, enquanto umas organizações se adaptam rapidamente renovando seu discurso, mantendo ou aumentando o número de fiéis, outras instituições

tem dificuldade com as mudanças acontecidas no interior da sociedade e demoram em adaptar sua mensagem para os novos tempos.

Dessa forma, o discurso religioso é relativizado pelo papel das instituições que podem transformar as características de uma religião conforme a forma com a qual os seus líderes lidam com os movimentos sociais, políticos, econômicos e ideológicos próprios do seu tempo.

As inúmeras organizações religiosas brasileiras possuem acentuada influência sociocultural, nesse cenário, uma grande quantidade de instituições diferentes divide as mesmas cidades e ruas, razão pelo qual tamanha diversificação é causada pelas grandes transformações religiosas acontecidas no país nas últimas décadas (MEZZOMO; MEZZOMO; BONINI, 2012).

No Brasil a pujança religiosa e especialmente cristã criou uma gama de organizações religiosas com infraestrutura grandiosa, capacidade financeira, acesso aos meios de comunicação de massa, expansão internacional e principalmente com intenso crescimento do número de fiéis.

A difusão das religiões tem sido beneficiada pela tecnologia haja vista a transmissão das mensagens religiosas pela internet, embora as religiões precisem dos espaços sagrados e da relação entre os fiéis para seu fortalecimento, nos casos nos quais os fiéis não podem participar dos eventos religiosos, a internet é uma boa ferramenta (MARQUES, 2011).

No caso das instituições religiosas brasileiras, os meios de comunicação são as ferramentas principais de territorialização, de maneira que através de um computador, televisão ou rádio os fiéis podem observar os mais comunicativos e carismáticos líderes religiosos, como se fossem artistas do entretenimento.

O fenômeno da mídia religiosa gerou no Brasil um novo tipo de empresário da comunicação, são os pastores pentecostais cuja força econômica está no número crescente de fiéis e mantenedores, nesse sentido muitos espaços nas grandes emissoras são ocupados por esses líderes e até mesmo muitos meios de comunicação foram comprados por igrejas evangélicas.

Com a mídia religiosa a relação entre sacerdote, templo e fiel tornou-se mais difusa, assim um líder religioso pode conquistar um fiel que reside a milhares de quilômetros do local onde é realizado o ritual, consequentemente



as disputas entre as religiões ganhou outro terreno, a capacidade de obtenção de espaços na mídia.

Além de líderes e sacerdotes, a mídia religiosa inclui celebridades, artistas, espetáculos e outros artifícios que as religiões se utilizam para exporem sua mensagem para o grande público, assim o espaço midiático religioso tem contribuído para o fortalecimento dos territórios religiosos.

Conseqüentemente na abordagem política da geografia da religião, dentre os elementos materiais principais destacam-se as instituições das grandes religiões mundiais, logo o papel desses organismos possui grandes impactos sobre a dimensão política das religiões.

### **2.2.2 A Geopolítica das Religiões**

A geopolítica da religião estuda principalmente os impactos espaciais da religião sobre a política internacional, com enfoque principalmente nos conflitos religiosos, no papel das religiões como solução de conflitos, assim como trata das maiores religiões do mundo e a difusão internacional das religiões.

A maioria dos exemplos contemporâneos da fusão entre a geopolítica e a religião são baseados na atuação de atores não estatais, como na operação de algumas instituições religiosas ou políticas que se utilizam do discurso religioso, também é importante o papel de líderes religiosos (DIJKINK, 2008).

Conseqüentemente a geopolítica das religiões não é centrada no estado, pois incorpora outras características e atores, todavia o impacto da fé sobre a geopolítica dos países tem aumentado recentemente, com base principalmente nos líderes e nas instituições religiosas.

Conforme Agnew (2006) a religião é uma influência crescente sobre a política atualmente. No Oriente Médio e nos Estados Unidos isso é particularmente claro, mas é também evidente na África, com uma religiosidade presente nas populações muçulmanas e na proliferação de Igrejas pentecostais. Na América Latina onde grupos protestantes como os pentecostais e os mórmons tem obtido tremendo sucesso na evangelização.

Assim a fé é um vetor geopolítico mundial com ocorrência em vários espaços com diferentes histórias, índice de desenvolvimento humano e capacidade econômica haja vista a importância política da religião nos Estados Unidos, o país mais rico do mundo e em certos países africanos que estão entre as nações mais pobres da terra.

A importância da religião inclui focos sobre várias questões, como a tese de Samuel Huntington de “choque das civilizações”, outros salientam o potencial da religião para ajudar a resolver os conflitos políticos e ser um componente importante da construção da paz, certos estudiosos apontam a influência da religião em várias manifestações de terrorismo, outro segmento demonstra o debate entre a religião e a ciência como no embate entre a teoria da evolução e a tese do design inteligente (HAYNES, 2009).

A tese de Samuel Huntington, por exemplo, obteve grande respaldo em meados dos anos 1990, por outro lado o terrorismo religioso tem ganhado espaço nos últimos anos, logo a geopolítica apresenta várias interações com as religiões, variando conforme o ponto de vista do pesquisador.

Para entender a ligação entre religião e geopolítica é necessário entender de que forma a política internacional é influenciada pela fé e como essa relação se manifesta no espaço, então é possível para o geógrafo entender quais os objetos de estudos da geopolítica da religião.

Figura 3 – Fatores religiosos que influenciam a geopolítica

<i>Conflitos religiosos</i>	<i>Líderes religiosos globais</i>	<i>Vida Religiosa doméstica</i>	<i>Construção de Valores</i>
As guerras étnicas ou religiosas podem espalhar-se para além das fronteiras dos países no quais estão acontecendo os conflitos, dessa maneira as populações	Alguns líderes religiosos possuem grande visibilidade em nível internacional, conseqüentemente possuem grande influência política, alta visibilidade nos meios de comunicação e grande apelo aos fiéis	Aspectos religiosos domésticos de um determinado país podem influir no cenário internacional, como no caso da religião influir nas eleições de país, na influência cultural	As religiões têm grande influência na formação cultural das nações, motivo pelo qual o próprio sistema internacional de estados carregar ideais e conceitos

envolvidas nesses embates podem muitas vezes migrar para os países vizinhos.	de sua religião, alguns exemplos são: o papa católico; o Dalai Lama e o patriarca da Igreja Ortodoxa.	da religião sobre a política externa ou no caso de um estado Teocrático como o Irã.	religiosos, tais como: valores; princípios; normas e fundamentos éticos.
--	---	---	--

Fonte: Baseada em Soares (2012).

De acordo com a Figura 3, são quatro elos entre a religião e a geopolítica, o primeiro elemento refere-se ao potencial espalhamento internacional de conflitos religiosos nacionais, o segundo fator trata da relevância política dos grandes líderes religiosos que possuem autoridade espiritual sobre fiéis de sua religião em várias partes do globo.

O terceiro componente é alusivo aos desdobramentos geopolíticos de aspectos religiosos internos dos países e por último é demonstrado o papel das religiões na construção dos valores, regras, instituições e normas com os quais os países se relacionam.

Além desses elementos a religião tem incidido na Geopolítica de outras maneiras, como no caso do fundamentalismo religioso presente principalmente nas grandes religiões monoteístas e nos eventos ligados ao terrorismo religioso recorrentes em países como Iraque e Afeganistão.

### **2.2.3 Religiões como Meio de Conflito e como Meio de Paz**

A relação entre a religião e os conflitos tem suscitado um debate acerca do papel da fé nos embates, de um lado está o grupo que acredita no papel conflitivo das religiões e definem as mesmas como fontes de guerras, de outro lado estão os defensores da religião como ferramenta na solução de conflitos, no diálogo para a aproximação entre inimigos e como um instrumento para a diminuição das rivalidades.

Entre os defensores da religião como fonte de conflitos, os argumentos apontam para os aspectos presentes nos discursos religiosos com possíveis

desdobramentos negativos para a tranquilidade da sociedade, além de demonstrar os conflitos existentes onde o fator religioso está presente.

Um argumento que corrobora com esta visão é a utilização da mensagem religiosa como instrumento ideológico organizado para fundamentar a violência, o preconceito e o desrespeito, além disso, certas mensagens religiosas tem fortalecido a sensação de superioridade cultural de adeptos de algumas religiões em relação a outras (ROCHA, 2012).

Assim a religião é mostrada como uma fonte de conflito com base nos efeitos negativos do seu discurso cuja interpretação pode acarretar em atitudes racistas, suprematistas, xenófobas e até mesmo pode gerar violência física em determinados casos.

Outra constatação que apoia esse lado é a recorrência dos conflitos religiosos no globo terrestre, seja no âmbito interno ou na esfera internacional, no interior destas disputas também existem elementos alheios à religião como a economia, o território e a geopolítica, ao passo que esses fatores contribuem para o acirramento dos conflitos religiosos (PALHARES, 2010).

Portanto, são citados exemplos nos quais a religião gerou conflitos ou foi um dos fatores que possibilitou a escalada de violência entre determinados agrupamentos humanos, de maneira que os argumentos desse lado do embate se sustentam em casos práticos onde a religião gerou os conflitos.

Do lado do grupo que acredita na religião como fonte de solução para os conflitos, o discurso defende os aspectos pacifistas e humanistas das religiões, e a capacidade das mesmas em unir as pessoas, por fim são apresentados exemplos onde a Religião atuou como instrumento de paz.

Nesse lado do embate está o papel dos discursos religiosos, pois a maioria das religiões possui nas suas mensagens o apelo pelo respeito e tolerância entre as pessoas, além disso, algumas religiões atuam na luta pela justiça e contra a violência que atinge os seres humanos (AMALADOSS, 2002).

Como no outro lado do embate, os defensores da religião como fonte de solução de conflitos demonstram os efeitos do discurso religioso cuja interpretação atua em seu favor, logo os defensores da pacificidade das religiões demonstram os elementos positivos das mensagens religiosas.

Desse mesmo lado do debate são mostrados os casos onde as religiões colaboraram na pacificação ou mediação dos conflitos, como

aconteceu no caso da pacificação do Sudão em 1972, na transição pacífica do apartheid na África do Sul e na ajuda para o fim da Guerra Civil em Moçambique no anos de 1992 e 1993 (SMOCK, 2006).

Assim como os seus rivais, os defensores da religião como solução conflitos citam vários exemplos nos quais a religião ajudou na solução conflitos, sendo assim os argumentos desse lado do embate também se sustentam em casos práticos onde a religião cooperou na solução dos conflitos.

Para finalizar, o embate apresenta duas vertentes com argumentos parecidos, ambas apontam características nos discursos religiosos que favorecem o seu lado e também citam casos onde a religião operou conforme a sua visão, de modo que as duas perspectivas possuem relevância e se comprovam na prática, dependendo do caso em questão.

### 2.3 A RELIGIÃO SOB O ENFOQUE DA GEOGRAFIA CULTURAL

A nova geografia cultural foi um movimento de renovação da geografia ocorrido nos anos 1970, entre as principais contribuições dessa mudança foi o estabelecimento da religião como um tema da geografia. A nova geografia cultural introduziu a metodologia, a temática e a inteligibilidade necessárias para a aceitação da religião como um objeto de estudo da Geografia.

Entretanto, os estudos culturais na Geografia não nasceram nos anos 1970, anteriormente a esse período principalmente na Alemanha, nos Estados Unidos e na França foram elaborados vários trabalhos e conceitos preocupados com a importância da Cultura no espaço.

Conforme Voigt e Bezzi (2012), os alemães contribuíram ao exporem as técnicas, as ferramentas e as paisagens para a produção do espaço, ao passo que os americanos apresentaram os impactos da cultura sobre os seres vivos, vegetais, animais e a paisagem em geral, da mesma maneira, os franceses introduziram a abordagem do relacionamento entre o homem e a paisagem.

Contudo, a antiga Geografia Cultural da Alemanha, dos Estados Unidos e da França não possuía similaridades com a nova Geografia Cultural, embora

os estudos anteriores elaborados nos três países possuem relevância, os trabalhos daquele período eram preocupados principalmente com os aspectos materiais da cultura.

Até os anos 1940, os estudos culturais da Geografia abordavam apenas os impactos da cultura na paisagem, no mesmo período os estudos culturais avançavam rapidamente, no caso da antropologia, aspectos mentais e psicológicos da cultura já eram vistos como influências na sociedade (ZANATTA, 2008).

O antecedente principal da geografia cultural foi a geografia humanista nos anos 1960, nascida como uma reação a dominação neopositivista da disciplina nas décadas anteriores, com foco na economia e na explicação com base nos métodos quantitativos. A nova geografia humanista contrapôs os modelos anteriores, focando na percepção do homem do espaço, com a criação do conceito *espaço vivido* (HENRIQUES 2001/2002).

A reação da geografia humanista contra o neopositivismo consistiu na busca do humanismo compreender os aspectos sociológicos e culturais do espaço, ou seja, os elementos presentes na imaterialidade da ação humana, por esta razão o homem resgatou o cerne das preocupações dos geógrafos.

Conforme Zanatta (2008) a geografia cultural desde o início interagiu com a metodologia pós-moderna, conseqüentemente os elementos materiais deram lugar ao estudo das representações, dos significados e dos valores como elementos criadores da identidade e transformadores do espaço.

De maneira que a abordagem pós-moderna representa uma importante característica da abordagem culturalista da religião, focada principalmente nos elementos simbólicos da fé onde a metodologia pós-moderna coopera positivamente para o estudo dos temas dessa área.

No nascimento desse novo ramo da geografia, a alteração mais marcante foi à mudança do conceito de cultura, assim como a diversidade de contribuições e influências. Com o objetivo de aprofundar os estudos acerca da relação da cultura com o espaço, ocorreram influências importantes como: da hermenêutica; da semiótica; da literatura e da fenomenologia (LOPES, 2010).

Assim a pluralidade marca essa abordagem, pois a dureza do conceito de cultura foi quebrada com a proposição de múltiplas concepções de cultura,

assim como as influências são oriundas das mais variadas áreas do conhecimento, principalmente das ciências humanas.

Outra influência foi à filosofia dos significados, que ajudou os novos geógrafos culturalistas a vencerem a dominação positivista baseado na fragmentação, na generalização, no reducionismo quantitativo e na extrema especialização. A contribuição baseou-se na interpretação das experiências, dos sentimentos, da intersubjetividade, da intuição e da compreensão (ZANATTA, 2008).

Através de tantas contribuições a geografia cultural se fortaleceu, apresentando uma agenda de estudos própria, um conjunto de conceitos e uma serie de influências metodológicas e técnicas, com o objetivo de abordar a cultura e outros temas concorrentes como a religião.

Depois dos anos 1970, a Geografia Cultural muda de patamar e é classificada como um ramo da Geografia humana, assim como a Geografia econômica e a Geografia política. Com o alvo principal de compreender os significados com os quais o homem vive o espaço e a sua própria vida (CLAVAL, 2002).

Como ponto de partida da Geografia Cultural é necessário apresentar a forma com a qual a disciplina lida com o seu objeto de estudo, a Cultura, nesse sentido a Geografia Cultural apresenta não apenas uma única visão da cultura, mas alguns entendimentos diferentes acerca do tema.

Figura 4 – Concepções de cultura

<i>Know-how</i>	<i>Escolha cultural</i>	<i>Identitária</i>
A cultura representa o conjunto de práticas, conhecimentos ( <i>know hows</i> ), e valores recebidos pelas pessoas. A cultura modifica-se com o tempo, manifesta-se nas características individuais e sociais, além não ter uma única composição já que se apresenta em evolução dinâmica e com mutações.	Esta abordagem considera a cultura como um conjunto de regras, princípios e valores que determinam as ações das pessoas. Essa visão da cultura focaliza a imutabilidade da mesma, de maneira que ela tem um caráter instrumental na escolha de elites e lideranças ou mesmo na estratificação social.	A concepção identitária apreende a cultura como um grupo de costumes e práticas que marcam a construção social, motivo pelo qual determinado grupo humano mantém sua coesão interna já que existe uma construção social alicerçada em identidades coletivas.

Fonte: Baseada em Claval (2002).

Conforme a Figura 4, existem três concepções com as quais o Geógrafo aborda o seu principal conceito, assim conforme a forma como a pesquisa é proposta, o tema da investigação ou a preferência do pesquisador, podem ser utilizadas diferentes visões do conceito de cultura.

A primeira concepção de cultura adequa-se mais facilmente nas pesquisas referentes às formas, empreendimentos e impactos materiais da cultura, onde a cultura é presente na economia e na paisagem, ou seja, é uma concepção referente à importância das culturas sobre as técnicas, conhecimento e tecnologias.

Na segunda concepção, a contribuição é importante no estudo dos princípios, das normas, das tradições e dos valores presentes na cultura, de maneira que a cultura manifesta-se na criação das leis, dos costumes, das ações e das práticas cotidianas, uma crítica sobre esse conceito, é a sua descrença na transformação das culturas.

A terceira concepção permite ao geógrafo culturalista se debruçar sobre a formação das identidades e a sua relação com o espaço, nesse sentido o conceito é válido no estudo sobre o sentimento de pertencimento, a ligação emocional das pessoas com o espaço, essa concepção teve efeitos sobre alguns conceitos geográficos como, território e região.

Além das concepções de cultura, os geógrafos culturalistas criaram uma série de grandes temas com os quais a maior parte das pesquisas em geografia cultural ocorre, ente as questões mais recorrentes encontram-se: a paisagem; o estudo sobre território e investigações acerca da percepção.

Segundo Claval (2003) a paisagem é um dos objetos de pesquisa predileto dos geógrafos culturalistas, conseqüentemente os geógrafos dessa linha criticam veemente a fragmentação da disciplina em climatologia, geomorfologia, biogeografia, geografia urbana, geografia política e etc. Como resultado da crítica contra a fragmentação, os geógrafos culturalistas são entusiastas das pluridisciplinaridade.

Assim como na fundação da geografia cultural aconteceu uma série de importações de conceitos e metodologias de outras disciplinas, no estudo da paisagem os geógrafos culturalistas defendem a abordagem do conceito com uma ampla variedade de especializações contribuindo para a complexidade da pesquisa, contrária a fragmentação.



Os estudos da percepção, dos sentidos e das representações formam outro campo de pesquisa da geografia cultural, assim sendo, muitos estudiosos tem se debruçado acerca da percepção das populações tradicionais sobre seu espaço, assim como do sentimento dos turistas sobre os locais visitados em comparação com a visão dos habitantes locais acerca dos mesmos ambientes (CLAVAL, 2003).

A percepção do mesmo ambiente com base em diferentes cosmovisões contribui com a descoberta da diferença com a qual os indivíduos lidam com o espaço, logo a própria concepção de espaço varia conforme a cultura, a história do indivíduo e dos povos.

O território pode ser abordado de várias formas, como por exemplo, da dimensão sócio-política, da dimensão jurídica e da dimensão cultural, além disso, a dureza das fronteiras nacionais tem sido contestada ultimamente em todas essas dimensões, por conseguinte na dimensão cultural o valor simbólico, o sentimento de pertencimento juntamente com a identidade coletiva formam os conceitos com os quais os geógrafos culturalistas abordam o território.

Nos estudos sobre território a crítica da Geografia Culturalista sobre a abordagem tradicional do conceito encontrou concordância em muitos outros ramos da geografia, sendo assim a geografia cultural surge como uma das principais abordagens do tema na Geografia contemporânea.

Neste sentido, a formação do território com base na formação das identidades e no sentimento de pertencimento, bem como na construção histórica e social das fronteiras tem sido bastante utilizada na Geografia e não apenas pelos geógrafos culturalistas.

Além de trazer a religião para o conjunto de temas da Geografia, a Geografia Cultural criou uma subdivisão interna, com o nascimento da Geografia da Religião, esta por sua vez se desenvolveu fortemente no Brasil criando um conjunto de conceitos, temas e metodologias próprias que em alguns casos divergem dos princípios da geografia da religião.

No discurso dos Geógrafos culturalistas a ação humana sempre carrega consigo seus significados, logo toda ação humana é simbólica. Assim as atitudes humanas criam diferentes representações espaciais, de modo que

estudar as práticas espaciais significa analisar a imposição dos significados sobre o espaço (LOPES, 2010).

Consequentemente a geografia religiosa é o ramo da Geografia responsável pela compreensão dos impactos da simbologia religiosa sobre o espaço, por conseguinte das maneiras com as quais as práticas espaciais do homem são influenciadas pelo discurso religioso.

A concepção de Deus transmitida pelos líderes das religiões mantém-se culturalmente arraigada nas sociedades, além do mais, os chefes religiosos adaptam a ideia de Deus para satisfazerem seus públicos, assim muitas vezes os métodos e estratégias religiosas mudam com o passar do tempo (PONTES, 2011).

O resultado da permanente renovação dos discursos religiosos é a manutenção da religião como um importante vetor na formação das culturas, portanto, apesar da maioria das religiões terem sido fundadas há séculos ou milênios atrás, algumas ainda possuem grande impacto sobre o cotidiano das pessoas.

A perspectiva da abordagem cultural na Geografia da religião obriga ao geógrafo da religião focar as análises nos elementos simbólicos do espaço sagrado e nos temas acerca dos significados dos aspectos da vida religiosas, embora não excluindo as questões políticas e econômicas (SOUZA, 2011).

Nesse sentido a abordagem culturalista da geografia da religião é focada principalmente nos elementos imateriais da fé, assim os temas mais pesquisados nesse ramo são: espaços sagrados; símbolos religiosos; discurso religioso; territorialidades religiosas e etc.

### **2.3.1 A Espacialização da Religião na Geografia Cultural**

A espacialização dos elementos imateriais da fé possui características abstratas, obrigando ao pesquisador um esforço de interpretação maior do espaço e da religião, da mesma forma, impõe ao geógrafo culturalista da religião uma busca pela pluridisciplinaridade.

Segundo Fernandes (2012), pode-se dizer que existem três níveis de espacialização da religião: a primeira espacialidade refere-se aos elementos

materiais, como os locais de culto e outros espaços sagrados, a segunda espacialidade é ligada a linguagem da religião, ou seja, aos discursos e símbolos religiosos, a terceira espacialidade é o campo do conhecimento religioso, nesta esfera encontram-se as tradições escritas e orais da religião e os sentimentos religiosos consequentes.

A primeira espacialidade da religião é referente aos espaços onde são praticados os cultos de adoração a divindade, também é alusiva aos locais de comunhão entre os fiéis, em suma, aborda os locais separados para as práticas religiosas dos fiéis e demais espaços físicos importantes para as religiões.

A segunda espacialidade aborda os discursos formadores das religiões, esses possuem importância fundamental para as religiões, pois no nível discursivo acontecem os primeiros desdobramentos religiosos, também é nesse âmbito que as religiões surgem e se difundem pelo globo.

A terceira espacialidade inclui um fenômeno religioso ainda negligenciado na academia, a ciência interna das religiões, esse ramo das religiões contribui para o fortalecimento intelectual das religiões, as maiores religiões do mundo como o Islamismo, Budismo, Cristianismo, Hinduísmo e Judaísmo possuem grande tradição na formação de seus sacerdotes e na pesquisa histórica e científica.

No âmbito da formação dos territórios religiosos, as religiões possuem territorialidades diferentes, a formação do território de uma religião inclui vários fatores como peso institucional, número de fiéis, a relação com outras religiões e as características internas das crenças.

Segundo Fernandes (2005), existem dois tipos de grupos sociais, de um lado estão os movimentos sociais isolados cuja atuação é restrita num determinado espaço geográfico como certas igrejas, esses grupos são considerados isolados não pela falta de contato com outras organizações, mas pela sua limitação geográfica, de outro lado estão os movimentos sociais territorializados que operam em vários espaços como determinadas igrejas, quebrando com isolamento local, criando redes de relações entre vários núcleos locais.

Nesse sentido, as religiões podem ser consideradas locais ou territorializadas, as religiões locais atingem poucos espaços, por outro lado as

religiões territoriais atuam no espaço com fixos e fluxos, criando circuitos e redes próprias que fortalecem seu papel geográfico.

### **2.3.2 A Espacialização da Mensagem Religiosa**

As tradições orais e escritas são as formas iniciais com as quais as religiões se difundiram a partir de seus fundadores e de seus locais de origem para outros espaços e se mantiveram ao longo dos séculos, sendo assim, o discurso religioso é o principal elemento da maioria das religiões e representa praticamente todo o conteúdo existente nas mesmas.

A mensagem formadora das religiões muda a percepção de mundo dos fiéis e torna as orientações da crença verdades absolutas, nesse momento ocorre à primeira espacialização da religião, sendo o discurso gerido pelo sacerdote que tem o poder de adaptar esse discurso conforme as necessidades da religião (FERNANDES, 2012).

Nesse sentido o corpo de pessoas responsáveis pela religião que pode ser o rabino, a mãe de santo, o pastor, o padre e etc. São os detentores do discurso, transformando o discurso e conseqüentemente as características da religião conforme as necessidades dos fiéis.

A espacialização da religião acontece quando o fiel tendo como ponto de partida as ideias religiosas especializa a religião no seu cotidiano. Dessa maneira o religioso age de acordo com os ensinamentos da sua religião e especializa a discurso religioso através das suas atitudes (SILVA, 2012).

Com base nos ensinamentos e práticas de sua crença, o fiel modifica sua visão de mundo, transformando sua percepção sobre o ambiente, mudando a forma da relação do crente com o espaço, portanto, a religião muda a o relacionamento do fiel com o ambiente e a concepção do fiel sobre o espaço.

Um exemplo de espacialização da mensagem acontece com o cristianismo, no texto da Bíblia cristã em Marcos capítulo dezesseis, verso quinze onde é ordenado para todos os cristãos ir pelo mundo e pregar o evangelho para todas as pessoas e em todos os lugares.

Com base nessa ordenança os cristãos mantiveram ao longo dos séculos um formidável avanço tanto em números fiéis, quanto em espaços alcançados, pois a partir de um pequeno grupo restrito a Jerusalém, o cristianismo atingiu a maior parte globo e se tornou a religião com maior número de fiéis.

A utilização dos meios de comunicação de massa por parte de muitos líderes religiosos tem aumentado à entrada dos discursos religiosos na sociedade, assim a territorialidade destes grupos tem aumentado significativamente, pois até pouco tempo, os territórios religiosos eram restritos aos locais próximos dos lugares de culto (PONTES, 2011).

De maneira que os meios de comunicação atualmente estão entre as principais formas de espacialização do discurso religioso, criando simbologias religiosas distantes das paisagens religiosas tradicionais, assim a religiosidade é formada sem a necessidade da materialidade dos espaços sagrados e dos sacerdotes.

### **2.3.3 A Paisagem Religiosa e os Espaços Sagrados**

A paisagem sempre foi um objeto dos estudos culturais da geografia, no entanto, o entendimento da paisagem religiosa era restrito aos locais de culto e outros ambientes onde os fiéis se encontravam para as práticas religiosas, com a abordagem da nova Geografia Cultural, a paisagem religiosa incorporou outros elementos, por outro lado o estudo dos espaços sagrados se tornou uma das principais agendas de estudo da Geografia religiosa.

A paisagem sempre é influenciada pela religião, pois sua formação é baseada na ação cultural. O tamanho da influência da religião dependerá do período no qual foi formada a paisagem e da posição da religião local sobre si mesma, sobre o espaço e sobre a relação com as demais religiões. (PASSOS; GUERRIERO, 2004).

O impacto da religião sobre a paisagem é resultado da força que a crença tem de impor sua visão sobre o espaço, pois se tem o entendimento de que as religiões possuem diferentes capacidades de modificarem o ambiente, o cristianismo, por exemplo, é considerada uma crença com grande capacidade de influenciar no espaço.

As paisagens religiosas são os ambientes onde ocorrem as manifestações do sagrado que fortalecem a identidade do grupo, nesse sentido as memórias vivenciadas nesses ambientes servem como importantes elementos para a análise da espacialidade religiosa (TORRES, 2010).

Esses ambientes carregam elementos fundamentais para a religião, sendo os locais de culto, os primeiros ambientes nos quais as religiões imprimem suas características no espaço, como resultado das interações nesses locais surgem os sentimentos dos fiéis de pertencimento e identidade com esse espaço, formando características que ultrapassam os elementos materiais da paisagem.

Além disso, as paisagens religiosas possuem diferenças conforme a relação da religião com as sociedades, podendo aumentar ou diminuir com o passar do tempo. Outro aspecto relevante é o nível técnico da sociedade, pois nos locais onde o capitalismo é menos influente como nos ambientes rurais a religião provavelmente terá um papel mais relevante.

No meio Rural as paisagem religiosas tem continuidade no espaço, a igreja situada no centro da cidade influencia em todo o espaço ao entorno. No caso das grandes cidades deixa de existir a unidade, novos serviços criam novas paisagens, desaparecem os pontos fixos, e a economia é a formadora do espaço, portanto, a geografia urbana sempre forma paisagens menos sacras e coloca o sagrado em diferentes aspectos espaciais (PASSOS; GUERRIERO, 2004).

Quanto aos espaços sagrados, embora sua formação seja diretamente ligada à formação das paisagens religiosas, outras características são incluídas, assim aspectos mais espirituais como a relação com a divindade e a misticismo dos fiéis são os principais formadores do espaço sagrado.

A paisagem é marcada pelos templos religiosos com suas características específicas, entretanto é no interior destas estruturas que existem os elementos que são identificados como sagrados. Desta forma os espaços sagrados se inserem como locais onde os fiéis compartilham suas experiências religiosas (TORRES, 2010).

Quando ocorre a sacralização do espaço, o discurso religioso, as crenças e os rituais encontram um ambiente no qual a identidade religiosa

pode ser mais facilmente conquistada, logo a sacralização dos locais religiosos é um forma de espacialização religiosa dos fiéis (GIL FILHO; SILVA, 2009).

A formação dos espaços sagrados contribui para o fortalecimento das identidades religiosas, transformando os ambientes de culto em locais de contato com o sobrenatural, criando o caráter de excepcionalidade, onde a experiência religiosa é mais intensa, gerando um processo de espacialização da fé.

### 3 MARCOS CONCEITUAIS DA GEOGRAFIA NO ESTUDO DAS REDES DE PARADIPLOMACIA ECLESIAÍSTICA

Esta sessão é dividida em oito partes compostas por introdução, mais seis partes destinadas aos conceitos de redes e conseqüentemente das redes religiosas, de fixos e fluxos na geografia seguido dos fixos e fluxos religiosos e as concepções de paradiplomacia e principalmente de paradiplomacia religiosa.

A parte introdutória do texto é responsável pela apresentação dos elos que reúnem os conceitos de redes, fixos e fluxos juntamente com a paradiplomacia religiosa, apontado o papel da transnacionalização das redes religiosas para a difusão da fé no espaço.

O Segmento seguinte analisa o papel das *redes* na sociedade atual, principalmente a importância das *redes religiosas*, para a compreensão das formas com as quais os fixos e fluxos dessas estruturas religiosas contribuem para o fortalecimento das organizações e valores que estas representam.

A ramificação posterior do texto busca sintetizar os conceitos de *fixos e fluxos na geografia*, com o intuito de permitir o entendimento das ações oriundas dos formatos reticulares de agrupamento social, para em seguida compreender os *fixos e fluxos religiosos*.

A subseção subsequente é dedicada ao estudo conceito do *paradiplomacia* dos atores transnacionais emergentes, posteriormente é proposta uma conceituação do termo paradiplomacia religiosa com base em analogias de formatos paradiplomáticos existentes com as ações das redes religiosas.

#### 3.1 INTRODUÇÃO À TRANSNACIONALIZAÇÃO DOS FIXOS E FLUXOS DAS REDES RELIGIOSAS



O espaço mundial alterou-se após o fim da Guerra Fria, a transnacionalização aliada com a globalização mudaram as aspirações e a espacialização dos atores sociais cuja atuação e demandas estão crescentemente na escala internacional.

Na ciência geográfica o entendimento dos processos de transnacionalização, se deu principalmente por meio da abordagem sobre o meio técnico científico, e pelos conceitos de fixos e fluxos, com seus desdobramentos tecnológicos e econômicos sobre o espaço mundial.

De acordo com Alves (2012) existem quatro processos em voga no espaço mundial, o primeiro processo é a internacionalização associada a concepções da geografia política, como o território e o Estado-Nação, outro processo é globalização cujo significado é a intensificação das relações sociais na escala global, o terceiro movimento é a diáspora relacionado aos grupos étnicos-religiosos dispersos, por fim ocorre o processo de transnacionalização referente as relações sociais transfronteiriços sem localização fixa, nem centros únicos de dispersão que são ligados ou não com processos migratórios.

Com base na conceituação do autor, o processo de transnacionalização é a forma na qual se dá o conjunto de ações dos atores emergentes no espaço mundial, considerando que estes são agentes sem a ligação direta com o Estado-Nação, suas ações não se centralizam em centros únicos e sua escala de ações é crescentemente global.

A consequência do aumento da transnacionalização no espaço mundial é o aumento do papel das redes de relações sociais na espacialização tanto dos agentes econômicos, quanto dos atores sociais, religiosos, acadêmicos e governamentais.

Segundo Castells (2000), antigamente as redes eram restritas ao âmbito da vida privada das pessoas, por outro lado, atividades e projetos mais complexos eram baseados em organizações clássicas como as empresas, os estados, as igrejas e os exércitos, com capacidade e organização que permitiam solucionar e organizar os objetivos.

Atualmente os atores econômicos, sociais, religiosos, e governamentais se utilizam de estruturas reticulares como formas de inserção transnacional, com o intuito de superar os problemas internacionais e na procura de projeção de suas práticas.

Consequentemente ao transbordamento das ações das redes transnacionais, acontece o alastramento de concepções, valores, ideias e práticas culturais na escala global, de maneira que o elemento cultural é um importante fluxo dentro das redes transnacionais.

De acordo com Park (2004) a religião como qualquer conjunto de ideias ou valores pode ser difundida entre pessoas separadas por grandes distâncias, isso acontece por meio dos processos de difusão que são explicado em dois princípios.

Conforme o autor, o primeiro fundamento é a certeza que qualquer objeto que se move pode ser levado de um lugar para outro de algum modo, ou seja, para compreender como e porque a difusão ocorre, deve-se compreender os processos, a velocidade e a dinâmica desse movimento, pois não é suficiente conhecer o resultado espacial da difusão.

Ainda de acordo com Park (2004), o segundo princípio é que a velocidade na qual os objetos se movem no espaço geográfico é influenciado por outras coisas que ficam no caminho, portanto é necessário reconhecer dois elementos, primeiro aqueles que promovem a difusão e em segundo lugar aqueles que inibem a difusão, as barreiras.

Com base no primeiro princípio do autor, mais importante que entender a difusão das religiões, que é um processo natural, é investigar os mecanismos e motivações por detrás da expansão da crença pelo mundo, assim como pesquisar a velocidade na qual a propagação acontece.

Em conformidade com o segundo princípio do autor, a interpretação da propagação da fé depende da compreensão dos fluxos religiosos de difusão, como os missionários e os demais recursos de proselitismo, assim como a aceitação desses fluxos pelas pessoas nos locais onde a fé está sendo inserida.

Por outro lado, existe a possibilidade de barreiras inibirem o sucesso dos fluxos religiosos difusores nos espaços, onde a rede religiosa está sendo introduzida, por isso os fluxos religiosos são elementos essenciais no entendimento da disseminação das redes religiosas no espaço global.

Como consequência da difusão da redes por meio dos fixos e fluxos, surgem os mecanismos de diplomacia de atores emergentes no processo de transnacionalização, logo esses agentes atuam na construção de políticas na

escala internacional com intuito de fortalecerem-se organizacionalmente e defenderem seus valores.

As iniciativas de diplomacia paralela, também chamada de paradiplomacia, foram no seu início principalmente ações dos entes federados, uma vez que esse ator tem estruturas, problemas e objetivos análogos ao Estado-Nação.

Nos países multiculturais, a cultura e conseqüentemente a religião podem influir em políticas paradiplomáticas de governos subnacionais cujos objetivos são obter apoio e visibilidade para sua causa, nesse sentido regiões como o País Basco possuem o elemento cultural na sua paradiplomacia, além do mais, outras regiões da Europa e do sudeste asiático possuem situações semelhantes (GOMES FILHO; VAZ, 2008).

Assim como na paradiplomacia subnacional, as motivações da paradiplomacia religiosa repousam no elemento cultural e religioso, como base para as suas ações políticas, as redes religiosas atuam politicamente no resguardo dos interesses de suas organizações e de sua fé.

Além da analogia com os entes federados, as redes religiosas também assemelham-se com outros importantes agente da transnacionalização, como as empresas transnacionais, e as redes epistêmicas que são grupos com interesses em vários países, de maneira que suas aspirações perpassam pela consolidação dos seus interesses políticos na escala internacional.

### 3.2 O ESTUDO DAS REDES NA GEOGRAFIA

A estruturação dos agrupamentos humanos nos formatos de rede não é uma novidade no espaço mundial, contudo sua utilização era relegada a segundo plano pelos agentes espaciais tradicionais como o Estado, porém, o advento de fatores como a globalização, a rede mundial de computadores e a revolução tecnológica baseada na microeletrônica acarretaram no aumento da importância dessa forma de interação social.

Portanto a transnacionalização é a principal explicação para o avigoreamento das redes atualmente, conseqüentemente as redes são ao

mesmo tempo agente da globalização, como também os formatos organizacionais que mais se beneficiam com esse fenômeno.

A sociedade pós-moderna emergida em meio a globalização é também chamada de sociedade em rede, sendo formada pela conexões entre redes e fluxos de informação e comunicação presentes nos circuitos de computadores ao redor do mundo.

O termo redes não é referente a uma única concepção em todas as áreas do conhecimento, mas trata de formas homogêneas cujas interações são das mais variadas categorias, incluindo diversos fixos e fluxos, de maneira que o conceito é utilizado por uma gama de ciências que em muitos casos não se relacionam com os formatos de redes de agrupamentos humanos.

As redes tem várias formas podendo ser: abstratas (redes sociais, redes de relações sociais); concretas (redes de transporte e comunicação); visíveis (redes de rodovias, ferrovias) e invisíveis (redes de telecomunicações), além disso, as redes podem formais e explícitas ou informais e implícitas (ALBAGLI, 2004).

Porém, no âmbito da Geografia e das demais ciências humanas a conceptualização das redes alude aos formatos de organização dos agrupamentos humanos, que possuem alguma característica ou interesse comum, cuja atuação se dá meio por meio dos fixos e fluxos.

Na Geografia o conceito de redes é um tema emergente, sua inserção na ciência geográfica se dá principalmente por meio das reinterpretações dos conceitos geográficos de território e espaço, influenciados pela importância atual das redes.

A sociedade em rede, dito resumidamente, é uma composição social formada por circuitos ligados pelas tecnologias da informação e comunicação, baseadas na microeletrônica e nas redes de computadores responsáveis pelo processamento e distribuição das informações acumulados nos nós dessas redes (CASTELLS, 2000).

Assim a tecnologia é um fator predominante na construção da sociedade pós-moderna, onde o meio técnico é responsável pela criação de ferramentas capazes de processarem dados e conectarem pessoas separadas por grandes distâncias, o que torna os fluxos dentro das redes elementos crescentemente importantes.

Conforme Fraga (2007), as redes são linhas interligadas e conectadas, mas não superfícies cuja extensão abrange praticamente todos os espaços existentes no globo, se expandindo espacialmente e temporalmente, contudo as mesmas não ocupam o tempo nem o espaço.

Portanto as redes são formas imateriais de conexões entre fixos por meio da difusão de bens, recursos, pessoas, comunicação, dados e conhecimentos através dos fluxos existentes dentro da rede, permitindo a diminuição das distâncias e tornando as relações humanas mais complexas e difusas.

As redes são formatos de organização bastante controversos, os pontos positivos são sua flexibilidade e adaptabilidade o que as torna eficientes e uma evolução nas formas de interações sociais, entre os pontos negativos estão a sua recorrente inabilidade em organizar projetos complexos, e não apenas pequenas tarefas (CASTELLS, 2000).

Apesar das redes não serem unanimidades haja vista a sua dificuldade em gerir grandes realizações, dada a maleabilidade de sua organização, a transnacionalização aliada aos avanços da tecnologia da informação aumentaram a capacidade de realização das redes, diminuindo os seus pontos negativos, enquanto mantiverem as suas características positivas de flexibilidade e adaptabilidade.

Dentro das redes a procura pela inovação é recorrente, pois a renovação acarreta no aumento da competitividade das mesmas, nesse sentido o processo denominado de aprendizagem organizacional é importante, pois significa o planejamento de tomada de decisões futuras e inovadoras, com base em experiências passadas através do aprimoramento das capacidades dos membros da rede (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005).

O compartilhamento de conhecimento dentro as redes é uma característica fundamental das mesmas, por serem organizações baseadas na informação, as ações são criadas focando na melhora dos resultados e na evolução de sua competitividade.

Além disso, por serem formadas por membros com interesses em comum, que possuem objetivos e aspirações semelhantes, é criado um ambiente de intensa troca de experiências e informações, que possibilita o aprendizado coletivo.

De maneira que as formas reticulares estão dominando as configurações de agrupamento humano, nos âmbitos político, social e principalmente empresarial, onde as empresas transnacionais operam através de fluxos econômicos atingindo praticamente todo o espaço global.

Como consequência do avigoreamento das redes na escala global, ocorre a padronização econômica, cultural e social do mundo, onde a transferência de elementos culturais de uma parte para outra do globo acontece como nunca antes na história da humanidade.

### **3.2.1 Das Redes de Relações Sociais para as Redes Religiosas**

O recente aumento da importância das redes está calcado fundamentalmente na atuação das empresas multinacionais, contudo outros atores que não fazem parte do mercado, tem aproveitado os aumento das conexões entre os espaços para fortalecerem a sua atuação nos formato reticulares.

As redes religiosas são apenas um formato das estruturas reticulares de relações sociais que podem ser de duas formas: primeira pela ligação dos indivíduos pelo partilhamento do espaço, e segundo a união dos indivíduos pelo compartilhamento de um ideal.

As redes de relações sociais podem ser restritas ao espaço onde estão inseridas, nesses formatos reticulares o sentimento de pertencimento se baseia na construção de um identidade coletiva das pessoas, a partir do compartilhamento de um determinado espaço.

As relações sociais de rede são as interações pessoais e informais de uma cultura local baseados em estratégias territoriais, em relações de solidariedade que institucionalizam a rede, nesses casos a rede possui uma estrutura flexível, sem o caráter formal e regulatório, de maneira que a relação é mantida com base nas no sentimento de territorialidade (MULLS, 2008).

As redes de relações sociais, baseadas em uma cultura local, têm o alcance restrito, nessa categoria existem associações como: o time de futebol da cidade; a escola de samba da comunidade; a associação de bairro; o grupo

de mães e outros, nesses agrupamentos a ligação entre os membros da rede acontece pelo compartilhamento do espaço, traduzido na criação de um conjunto de relações de solidariedade e pertencimento.

Outro papel dos conceitos de redes é a possibilidade de entendimento mais eficaz das relações sociais, principalmente para compreender como os indivíduos conscientemente constroem, ou ressignificam os seus laços com outras pessoas (BARRETO; DUTRA, 2012).

Nesse tipo de rede de relação social, a ligação não se refere ao compartilhamento do mesmo espaço, mas trata do partilhamento dos mesmos ideais, crenças e mesmos interesses cuja ligação é suficiente para a criação de uma rede.

Em suma, as redes existentes no mundo conectam as pessoas nos mais variados espaços, pois através dos fluxos que circulam dentro das redes as pessoas mantêm uma interação, além disso acontece a aproximação dos lugares, criando semelhanças e padrões parecidos em lugares distantes uns dos outros (TRINDADE, 2009).

Portanto um posicionamento religioso e político ou uma clivagem social, étnica e social pode ser o motivador para a criação de uma rede de relação social, nesse caso estão as redes de advogados, de cristãos, de médicos, de católicos, dos indígenas, dos homossexuais, das entidades patronais, das associações de trabalhadores e as redes religiosas.

De acordo com Alves (2012) as redes são importantes no meio religioso, pois facilitam o contato com pessoas de interesses similares residentes em outros países, esse relacionamento cria a ideia de comunidade com princípios comuns, a aproximação por meio das redes também visa o crescimento do prestígio pessoal e o fortalecimento da redes nas quais as pessoas são adeptas.

Portanto a rede religiosa tem no seu cerne o aspecto transnacional cujo o objetivo é a formação de conexões entre praticantes de uma fé, com o intuito de impulsionar essa crença, assim como o fortalecimento das lideranças religiosas juntamente com suas organizações.

Conforme Park (2004) existem dois processos nos quais uma rede religiosa se estabelece transnacionalmente, a primeira é chamada de difusão

expansionista, por meio do contato direto, a segunda maneira é denominada, difusão por realocação.

De acordo com o autor a difusão expansionista acontece pelo contato direto das pessoas com a inovação na escala local, nesse caso a crença é comunicado pessoalmente, de uma pessoa adepta da ideia para outra que a desconhece.

No processo de estabelecimento transnacional de uma rede, denominado difusão expansionista, o estabelecimento reticular das entidades religiosas ocorre através do proselitismo pessoal, seguido pela criação de laços internacionais dessas organizações.

O segundo processo é a difusão pela realocação cujo significado é o espalhamento de um grupo de adeptos do movimento no tempo e espaço para outro conjunto de localidades, a migração é um exemplo desse modelo, porque os realocados levam suas crenças, valores, atitudes e comportamentos para seus novos espaços, os missionários que migram com intenção de introduzir sua religião em novas áreas também se enquadram nessa categoria (PARK, 2004).

Os missionários transnacionais são outros agentes na instauração das redes transnacionais, sua função é estender as ações de sua crença e conseqüentemente de suas organizações internacionalmente, por conseguinte atuam na construção de conexões transnacionais entre os adeptos de sua religião.

Mais importante que os missionários na consolidação das redes transnacionais são os migrantes internacionais, pois ao se trasladarem para os novos espaços, esses carregam consigo suas crenças, valores e comportamentos.

Além disso, a rede tem papel importante para os emigrantes e imigrantes, pois ajuda na construção de novos territórios e também colabora na solidariedade, solução de conflitos e outros elementos presentes na espacialização, de maneira que a rede fortalece os processos da desterritorialização e da reterritorialização (MONDARDO; SAQUET, 2008).

Embora o migrante carregue suas convicções, as referências culturais presentes nos espaço de origem são perdidas, logo a construção de um novo



conjunto de relações sociais, pode passar pela adesão à uma rede social ou religiosa que detenha importância nesse novo espaço.

De maneira que as redes religiosas são afetadas pelo migrante de duas formas, primeiro os migrantes podem ser agentes na transnacionalização das organizações presentes no seu espaço de origem, em segundo lugar os migrantes podem recorrer as redes religiosas do local onde estão sendo instalados, para facilitar a sua territorialização nos novos espaços.

Como resultado do alastramento das redes religiosas transnacionais, atualmente é muito mais comum o convívio de crenças e valores nos mesmos espaços, o que resulta no aumento da interação entre praticantes de fé diferentes nos mesmos ambientes.

No âmbito conflitivo, embora a religião seja um elemento causador de conflitos em muitas partes do globo, atualmente não há choque de religiões em escala global, os problemas surgem quando diferentes grupos religiosos convivem no mesmo território (KNIPPENBERG, 2006).

Nesse caso a expansão das redes religiosas para espaços tradicionalmente ocupados por outros grupos religiosos, não tem produzidos recorrentes conflitos políticos internacionais ou globais, ou seja, não é comum países entrarem em conflitos causados pelas suas diferenças religiosas.

No entanto, a expansão das redes religiosas internacionais tem o potencial de aumentar os conflitos religiosos locais, pois na escala local o embate das religiões pelo conquista de fieis é mais presente, além do choque cultural entre valores, crenças e mensagens diferentes que acontece quando uma rede religiosa alcança um espaço tradicionalmente ocupado por outra religião.

Para finalizar, as religiões se utilizam das condições favoráveis para a instauração de redes, logo a internacionalização, a expansão, a difusão das grandes religiões tem aumentado nas últimas décadas, como resultado do surgimento desse conjunto de fatores favoráveis ao fortalecimento das redes transnacionais.

### 3.3 A VISÃO RETICULAR DOS FIXOS E FLUXOS NA GEOGRAFIA

Os conceitos de fixos e fluxos são bastante desenvolvidos na Geografia, representando uma leitura das interações presentes dentro das redes, que existem ao redor do mundo, por conseguinte esses conceitos alcançaram grande desenvolvimento nessa ciência.

Na ciência geográfica os termos fixos e fluxos fazem parte de outra categoria analítica, trata-se das concepções de sistemas de objetos e sistemas de ações cuja abordagem considera principalmente o meio técnico científico informacional e os seus desdobramentos sobre as relações sócio espaciais.

Conforme Santos (2006), o espaço é formado pela interação de um sistema de objetos e um sistemas de ações, os sistemas de objeto dirigem as ações, o sistema de ações por sua vez gera novos objetos, na era da internet um objeto pode conduzir informação para outro objeto, nesses sentido os objetos são criados permitindo a transformação de informação pela transmissão de fluxos.

Os sistema de objetos e sistema de ações são categorias muito caras para a geografia, porquanto dão base explicativa e filosófica para os conceitos de fixos e fluxos e as suas estruturações no espaço geográfico, considerando tanto os elementos materiais e fixos como os aspectos imateriais.

De acordo com Pereira e Oliveira (2011), além dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações, o espaço é formado pelo sistema de valores, pois além dos objetos e das ações, elementos como a concepção de mundo, os valores, as ideias e os interesses dos sujeitos também estão presentes nessa interação, então os fatores relacionados com as visões de mundo e ao interesses dos atores, formam o sistema de valores.

Assim outra categoria é coloca dentro do estudo geográfico acerca dos fixos e dos fluxos, uma vez que além dos sistemas de objetos referentes aos fixos e o sistema de ações atribuído aos fluxos, existe o sistema axiológico relacionado ao interesses e valores dos atores.

A relação entre os sistemas de objetos, de ações e de valores formam todo o espaço geográfico, assim a união entre os fixos, os fluxos e os ideais formam os elementos presentes numa rede, logo o entendimento de um elemento depende da compreensão dos outros dois.

Os espaços fixos são formados pelos elementos materiais imóveis, mas são traspassados pelas relações sociais que os formam, dominam,

utilizam e os comunicam, outro fator importante nos fixos é a simbologia que os circunda, pois os imprimem de existência (SILVA, 2009).

De maneira que os fixos dependem dos valores para ocorrerem, posto que sua existência é dada pelo valor simbólico atribuído ao mesmo, por outro lado, os espaços físicos juntamente com o meio ambiente oferecem diferentes elementos simbólicos para a construção social dos valores e dos fluxos.

Segundo Santos (1999) o espaço é composto pelo conjunto de todos os fluxos dos mais variados e pelo conjunto de todos objetos, formando redes desiguais e diversas que superpostas formam várias escalas e se interacionam e prolongam-se no contato umas com as outras.

A formação dos fixos é permeada pela necessidade dos fluxos e pelos valores dos agentes, os fixos por sua vez interferem no processo de difusão dos fixos e da formação dos ideias, portanto os fixos, fluxos e os valores se influenciam e se modificam numa relação complexa, essa relação cria assimetrias entre as redes e conseqüentemente entre os espaços, por meio da diferenciação existentes entre os fluxos das redes

As conexões entre os territórios podem existir de duas formas, primeiro através do deslocamento físico das pessoas por intermédio dos meios de transporte modernos, em segundo lugar por meio das telecomunicações e da internet que permite a interação entre as pessoas à distância (TRINDADE, 2009).

O formato tradicional de fluxos referia-se principalmente a mobilidade de pessoas e produtos, ou seja, elementos físicos, o surgimento das modernas tecnologias de informação e comunicação atribuiu aos dados e as informações, o papel mais importante dentre os fluxos existentes entre as redes.

A sociedade atual observa o aumento do papel das redes onde a mobilidade dos fluxos e das conexões torna o território menos controlado, como era na lógica dos Estados-nações, em direção ao formato de território-rede baseado na lógica das empresas (HAESBAERT, 2007).

Porquanto os espaços fixos do mundo são cada vez menos controlados pelos países e crescentemente resultados das influencias dos fluxos e conexões das redes, tornado os elementos fixos resultado das interações de redes e moldando-os conforme as necessidades das corporações transnacionais.

A difusão por meio dos fluxos de dados, experiências e decisões permite o aumento dos fluxos de pessoas e produtos, conseqüentemente a organização dos territórios reflete a interação entre os atores locais e externos resultando em formas de dominação, complementaridade e hierarquia (HAESBAERT, 2007).

Como conseqüência das mudanças impostas aos lugares pelos fluxos transnacionais das redes, acontece a transformação das relações sociais dos lugares onde a rede atua, recriando padrões semelhantes com aqueles do local de origem da rede ou com características estabelecidas pela organização transnacional.

Os Fluxos existem com base numa rede articulando territórios através dos fluxos de pessoas, recursos e demais categorias, conseqüentemente a rede é formada por fluxos econômicos, políticos e culturais, com a importação de elementos simbólicos culturais e sociais, dentro desse conjunto de fluxos existem as interações de recursos, mercadorias, informações, pessoas e estruturas de poder (MONDARDO; SAQUET, 2008).

Finalmente os fluxos econômicos e informacionais permitem o intenso tráfego transnacional de elementos simbólicos como: crenças religiosas; visões políticas e padrões culturais, assim a cultura dos lugares é afetada pelos fluxos transnacionais levados pelas redes, que carregam os valores dos seus locais de origem.

### **3.3.1 Os Fixos e os Fluxos Religiosos**

No âmbito das redes eclesiais os fixos e os fluxos são elementos importantes, referem-se aos espaços sagrados e de cultos no caso dos fixos e acerca do trânsito de fiéis, recursos e missionários no caso dos fluxos, ambas características definidoras da espacialização e da atuação em redes das religiões.

O sistema de objetos das religiões, os fixos, são elementos essenciais das religiões cuja sobrevivência está ligada aos espaços sagrados e das cosmovisões acerca da criação do mundo, da relação com o meio ambiente, e até mesmo na atribuição de papéis religiosos para animais, plantas e demais partes do ambiente onde aquela crença se insere.

Nesse sentido o espaço sagrado juntamente com o local de culto são os principais elementos dos sistemas de objetos, os fixos, das religiões, ambos são fundamentais para o fator simbólico das religiões, pois representam pontos de ligações do espaço geográfico com o elemento sobrenatural.

O Fixo também pode ser outro espaço e não apenas os locais sagrados ou os templos, existem espaços como os locais de estudos religiosos, os ambientes onde são formados os sacerdotes ou missionários, assim como outros espaços onde a religião pode ser praticada de alguma maneira.

No caso do sistema de ações, os fluxos religiosos, existem dois formatos principais: a primeira categoria de fluxo religioso é o tráfego de pessoas, o segundo tipo de fluxos religiosos é o movimento dos recursos religiosos por meio das redes religiosas transnacionais.

O Fluxo de pessoas é constituído pelas pessoas que cruzam fronteiras nacionais para viver, trabalhar ou viajar em outros países e constituem um tipo importante de fluxo transnacional, que muitas vezes tem a motivação religiosa. A imigração tem um papel importante na formação de novas congregações no país que recebe os imigrantes, além disso, os fluxos incluem os sacerdotes, voluntários religiosos de curto prazo, e os turistas (WUTHNOW; OFFUTT, 2008).

No caso das redes religiosas transnacionais os fluxos de pessoas tem aspirações principalmente proselitistas, portanto os indivíduos são os responsáveis pela expansão da mensagem religiosa para outros espaços por meio dos fiéis ou dos missionários.

De acordo com Park (2004) os fluxos transnacionais de pessoas com aspirações proselitistas podem ser divididos em duas categorias: em primeiro lugar os fluxos de difusão contagiosa, e em segundo lugar os fluxos de difusão hierárquica

Conforme o autor, a difusão contagiosa é a difusão religiosa em uma população por contato direto, semelhante ao alastramento de doenças, nesse modelo a velocidade da expansão é influenciada pelas distâncias, o funcionamento acontece como uma série de ondas concêntricas em movimento sobre a superfície de um lago depois de atingido por uma pedra, os lugares

próximos aos pontos de difusão normalmente são os primeiros a adotarem a inovação.

Os lugares mais distantes aderem depois de um lapso de tempo durante a adoção pelas pessoas dos locais intervenientes, no modelo contagioso a religiosas se dá através da conversão obtida pelo contato direto entre crentes e não-crentes.

Segundo Park (2004), no caso da difusão hierárquica, a ideia é implantada no topo de uma sociedade saltando intervenientes de pessoas e lugares, na difusão hierárquica as inovações são adotadas no topo da hierarquia e segue para as camadas inferiores, a difusão hierárquica de religião ocorreu ao longo da história quando missionários procuraram converter reis ou líderes tribais, visando a conquista povo como consequência.

Nesse sentido, os fluxos religiosos de pessoas podem ser considerados a forma de extroversão primária das redes religiosas, nesse caso o crescimento das redes acontece através da difusão contagiosa pelo contato direto dos missionários com as pessoas nesses espaços.

Outro elemento é a peregrinação de fiéis para lugares sagrados que representa um fluxo espacial que cooperam no entendimento da força desses locais, assim como explica a variação nas escalas da religião haja vista a variação entre as escalas local, regional e internacional nessas movimentações (ROSENDAHL, 2008).

Incluído no fluxo de pessoas está o fluxo de peregrinos para locais sagrados, embora não tenha pretensões proselitistas, a peregrinação pode ser parte essencial da crença como é o caso do Islamismo, onde a ida para cidade de Meca na Arábia Saudita é parte das obrigações, para o muçulmano que tenha condições de fazer a viagem.

O fluxo de recursos das redes religiosas transnacionais consiste nos fluxos de dinheiro, conhecimento, informação e outros bens e serviços entre comunidades religiosas, assim como entre doadores em um país e destinatários em outro. O custo de formação, transporte e manutenção de trabalhadores religiosos no exterior implica um investimento transnacional de recursos. Outras movimentações incluem remessas de fundos para o pessoal religioso e programas religiosos, esforços humanitários e fluxos de produtos religiosos e de informação (WUTHNOW; OFFUTT, 2008).

Com o aumento dos fluxos comerciais, financeiros e informacionais no mundo, as redes religiosas aumentaram significativamente o envio de recursos para além de suas fronteiras, atualmente, além de missionários, os fluxos religiosos incluem recursos financeiros e conhecimentos necessário para o desenvolvimento de capacidades missionárias.

Outro fluxo religioso importante é o mercado de produtos sagrados, ou o comércio de produtos ligados a religião, nesse segmento estão os mercados editoriais, fonográfico, midiático e demais produtos religiosos semelhantes aos da cultura de massa contemporânea, nesse segmento é destaque a religião protestante baseada nos países ocidentais onde a indústria do entretenimento é mais avançada.

No caso dos fluxos religiosos, esses ocorrerem principalmente com base nas as organizações religiosas organizadas corporativamente, logo é possível comparar a expansão internacional dos fluxos das redes religiosas de aspecto corporativo com as empresas transnacionais, principalmente a partir do estudo da internacionalização de empresas da escola de Uppsala na Suécia.

Com base em Ilal e Hemais (2003), a escola de Uppsala defende que as empresas se internacionalizam, pois o mercado interno está saturado e sem oportunidades de expansão, no primeiro momento as empresas se internacionalizam apenas com exportações diretas, sem a instalação de subsidiárias, além disso, a escolha dos mercados obedecem dois critérios, a proximidade física e a proximidade psíquica, no caso da primeira, as empresas atuam prioritariamente no seu ambiente próximo, porque conhecem melhor os lugares mais achegados, e a proximidade psíquica refere-se às semelhanças com as características culturais, idioma e nível de desenvolvimento do local onde a empresa procura instalar-se.

No caso das redes religiosas organizadas corporativamente, a espacialização dos fluxos religiosos acontece de forma similar a uma empresa, logo as organizações religiosas procuram internacionalizar-se para superar as dificuldades no mercado interno.

Além disso, as organizações procuram se estabelecerem com base em dois critérios principais, em primeiro lugar, nos espaços mais próximos onde

estão mais familiarizados, em segundo lugar, nos espaços semelhantes culturalmente.

Ademais, como nas empresas a instalação dos templos religiosos é o segundo momento da internacionalização, nesse sentido a expansão das redes religiosas através dos locais de culto pode ser considerada a extroversão secundária.

Ainda na esfera da transnacionalização das redes religiosas, os fluxos de pessoas e recursos podem ser divididos em dois formatos: primeiro, os fluxos cuja fonte é o local de origem da rede religiosa, a segundo categoria são os fluxos procedentes dos novos espaços onde a rede está sendo implantada (SENHORAS, 2013).

Nesse sentido, além da diferenciação dos fluxos de pessoas e recursos, existe a separação entre os fluxos procedentes do local de origem da rede religiosa, e os fluxos oriundos dos novos espaços, onde a rede religiosa está sendo implantada.

Figura 5 – Fluxos religiosos internacionais

<i>Extroversão primária</i>	Missionários do país, imigração internacional, quando os fiéis levam suas crenças do país de origem para o país de destino, turismo religioso, voluntários religiosos. Nesse caso a expansão ocorre pelo contato direto, chamada difusão contagiosa.
<i>Extroversão secundária</i>	Recursos e mercadorias, Recursos para construção de templos, fluxos financeiros, material para o evangelismo, doações filantrópicas, conhecimentos acerca da religião. Nesse caso a expansão acontece pela a instalação da organização através da implantação dos templos.

Fonte: Baseada em Wuthnow e Offut (2008), Park (2004), Rosendahl (2008) e Senhoras (2013).

Conforme a Figura 5, os fluxos religiosos de pessoas e recursos são divididos em duas categorias, de um lado estão os fluxos de extroversão primária, quando as pessoas, no caso os missionários, são os principais elementos da expansão internacional, nesse caso são importantes o missionário e o migrante, e a expansão ocorre pela difusão contagiosa.

Por outro lado, estão os fluxos de extroversão secundária, quando ocorre o fluxo de recurso, no caso os templos, são as principais agentes da



internacionalização das redes religiosas nos ambientes nacionais e internacionais.

Esse modelo parte de uma lógica corporativa cujo objetivo principal é a instalação da rede religiosa em novos espaços, para superar a dificuldade da organização em expandir-se no âmbito interno, e o templo é o principal elemento difusão.

### 3.4 AS REDES PARADIPLOMÁTICAS

O aumento dos fluxos por meio do comércio internacional, da mídia, das telecomunicações, da internet, permitiu que muitos atores passassem a atuar na escala internacional, onde começaram a se relacionar com várias organizações transnacionais e com as estruturas dos Estados-Nações ao redor do mundo.

A transnacionalização das relações sociais por meio das redes suscitou o surgimento de problemas internacionais como o narcotráfico internacional, e a pirataria internacional, por conseguinte fortaleceu o sentimento cosmopolita dos indivíduos, criando preocupações na opinião pública internacional acerca de temas considerados globais como a crise ambiental e os direitos humanos em países falidos.

Para a solução dos problemas internacionais a busca por soluções conjuntas entre Estados e demais atores foi alavancada a partir das últimas décadas do Século XX, além do mais, atores presentes na transnacionalização procuram mecanismos de salvaguardar seus interesses na escala internacional, do mesmo modo outros agentes fora da alçada do Estado-Nação incrementaram suas práticas internacionais, fortalecendo seu papel como agentes das relações internacionais.

O conceito de paradiplomacia significa toda a atividade internacional conduzida por atores não tradicionais nos quais estão incluídos: corporações transnacionais; organizações internacionais de trabalhadores; comunidades religiosas; organizações-não-governamentais; a indústria e os meios de comunicação (ZERAIOU, 2011).

Portanto a diplomacia Paralela ou a Paradiplomacia responde ao desejo dos atores emergentes das relações internacionais atuarem na escala

internacional, nesse sentido esses agentes procuram crescentemente agir no resguardo de seus interesses em diferentes países, assim como operam na formação de parcerias com atores internacionais independentemente das ações dos Estados-Nações onde estão circunscritos.

Segundo Lecours (2008) existem três níveis importantes na Paradiplomacia, no primeiro nível estão os assuntos econômicos que estão ligados ao aumento da competitividade econômica da região, a segunda camada é referente a cooperação técnica onde é buscado a absorção de conhecimentos e capacidades externas para atividades específicas, na terceira categoria está a política, onde a preocupação está na expressão da identidade da região, como nos casos de Quebec, da Catalunha e do País Basco.

Observa-se que a paradiplomacia se relaciona com três níveis principais, em primeiro lugar as preocupações econômicas das redes paradiplomáticas, em segundo lugar suas aspirações na área do conhecimento e por fim as demandas daquelas organizações reticulares com desdobramentos indetitários e religiosos.

Conforme Senhoras (2013) a *paradiplomacia* se baseia numa visão estadocentrista de atividades paralelas aos Estados Centrais, dentro das categorias da paradiplomacia existem os formatos: Subnacional; corporativa; empresarial; eclesiástica; epistêmica e ministerial.

A categoria ministerial refere-se a atuação de ministérios cuja função teoricamente é restrita a escala nacional como o Ministério da Fazenda, mas que influi diretamente nos rumos da política externa do país, o formato epistêmico relaciona-se com as atividades internacionais de segmentos da sociedade como cientistas, grupos de classes e movimentos sociais.

A paradiplomacia corporativa é baseada nos processo de internacionalização e transnacionalização das empresas, portanto essas organizações atuam na escala nacional e internacional e se utilizam de lobby, coalizões empresarias, negociações direta com Estados ou entes subnacionais, de maneira que a Paradiplomacia corporativa atuam com base na volatilidade dos meios de produção, principalmente o capital, causada pelas mudanças na áreas da logística, da tecnologia e da informação (SENHORAS, 2010).

No formato epistêmico a paradiplomacia é alavancada por grupos de cientistas relacionados com determinadas causas, nesse caso os pesquisadores por meio da conscientização da opinião pública internacional pressionam os Estado-Nações e Organizações Internacionais a privilegiarem determinado tema como: meio ambiente; alimentação saudável; direitos humanos e outros.

Além disso, a paradiplomacia é um fenômeno com grandes consequências para os países multinacionais, pois o nacionalismo é um condutor da Paradiplomacia que representa a oportunidade para a mobilização política desses espaços e a promoção dos interesses regionais e consequentemente da própria formação da personalidade internacional da região (LECOURS; MORENO, 2003).

A cooperação transfronteiriça é um dos pontos importantes na paradiplomacia, pois traduz a necessidade das entidades subnacionais de estados diferentes, mas com contiguidade geográfica, trabalharem na resolução de problemas comuns que na sua visão não são priorizados pelos governos centrais (GOMES, 2011).

De maneira que a paradiplomacia subnacional é marcada pela intensa troca econômica política e técnica entre os entes subnacionais presentes nas fronteiras dos países, na procura de oportunidades através do estreitamento do relacionamento com as organizações análogas dos países vizinhos.

Para finalizar, os formatos da paradiplomacia são focados em demandas específicas, as redes paradiplomáticas corporativas têm aspirações sobretudo econômicas, enquanto as categorias ministerial e epistêmica focam nos âmbitos técnicos e científicos, por fim a paradiplomacia subnacional aborda elementos econômicos, técnicos e culturais.

#### **3.4.1 A Paradiplomacia Eclesiástica**

As redes e instituições religiosas não são as organizações mais presentes nos esquemas paradiplomáticos que existem no mundo, pois conforme mostrado anteriormente foram as entidades subnacionais em primeiro lugar as responsáveis pelo surgimento do fenômeno.

Contudo a transnacionalização dos atores e das relações sociais, assim como a difusão dos padrões capitalistas transbordaram nas organizações religiosas, atualmente essas estão cada vez mais presentes em espaços distantes de seus locais de origem, do mesmo modo os fluxos religiosos, de fieis, recursos, conhecimentos valores é propagado em escala internacional por meio das organizações religiosas cada vez mais transnacionais.

A extroversão transnacional dos fluxos religiosos suscita a preocupação das organizações religiosas em criarem mecanismos e medidas capazes de resguardarem seus interesses que estão além dos seus territórios de origem, criando políticas de defesa da sua fé tanto na escala nacional quanto na escala internacional.

As próprias religiões possuem sua agenda chamada de *paradiplomacia eclesiástica* que se baseia em dois formatos, o primeiro modelo é a internacionalização primária, com a internacionalização da religião a partir do envio de missionários, o segundo modelo é internacionalização secundária, ocorre quando a religião se expande para com a implantação de templos e formação de missionários de regiões que não são de origem daquela rede religiosa (SENHORAS, 2013).

Um elemento único na paradiplomacia eclesiástica é a Igreja Católica que por meio de um Estado-Nação, o Vaticano, atua através da diplomacia tradicional, o que permite um conjunto de práticas internacionais incomparáveis no âmbito das atividades internacionais.

No caso do Papa Francisco que busca a continuação da difusão da fé e da mensagem cristã no mundo, para tanto o Pontífice implementou mudanças de ideias, criou novas trilhas, forjando o surgimento de novos valores, Francisco também agiu na reforma do governo do vaticano e na limpeza moral da organização ao afastar sacerdotes ligados a escândalos financeiros e sexuais (SENHORAS, 2013).

Assim a atuação do Papa da Igreja Católica pode ser chamada de diplomacia presidencial, onde a figura do presidente é utilizada como o representante de seu Estado-Nação internacionalmente, com o intuito de facilitar o relacionamento com os demais países.

Outros líderes religiosos globais possuem papel político semelhante ao Papa, como o Dalai Lama e o Patriarca da Igreja Ortodoxa, apesar de não se aproximarem do modelo de diplomacia presidencial, pois não estão baseados numa estrutura de Estado-Nação como o Papa, os líderes atuam como representantes de seus grupos religiosos na escala internacional.

Apesar da Igreja Católica e dos líderes religiosos internacionais, a Paradiplomacia eclesiástica não é conceito acabado na academia, porém com base em outras categoria paradiplomáticas mais reconhecidas, é possível traçar um paralelo do conceito para compreender algumas características dessa categoria da Paradiplomacia.

Os Formatos de paradiplomacia mais próximos com a paradiplomacia eclesiástica são a paradiplomacia subnacional, corporativa e a epistêmica, na comparação com o formato subnacional, apesar das redes religiosas não estarem restritas em um espaço como os entes subnacionais, a semelhança está na ênfase cultural das duas categorias paradiplomáticas.

Assim o foco de entidades subnacionais, como o país Basco em manter sua identidade cultural através de ações políticas assemelha-se com as ações paradiplomáticas das redes religiosas cujas práticas internacionais procuram resguardar sua sobrevivência cultural, em países onde não são maioria, como o caso dos cristãos na Turquia.

No entanto, os modelos de paradiplomacia epistêmico e corporativo são mais parecidos com a paradiplomacia eclesiástica, nesses casos os interesses estão difusos espacialmente, independentes da política interna de um único Estado-Nação, conseqüentemente os contatos são multidirecionais e alcançam uma gama maior de atores.

Na comparação da atuação eclesiástica com a paradiplomacia corporativa, as empresas transnacionais e as redes religiosas atuam politicamente defendendo seus interesses organizacionais e econômicos tanto no âmbito da política interna quanto no campo da política internacional.

Portanto a paradiplomacia eclesiástica relaciona-se com a capacidade das organizações religiosas manterem seu poderio político na escala internacional, nesse sentido as religiões com apelo missionário são substancialmente mais internacionalizadas e conseqüentemente possuem atividade internacional mais destacada.

Quanto as semelhanças com a categoria de paradiplomacia epistêmica, ambos os formatos tratam da defesa de visões de segmentos da sociedade na escala internacional, no caso do formato epistêmico as atividades integram a defesas das concepções políticas de grupos de cientistas, de movimentos sociais e de organizações-não-governamentais.

No formato epistêmico existe o exemplo da questão ambiental, onde grupos de cientistas, ONGs e demais atores da sociedade civil com preocupações ambientais atuam internacionalmente na defesa das causas ambientais por meio de uma agenda de conscientização da opinião pública internacional e pressionando Estado-Nações e Organizações Internacionais a priorizarem a agenda ambiental.

No caso da paradiplomacia eclesiástica, a atuação paradiplomática tem servido como uma forma de ampliar a defesa de concepções religiosas em temas recorrentes na agenda da política mundial, para tanto as organizações religiosas se utilizam de sua influência sobre os adeptos de sua fé

Nesse sentido, grupos religiosos de protestantes, católicos, muçulmanos e outras religiões criaram a categoria do lobby religioso, que consiste na união de grupos religiosos por meio de suas organizações, seus líderes internacionais, de ONGs e de cientistas religiosos.

Essas coalizações religiosas internacionais procuram influenciar a opinião pública internacional e pressionam países e organizações internacionais a aderirem políticas públicas e legislações condizentes com suas concepções religiosas em temas como aborto; casamento homossexual e legalização das drogas.

Nesse sentido existem duas tendências são percebidas na vida pública da América Latina e do Brasil, de um lado, os grupos feministas e LGBT buscam incluir os temas do aborto e diversidade sexual na agenda pública, por outro lado acontece o nascimento de novas maneiras de ativismo religioso, articulando líderes religiosos e ONGs na defesa dos interesses religiosos (MACHADO, 2012).

Com base na Figura 6, a paradiplomacia das redes religiosas pode ser dividida nas natureza corporativa e epistêmica, relacionadas com diferentes formas de atuação política das organizações religiosas nas escala nacional e internacional.

Figura 6 – Categorias de paradiplomacia religiosa

<i>Paradiplomacia eclesiástica de natureza corporativa</i>	Atuação internacional das organizações religiosas na defesa dos seus interesses nos fluxos de missionários e recursos, tanto no seu local de origem, quanto dos fluxos originados no espaço receptor. Assim como ações de defesa das organizações religiosas nas escalas internacional e nacional.
<i>Paradiplomacia eclesiástica de natureza epistêmica</i>	Ativismo e lobby religiosos articulados entre líderes e organizações religiosas juntamente com atores da sociedade civil de cunho religioso que atuam nas esferas internacional e nacional na defesa de concepções religiosas na agenda pública interna e externa.

Fonte: Baseada em Machado (2012) e Senhoras (2013).

Assim a paradiplomacia corporativa é sobretudo a paradiplomacia das redes religiosas na defesa de seus interesses econômicos e políticos, enquanto na natureza epistêmica as ações tratam da defesa das concepções religiosas nas arenas políticas, nacional e internacional.

#### 4 PROTESTANTISMO E A EXPLOSÃO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL

A presente seção objetiva sintetizar a explosão pentecostal no Brasil durante o século XX, para isso o texto é dividido em sete partes cujas funções são condensar a história do protestantismo brasileiro com foco no movimento pentecostal, suas denominações e seus desdobramentos no país.

A parte inaugural do texto chamada de *periodização do Protestantismo no Brasil: da chegada no século XIX ao advento dos pentecostais no XX*, apresenta um síntese histórica do protestantes tradicionais no Brasil e o seu relacionamento com os pentecostais.

Na segunda subseção intitulada *as causas da explosão do pentecostalismo no Brasil do século XX*, a pesquisa procura apontar os fatores internos e externos que causaram a consolidação do movimento pentecostal no país.

A terceira subdivisão da obra chama-se *a Importância das grandes redes denominacionais para o crescimento do pentecostalismo no Brasil*, nessa fração do texto é sintetizado o desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro no século XX tendo como enfoque das redes denominações pentecostais brasileiras.

A quarta parte do texto nominada *os Fluxos evangélicos: o Mercado Gospel*, aponta os desdobramentos econômicos do pentecostalismo na economia no país, em segmentos importantes como nas telecomunicações e nos mercados fonográfico e editorial.

A quinta divisão do texto é chamada *a o mercado político Pentecostal*, nesse ramo da seção são demonstradas os elementos mais importantes da



presenças das igrejas evangélicas na política nacional, assim como suas principais ações paradiplomáticas.

#### 4.1 PERIODIZAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL: DA CHEGADA NO SÉCULO XIX AO ADVENTOS DOS PENTECOSTAIS NO SÉCULO XX

O protestantismo surge na Alemanha em meados do século XV, como um movimento de contestação contra a hegemonia da Igreja Católica sobre a cristandade, a partir de então o movimento se difundiu por alguns países da Europa, como Reino Unido, Holanda e países escandinavos.

Em seguida o protestantismo alcançou o continente americano, principalmente a América do Norte, onde mantém a hegemonia até os dias atuais, conseqüentemente com bases nessas regiões do globo, o protestantismo se expandiu para o mundo inteiro.

No começo do século XX um dos fundadores da sociologia, Max Weber criou a principal literatura na história acerca da religião protestante, que tratava da relação do modo de produção capitalista com as concepções teológicas desse segmento do cristianismo.

De acordo com Weber (2006), o modo de produção capitalista ganha força após o advento do protestantismo, baseado na relação dessa religião com o trabalho e com o estudo técnico.

Nesse sentido o autor considera a capacidade dos elementos axiológicos interferirem na concretude, nesse caso a tese de Weber defende o papel do protestantismo para a criação do modo de produção do mundo contemporâneo.

Assim o autor testifica a tese da presente seção no qual o protestantismo, na sua vertente pentecostal, tem influenciado outras áreas da ação humana no Brasil, como são os casos da economia, da política, das telecomunicações e das relações sociais.

Portanto os desdobramentos da expansão do protestantismo no Brasil são as principais preocupações do texto, notadamente o papel das maiores

redes denominacionais para a difusão desse segmento, bem como suas ações principais a partir da década de 1990.

No Brasil, o Cristianismo é formado basicamente por duas grandes vertentes, o Catolicismo Romano do qual grande parte da população brasileira é adepta e o Protestantismo, no lado dos Protestantes existem uma série de diferenciações entre os principais grupos.

A grande divisão do protestantismo brasileiro é entre os *pentecostais* (também chamados de crentes e evangélicos) e os chamados *protestantes tradicionais*, que por sua vez se dividem em *protestantes de imigração* e os *protestantes de missão*, pois possuem características teológicas em comum.

Essas diferenciações são tão claras na prática, considerando que os protestantes tradicionais também se identificam com o alcunha evangélicos e os pentecostais por definição também são protestantes e herdaram práticas dos protestantes tradicionais, e alguns grupos de protestantes tradicionais assimilaram várias elementos dos pentecostais

Outras formas de subdivisão entre os grupo protestantes no Brasil se referem aos termos *movimento* e *denominação*, essas formas de diferenciação entre os grupos de protestantes é muito mais comum entre os pentecostais, o que torna esse grupo muito mais complexo que os grupos de protestantes tradicionais

O termo *denominação* refere-se a um grupo organizado formalmente que reúne-se em convenções, possui hierarquia interna e compartilha uma linha doutrinária comum, além disso é reunido com bases em ações e objetivos compartilhados (SILVA; SOUZA, 2010).

Nesse caso as igrejas do Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus por exemplo são denominações, pois são organizações formais com liderança e hierarquia própria, onde existe um estatuto e uma carreira própria para os pastores (ministério) seguirem na instituição.

No caso das igrejas protestantes o termo *movimento* é aplicado a um determinado grupo religioso, como por exemplo: O movimento Pentecostal; O movimento Neopentecostal; O Movimento de Igrejas em células e etc. (SILVA; SOUZA, 2010).

Um Movimento geralmente é composto por várias denominações como por exemplo o movimento neopentecostal que foi formado pelas igrejas Universal do Reino de Deus, Renascer, Internacional da Graça entre outras, que compartilhavam um conjunto de práticas organizacionais e teológicas.

De acordo com Jaenisch (2009) os protestantes estão no Brasil desde o início do processo de colonização, mas a consolidação denominacional aconteceu no Século XIX, Cronologicamente esses grupos chegaram antes dos pentecostais, além disso, anterior ao crescimento explosivo dos Pentecostais, os principais grupos de Protestantes já contavam com uma estrutura institucional sólida no país e um consolidado número de fiéis.

Isto posto, a presença dos protestantes antes do século XIX no Brasil, como por exemplo no caso dos franceses no Rio de Janeiro ou dos holandeses no nordeste não é considerada como uma parte integrante da presença dos atuais grupos de protestantes que hoje habitam o território brasileiro.

Os primeiros protestantes que chegaram de forma consistente ao Brasil no século XIX, são os chamados protestantes de imigração, os grupos mais conhecidos são os luteranos e os Episcopais, tal corrente se concentra principalmente no sul do país, possuem muitas similaridades com religiões de minorias étnicas, não possuem preocupação na conversão de novos fiéis e em muitos casos a comunidade religiosa é similar ao grupo étnico daquele espaço (BRANDÃO, 2004).

Esse grupo mantém as características religiosas trazidas da Europa e dos Estados Unidos da América, seu papel religioso é reduzido e a sua difusão pelo território nacional aconteceu juntamente com o espalhamento dos seus fiéis pelo país, com praticamente nenhum apelo evangelístico o número de fiéis mantem-se estável desde o século XIX.

Segundo Martins e Cardoso (2009), no caso dos Protestantes de Missão, sua origem é predominantemente americana cuja chegada no Brasil aconteceu na segunda metade do Século XIX, sua vinda ao país se baseava num projeto evangelizador, expansionista e civilizador, além disso, buscavam alcançar importância na sociedade, dentro desse grupo se destacam os Presbiterianos, os Batistas e os Metodistas.

Os protestantes de Missão alcançaram relativo sucesso expansionista no Brasil, com o emprego de técnicas e conhecimentos evangelísticos trazidos

dos Estados Unidos, essas redes se espalharam pelo território nacional e conquistaram uma importante quantidade de fiéis no País.

Em 18 de abril de 1906 o jornal Los Angeles times noticiou os eventos que aconteciam na cidade durante aquele ano na rua Azusa, o jornal abordou os gritos estranhos e a euforia durante cultos liderados pelo pregador batista negro William J. Seymour cuja mensagem pregava o batismo no Espírito Santo seguido pelo falar em línguas, glossolalia, embora houvessem outros caso do falar em línguas na Europa e nos Estados Unidos, o chamado *Avivamento da Rua Azusa* é o marco do nascimento do movimento pentecostal mundial (CURTIS, 2003).

Portanto em 1906 na cidade de Los Angeles nasce o mais importante movimento religioso cristão e do século XX, a mensagem e doutrina pentecostal baseia-se principalmente a crença nos dons espirituais, sobrenaturais como o falar em línguas e a cura divina.

No Brasil o Movimento chegou em 1910 com a chegada de um missionário italiano e em 1911 com dois missionários suecos, em ambos os casos os sacerdotes tiveram passagem pelos Estados Unidos onde aderiram ao movimento pentecostal para conseqüentemente o trazerem para o Brasil.

Portanto segundo Dias (2010), as principais datas de fundação de igrejas protestantes no Brasil são: Igreja Luterana 1824; Igreja Congregacional em 1858; Igreja Presbiteriana em 1859; Igreja Batista em 1882; Episcopal 1890; Congregação Cristã do Brasil 1910 e Assembleia de Deus em 1911.

Apesar da principal diferença entre pentecostais e protestantes tradicionais ser acerca da manifestação sobrenatural dos dons, no Brasil os contrastes também se dão pelo desenvolvimento organizacional dos pentecostais.

Após a chegada dos pentecostais no país, os protestantes tradicionais reagiram de forma diferente, enquanto os protestantes de migração não mantiveram praticamente nenhum contato com os pentecostais e não assimilaram nenhuma de suas práticas.

Os grupos de protestantes de missão se relacionaram de forma heterogênea com os Pentecostais, pois alguns grupos mantiveram-se firmes em suas tradições, entretanto outros grupos internalizaram várias práticas litúrgicas ou organizacionais dos pentecostais.

Além disso, alguns grupos de protestantes de missão tornaram-se pentecostais, como são os casos das denominações, Igreja Presbiteriana do Brasil e da Igreja Batista Nacional que são redes pentecostais, mas nasceram de pastores oriundos dos grupos de protestantes de missão.

Ainda na comparação entre o protestantismo tradicional e as redes pentecostais, os pentecostais quando comparados com os protestantes tradicionais são menos acessíveis ao ecumenismo, entretanto na relação entre as denominações pentecostais, os pentecostais herdaram dos do protestantismo tradicional a isolamento denominacional (BRANDÃO, 2004).

De maneira que as redes pentecostais, ao contrário dos protestantes tradicionais, são em sua grande maioria menos adeptas de movimentos ecumênicos, ou seja, os pentecostais não mantêm contato com outras religiões.

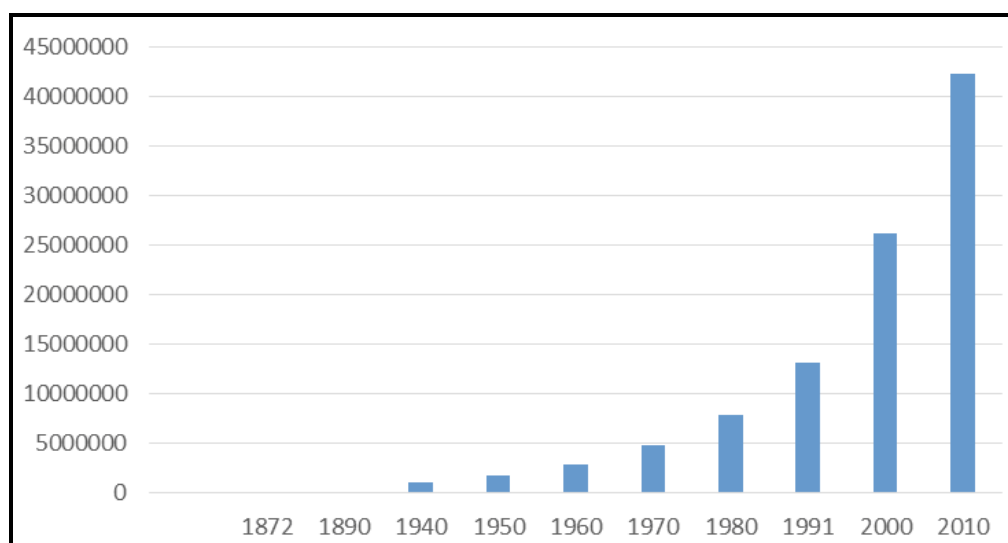
Por outro lado, as redes pentecostais assim como os ramos protestantes mais antigos não possuem praticamente qualquer relacionamento entre si, de maneira que a Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho e a Igreja Universal do Reino de Deus por exemplo, praticamente não mantêm relação institucional.

#### 4.2 CAUSAS DA EXPLOSÃO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL DO SÉCULO XX

O Crescimento do protestantismo no Brasil é causado principalmente pelos pentecostais, com base na Figura 7 é possível notar o grande desenvolvimento desse ramo do cristianismo cuja número dobra praticamente em todas as décadas desde os anos 1970.

São inúmeras as explicações cridas para explicar a expansão das redes pentecostais no Brasil, se condensadas essas explicações podem ser divididas em dois vetores, o interno e o externo: o vetor externo defende que o crescimento pentecostal é causado pelas características da sociedade brasileira, enquanto que o vetor interno aponta que o crescimento está presente na mensagem e na organização eclesiástica do movimento pentecostal.

Figura 7 - Número de evangélicos no Brasil



Fonte: IBGE (2010).

Conforme Fajardo (2011), no vetor externo às redes evangélicas, o crescimento do pentecostalismo brasileiro é resultado de três processos da sociedade brasileira, em primeiro lugar a forma como aconteceu a urbanização do país, em segundo lugar a formação das periferias do Brasil e por último a migração interna do país.

Como visto na seção 2, as redes sociais são importantes formas de socialização dos migrantes, consequentemente as redes pentecostais crescem nas periferias, onde estão a maioria dos migrantes, por conseguinte as igrejas evangélicas representam uma importante forma de socialização dessas novas pessoas nessas novas localidades.

Portanto nas periferias das cidades brasileiras a agregação mais presente é a associação religiosa, pois nessas localidades a religião representa

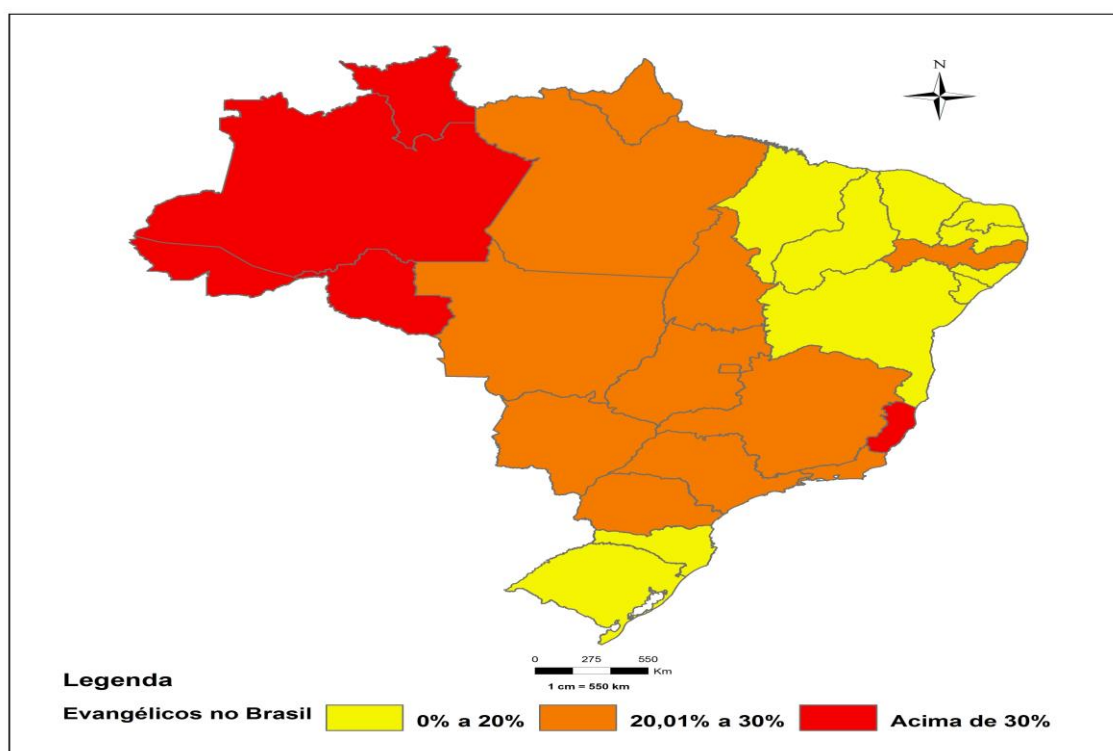
a principal atividade ocorrida em comunidade, logo as igrejas evangélicas transformam-se em refúgios contra as carências da população (FAJARDO, 2011).

Dessa maneira, uma das causas externas da expansão das redes pentecostais no Brasil é a estruturação das periferias das grandes e médias cidades brasileiras a partir do processo de urbanização do país mediante a migração interna.

O surgimento das frentes pioneiras em algumas regiões do Brasil facilitou a expansão pentecostal, considerando que esses espaços não eram católicos como é o comum no Brasil, nesses ambientes os pastores pentecostais foram favorecidos pela presença de uma população migrante desenraizada (JACOB, 2004).

A Figura 8 corrobora a tese de que a migração interna associada ou não com as frentes pioneiras agrícolas facilita o crescimento dos pentecostais, de maneira que é possível notar a quantidade percentualmente maior de evangélicos nos estados de expansão agrícola, ou em estados com grande nível de recepção de migrantes, são os casos de estados como: Rondônia; Acre; Roraima e Amazonas.

Figura 8 – Percentual de evangélicos por estado



Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>1</sup>.

Dentro das explicações do vetor interno está uma característica do meio protestante, o *conversionismo*, ou seja, a possibilidade de ruptura com os laços culturais e familiares, permitindo a mudança de fé e adesão com uma outra religião, de maneira que a aderência a uma fé se torna uma escolha individual (CERVEIRA, 2008).

Assim o proselitismo aliado a pregação da conversão é uma prática comum de todos os grupos de protestantes e mesmo do cristianismo como um todo, portanto o expansionismo missionário não é uma prática apenas pentecostal, porém é uma herança de todo o histórico cristão e protestante haja vista que o cristianismo é a maior religião do mundo.

Ainda no âmbito interno, as principais causas da expansão das redes pentecostais brasileiras são: capacidade organizacional (concentração da liderança eclesiástica e financeira, gestão empresarial); formação rápida de novos pastores; grande arrecadação de recursos; forte investimento em evangelismo eletrônico; acelerado ritmo de abertura de novas congregações e campos missionários; semelhança com religiosidade popular brasileira e a oferta de cultos e experiências mágicas, espirituais, transcendentais (MARIANO, 2008).

O poder institucional é uma das principais causas do crescimento das redes pentecostais no Brasil, nesse sentido a concentração do governo eclesiástico, aliado ao gerenciamento empresarial, e a grande arrecadação de recursos favorecem às igrejas evangélicas manterem pesado investimento em evangelismo.

Ao mesmo tempo em que o crescimento e a expansão são sempre objetivos fundamentais dessas redes, através da formação rápida de pastores, e da implantação de novas igrejas no maior número de espaços possíveis, sendo assim as igrejas evangélicas movimentam toda a sua estrutura para a manutenção do aumento do número de fiéis.

---

<sup>1</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.



Outro fator interno ao movimento Pentecostal que favoreceu sua expansão dentro do Brasil foi a sua similaridade com religiosidade dominante no Brasil, o Catolicismo, tendo em vista que Pentecostalismo e Catolicismo são ramos do Cristianismo.

Outras importantes características dos pentecostais são: a obsessão pela presença dos dons espirituais como falar o línguas, a cura divina e as profecias; o advento da teologia da prosperidade e a ênfase na pregação sobre costumes (MENESES, 2011).

Assim, as igrejas evangélicas oferecem aos seus fiéis o *elemento mágico* que são as práticas espirituais, sobrenaturais e transcendentais menos recorrentes na Igreja Católica e em outras igrejas protestantes, nesse conjunto de ações destacam-se: expulsão de demônios; cultos de buscas por milagres; oração pela cura de divina: crença na prosperidade financeira e as manifestações dos dons do Espírito Santo.

#### 4.3 A IMPORTÂNCIA DAS GRANDES REDES DENOMINACIONAIS PARA O CRESCIMENTO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL

Nas primeiras décadas do século XX é forjado o movimento Pentecostal brasileiro, nasce em 1910 a igreja Congregação Cristã no Brasil fundada por um missionário italiano que viveu nos Estados Unidos quando internalizou elementos do movimento pentecostal americano.

Em 1911 nasce a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Belém do Pará, criada por missionários suecos que também estiveram nos Estado Unidos no começo do século XX e assim como o fundador da Congregação Cristã no Brasil trouxeram aspectos do movimento pentecostal americano para a fundação da Assembleia de Deus.

Após sua origem no hemisfério norte, o movimento pentecostal logo se espalhou para o hemisfério sul nas primeiras décadas do Século XX, nesse momento a expansão aconteceu com base em duas tendências: primeiro, a formação de grandes denominações; segundo, o evangelismo com base em missionários e grupos evangelísticos pequenos e independentes, com base nesses dois modelos (ALVES, 2012).

É importante salientar que esse momento em que surgiram as Igrejas Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus é

chamado de *primeira onda pentecostal* no Brasil, pois se refere ao nascimento desse movimento no país.

Com base no censo do IBGE de 2010 as Igrejas, Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus ainda são as maiores igrejas Protestantes brasileiras possuindo grande presença em todo o território nacional e contando com um estrondoso número de fiéis.

O nascimento da Igreja Assembleia de Deus é considerado um marco para o cristianismo no Brasil, pois a partir dessa denominação foram forjadas as principais características culturais, teológicas, litúrgicas e espirituais do chamado Pentecostalismo brasileiro.

A *segunda onda pentecostal* aconteceu nas décadas de 1950 e 1960, com a fragmentação da redes pentecostais e o surgimento de duas grandes denominações: a Igreja do Evangelho Quadrangular trazida para o Brasil em 1951 e a Igreja Pentecostal Deus é Amor fundada em 1962, nesse momento aconteceu a crescente nacionalização do pentecostalismo brasileiro, apesar de a principal igreja desse período, a Igreja do Evangelho Quadrangular, ser uma igreja americana (MATOS, 2006).

A segunda onda pentecostal foi responsável por introduzir a profissionalização do evangelismo através de cultos itinerantes, o uso do rádio, e por reuniões com busca pela cura divina, nesse período o estado de São Paulo foi principal foco de dinamismo pentecostal.

A *terceira onda pentecostal no Brasil* aconteceu entre os anos 1970 e 1980, tem como maiores expoentes as igrejas Universal do Reino Deus fundada em 1977 e a Igreja Internacional da Graça criada em 1980, as igrejas dessa onda também são chamadas de *igrejas neopentecostais*, suas características principais são: organização corporativa; teologia da prosperidade e ênfase na mídia.

Segundo Mariano (2008) a Igreja Universal do Reino de Deus é o símbolo das redes pentecostais com estrutura empresarial que se utiliza de estratégias de mercado, as redes pentecostais empresariais possuem grande capacidade financeira, patrimonial, midiática e política, a forma de governo eclesial centralizada e verticalizada, a gestão empresarial, a profissionalização dos pastores e dos trabalhadores administrativos, a adoção de estratégias de marketing, o estabelecimento de metas para os pastores, a

grande disciplina eleitoral, a grande capacidade de arrecadação de recursos, o investimento em empresas de comunicação, o evangelismo eletrônico e a capacidade de aberturas de novas congregações são as características dessas denominações.

A organização corporativa onde os recursos são centralizados na liderança nacional permite o investimento maciço em mídia, através da compra de espaços em empresas de mídia seculares e na aquisição de suas próprias emissoras de rádio e televisão, de maneira que as igrejas neopentecostais são organizações de grande impacto no mercado de mídia brasileiro.

Geralmente as igrejas da terceira onda são adeptas da *Teologia da Prosperidade*, concepção teológica cuja pregação consiste na crença de que a conquista de bens materiais é uma consequência da salvação pessoal e da disciplina no pagamento de dízimos e nas ofertas.

Nessa obra é proposta a tipificação inédita de uma quarta onda pentecostal, de acordo com essa caracterização nos anos 1990 aos dias atuais está acontecendo a quarta onda pentecostal dividida em duas fases, a primeira fase denominada, *a juventude* e o *mercado gospel* e a segunda fase, chamada de movimento das igrejas em *células* ou *pequenos grupos*.

A primeira fase da quarta onda intitulada *a juventude* e o *mercado gospel*, inicia no final da década de 1980, perpassa a década de 1990 e termina no início da década de 2000, e abarca o fortalecimento do *mercado gospel* brasileiro, no qual a Igreja Renascer em Cristo fundada em 1986, que também é considerada uma igreja da terceira onda pentecostal, e a Igreja Bola de Neve fundada em 2000 são os maiores expoentes.

Trata-se de um movimento cultural Pentecostal direcionado para a conversão dos jovens, para tanto as igrejas buscaram adaptar a mensagem cristã ao comportamento e a estética juvenil, esse movimento consistiu em duas frentes, de um lado a formação de espaços e práticas culturais relacionadas com a cultura de massa atual, destinados aos jovens evangélicos, por outro lado, foram criadas organizações, eventos e iniciativas com objetivo de converter jovens em todas as áreas de interesse da juventude, como são os casos dos Surfistas de Cristo e dos Atletas de Cristo (JUNGLUT, 2007).

Uma consequência da primeira fase da quarta onda intitulada *a juventude* e o *mercado gospel* são as denominações pentecostais segmentadas,

que são uma forma das igrejas pentecostais alcançarem nichos e minorias principalmente juvenis, nesse sistema os fiéis são treinados para conquistarem determinado grupo ou tribo de pessoas e adaptarem a mensagem cristã para as necessidades do público alvo.

Portanto, de acordo com Cortês (2011) várias redes religiosas estão segmentando suas mensagens na disputa pelos fiéis, assim tem surgido grupos religiosos especializados em arregimentar jogadores de futebol, celebridades, roqueiros, skatistas, empresários, e até mesmo igrejas inclusivas voltadas para os homossexuais, transexuais, travestis e transgêneros, de maneira que a segmentação da mensagem religiosa é uma tendência da expansão pentecostal no mundo.

A busca por segmentos da sociedade pode acontecer através de nichos específicos em igrejas pentecostais comuns por meio de missionários, líderes ou pastores treinados para a conquista de pessoas desses segmentos, ou por meio do surgimento de novas denominações especializadas em determinado segmento da sociedade, assim existem denominações criadas exclusivamente para a atração de Roqueiros, skatistas homossexuais e outras minorias.

Outra consequência desse período é o advento do mercado fonográfico gospel, fortalecido pelo crescimento do papel da música como forma de evangelismo, nessa época ganharam força as gravadoras gospel e a figura do artista gospel.

A segunda fase da quarta onda do pentecostalismo brasileiro rotulada de movimento de *igrejas em células ou pequenos grupos*, inicia-se nos final dos anos 1990 e se estende até os dias atuais, nesse momento as principais igrejas são o Ministério Internacional da Restauração e a Igreja da Paz, ambas oriundas do norte do Brasil, nesse modelo o cerne da organização eclesial são as *células*, o *grupo familiar*, o *discípulo*, e vários outros nomes, que significam a divisão da igreja em grupos pequenos.

Esse Movimento surgiu na Coréia do Sul, e se tornou um dos maiores movimentos protestantes da atualidade, dessa experiência surge o conceito de *pequenos grupos* onde os membros das igrejas se dividem e se reúnem em suas casas, a partir da concepção asiática surge o modelo de *igrejas em células*, nesse tipo de estrutura eclesial ocorre a descentralização

institucional, é aumentada a importância do trabalho do leigo, ocorre a expansão da igreja pelas casas e praças, além disso é diminuída a importância dos templos, da figura do Pastor e dos cultos convencionais (XAVIER, 2008).

Contudo o modelo brasileiro é espelhado principalmente na experiência colombiana criada pelo Pastor César Castelhanos que foi transmitido para lideranças brasileiras, principalmente nas denominações oriundas do norte do Brasil.

As Igrejas em células ou pequenos grupos baseiam-se nos princípios do marketing de rede de multinível, um sistema de vendas diretas, onde acontece a relação entre vendedores e compradores sem um estabelecimento comercial fixo, a expansão das vendas acontece pela rede de contatos e da indicação de novos clientes pelos antigos, no caso das igrejas em pequenos grupos as ações buscam conservar os membros, mantendo uma relação permanente com a igreja (SILVA; SOUZA, 2010).

As redes pentecostais de pequenos grupos são um formato criado visando essencialmente o crescimento das Igrejas, nesse sistema os fiéis são os maiores responsáveis pelo crescimento das denominações, esses são adestrados para atraírem novos adeptos nas reuniões que acontecem nos pequenos grupos, todo o esforço da rede é para aumentar o número de pequenos grupos e conseqüentemente o número de fiéis.

Na Figura 9 vê-se o desenvolvimento histórico do pentecostalismo do Brasil:

Figura 9 – Ondas do pentecostalismo no Brasil

Ondas		Período	Características das redes
1ª Onda	PENTECOSTAL	1910-1940	Práticas comuns de fala de línguas estranhas; pregação de usos e costumes; bem como, ênfase nas camadas populares mais pobres da sociedade.
2ª Onda		1950-1960	Ordinárias práticas religiosas de busca pela cura divina; evangelismo itinerante; assim como utilização do rádio como meio de difusão da palavra.
3ª Onda	NEOPENTECOSTAL	1970-1980	Teologia da prosperidade; investimento em canais de telecomunicações; profissionalização dos pastores.
4ª Onda		1980-2000	1ª fase Adaptação da mensagem cristã para a estética e cultura juvenil; ênfase no evangelismo das tribos urbanas; segmentação reticular; fortalecimento do mercado gospel.
		1990-hoje	2ª fase Realização de reuniões em grupos pequenos nas casas e praças; maior participação dos membros na liderança das redes; aumento da importância do fiel para o crescimento da denominação.

Fonte: Mariano (2008), Jungbult (2007) e Matos (2006).

Independentemente da tipificação das quatro ondas pentecostais, dois outros padrões são importantes nas redes denominacionais brasileiros: primeiro, a fragmentação institucional: segundo, o surgimento de redes filantrópicas pentecostais.

A fragmentação institucional das redes pentecostais, refere-se ao surgimento de várias redes pentecostais nascidas de cismas das grandes denominações, conseqüentemente existem várias pequenas denominações no Brasil competindo a preferência dos fiéis com as redes evangélicas mais importantes, essas pequenas redes possuem importância no bairro, na cidade

ou na região, mas sem a presença nacional das grandes redes denominacionais (ALVES, 2012).

Consequentemente no Brasil principalmente nas periferias das grandes e médias cidades ocorreu a proliferação de denominações pentecostais de dimensão local ou regional, embora o contingente de protestantes no país ainda esteja concentrado num pequeno número de Igrejas de alcance nacional.

Um fator importante nas redes evangélicas brasileiras assim como em outras religiões do país é o crescente ativismo social haja vista a propagação de Organizações não governamentais (ONGs) e de projetos sociais religiosos. Nesse sentido o campo religioso ganhou outra arena de disputa, onde grupos apresentam a preocupação da sua fé com questões sociais e também se apresentam dentro de suas religiões como os agentes com mais interessados nos problemas sociais (BURITY, 2007).

Nesse sentido acontece o padrão de surgimento das redes pentecostais filantrópicas que também não se encaixam na tipificação das ondas pentecostais, esse padrão é uma nova forma das igrejas evangélicas conquistarem adeptos, nesse modelo os fiéis através de ONGs ou das próprias redes religiosas canalizam os recursos das instituições e dos fiéis para o financiamento de ações filantrópicas.

#### 4.4 - FLUXOS EVANGÉLICOS: O MERCADO GOSPEL

O Movimento Pentecostal brasileiro tem se notabilizado nas últimas décadas pelo crescente poderio financeiro das principais redes evangélicas, essa capacidade econômica cria nas redes pentecostais uma grande potencial de investimento e possibilita a atuação dessas igrejas em espaços outrora não ocupados por religiosos.

Outra característica marcante dos pentecostais é a crescente mercantilização dos produtos religiosos, o que tem criado um pulsante mercado de produtos para o público evangélico, tornando os fiéis não apenas adeptos de uma fé, mas também consumidores de produtos relacionados com essa crença.

Conforme a Figura 10, o mercado evangélico movimenta doze bilhões de reais por ano, assim a mercantilização da fé aliada ao enorme crescimento

do número de evangélicos e o fortalecimento econômico das redes pentecostais criou duas ramificações do mercado evangélico, de um lado estão os milhões no Brasil que consomem os produtos religioso, por outro lado estão as maiores redes pentecostais com o seu crescente poder de investimento.

Figura 10 – Box: O mercado evangélico

O mercado evangélico movimenta 12 bilhões de reais por ano no Brasil, nesse mercado parte dos produtos são dedicados aos fiéis, e parte é movimentado pelas igrejas que adquirem espaços na grade de TV, e possuem empresas nas áreas de construção de grandes templos, em engenharia e telecomunicações. Nesse segmento destaca-se a construção de templos, como o templo de Salomão da IURD, outros ramos importantes são as telecomunicações e a mídia, como a Rede Record, também de propriedade da IURD, mas também a compra de horários na Rede TV, Band e Gazeta e outras redes, os produtos de consumo fazem parte desse crescimento, nesse sentido algumas igrejas, possuem seu próprio cartão de crédito.

Fonte: BBC BRASIL.<sup>2</sup>

No caso da economia evangélica movimentada pelos recursos das grandes redes denominacionais esta os casos: da indústria da mídia; de parte da indústria fonográfica; dos recursos investidos na construção de templos e os serviços de assessorias para pastores e igrejas.

No âmbito da indústria da mídia, as igrejas evangélicas vêm aumentando sua participação desde meados dos anos 1970, além da aquisição de espaços em programação de emissoras seculares, as igrejas evangélicas compram suas próprias redes de televisão e rádio.

Dentre as explicações para o sucesso das igrejas pentecostais em conquistar espaços na mídia, primeiro as redes evangélicas desenvolveram uma estrutura organizacional capitalista e eficiente, outro motivo foi o domínio

---

<sup>2</sup> BBC BRASIL. **Conheça alguns dos principais negócios ligados ao mercado evangélico.** Disponível em: <[www.bbc.co.uk/portuguese](http://www.bbc.co.uk/portuguese)>. Acesso em 01 jan. 2014.



que as igrejas pentecostais estabeleceram dos meios de produção, distribuição e transmissão de mídia que possibilitou o uso da tecnologia para a difusão da fé (FONTELES, 2010).

A capacidade de financiar e produzir produtos midiáticos de fé tornou das redes pentecostais uma parte importante da indústria da mídia no Brasil haja vista a quantidade de programas e emissoras dedicadas ao público evangélico ou para a pregação da mensagem pentecostal.

Os produtos midiáticos têm dois proveitos para as redes pentecostais que as utilizam, por um lado, esses programas de rádios e TV, bem como os CDs e DVDs servem como uma forma fidelização dos seus fiéis, assim como uma maneira de divulgação para a atração de novos adeptos (GALINDO, 2009).

Nesse sentido a indústria da mídia tem contribuído para a explosão do número de evangélicos, pois serve para a manutenção dos fiéis já conquistados pela igreja evangélica e também ajuda na evangelização de pessoas não evangélicas.

No caso do fiel, o consumo dos produtos midiáticos religiosos vale para demonstrar publicamente a sua adesão a aquela denominação e também funciona como uma forma de construção de identidade com a sua rede evangélica (GALINDO, 2009).

Além da indústria da mídia as redes evangélicas também movimentam a economia através da construção de seus templos, no pagamento de seus profissionais e por meio das agências de consultorias especializadas no apoio a igrejas protestantes.

Afora os investimentos das redes denominacionais, a economia evangélica também é movimentada pelo consumo dos fiéis, nessa categoria os principais produtos evangélicos são: o mercado editorial; os eventos gospel e a indústria fonográfica, além de mercados que movimentam menos recursos como as viagens para Israel e a emergente moda evangélica.

Os Fiéis consomem produtos evangélicos por alguns motivos, dentre os quais se destacam: primeiro a escolha de empresas indicadas pelos líderes da sua igreja; segundo a opção por empresas evangélicas e por último a influência do grupo social sobre o consumo (BUGARIM; TRINTA, 2008).

A obediência aos líderes a busca pelo consumo de produtos evangélicos e o sentimento de pertencimento ao grupo formam os principais motivos que levam os fiéis a consumirem os produtos evangélicos, nesse sentido o consumo dos produtos religiosos é parte do processo aceitação.

Na economia dos produtos evangélicos um segmento importante é a indústria fonográfica cujo crescimento tem sido relevante nos últimos anos, o papel da música para os evangélicos é muito grande, pois abarca elementos culturais, midiáticos, econômicos e evangelísticos e alcança boa parte dos outros segmentos do mercado gospel.

A ressonância da música gospel no mercado está baseada no aspecto litúrgico, já que no culto a música ocupa boa parte do tempo, nesse momento acontece a emoção dos fiéis cuja participação é importante durante os hinos, as apresentações são para o encantamento dos presentes (DOLGHIE, 2004).

Logo a música tem um papel ritualístico importante para os pentecostais cuja relevância é herdada da cultura do gospel das igrejas norte-americanas, portanto a música tem seu valor econômico baseado no aspecto sagrado dos cultos protestantes.

Os artistas gospel, principalmente aqueles que atuam na indústria fonográfica justificam e defendem sua atuação no mercado com base na sua missão de ganhar almas, converter os infiéis e pregar o evangelho, mesmo que operem com a perspectiva do lucro, através da venda de seus produtos, com base nessa missão os membros desse meio comercializam seus produtos que são aceitos pelos fiéis como ferramentas de pregação do evangelho (DE PAULA, 2012).

Assim como na indústria da mídia a existência da indústria fonográfica também é justificada para os fiéis com base na sua missão evangelizar e divulgar a fé, com o intuito de conquistar um maior número de fiéis e fidelizar os atuais.

Outra semelhança com a indústria da mídia é o protagonismo do meio evangélico na indústria fonográfica do Brasil, considerando o aumento da presença de artistas evangélicos nas gravadoras seculares e na cultura popular brasileira.

Outro segmento da economia pentecostal é a indústria dos eventos gospel cujo desenvolvimento está intrinsicamente ligado ao crescimento da

indústria fonográfica e também faz parte do esforço de tornar a mensagem pentecostal mais acessível ao público juvenil.

Os eventos gospel assemelham-se aos padrões seculares de festas, como nas escolhas dos espaços que podem ser praias e casas de shows, e até mesmo nos nomes dos eventos como *balada gospel*, surge o papel do artista gospel que funciona com um atrativo para a festa (MENDONÇA, 2008).

Nesse sentido o papel da indústria fonográfica é propiciar o produto e o artista para o evento, por exemplo no caso de um cantor evangélico sertanejo, para uma *balada sertaneja gospel*, ou uma banda de Rock evangélica para o *show de rock gospel*.

Acontece a profissionalização do culto pentecostal, na publicidade do evento, na realização através da cenografia, iluminação, sonorização e filmagem e na pós-produção, criando os CDs, DVDs e na venda do produto a espetacularização das expressões de fé, notadas no emprego dos recursos tecnológicos e no aspecto teatral (MENDONÇA, 2008).

O mercado editorial evangélico é outro setor de expansão do comércio de produtos evangélicos, nesse segmento são importantes os grupos de protestantes tradicionais, assim como as faculdades de teologia e os vários cursos de formação de obreiros, pastores, diáconos, líderes e etc.

O crescimento do mercado editorial evangélico é causado pelo crescimento do número de cristãos pentecostais, nesse sentido existe a procura ajuda literária para a conversão, também ocorre uma retomada de consumo literário dos grupos de protestantes tradicionais, além da forte cultura bíblica desses grupos (LEWGOY, 2004).

Como nas indústrias da mídia fonográfica gospel o mercado editorial evangélico também é protagonista no mercado editorial brasileiro, porém nesse caso, as publicações protestantes rivalizam com as obras da religião espírita, o que não acontece nos outros segmentos do mercado gospel.

A importância do mercado editorial evangélico pode ser explicado pelo crescimento do número de evangélicos no país, pelo papel de suas organizações de ensino e pela forte tradição de leitura da bíblia presente em todos os grupos de protestantes.

#### 4.5 – O MERCADO POLÍTICO PENTECOSTAL

O aumento do peso político das religiões é um fenômeno marcante na geografia política do mundo, eventos como a Revolução Iraniana, a Primavera Árabe e os ataques contra as torres gêmeas em Nova York apontam uma tendência na política internacional onde os elementos religiosos estão crescendo em relevância na geopolítica mundial.

Segundo Machado (2012), no Brasil a relação entre política e religião não é nova, nas décadas de 1980 e 1990 facções católicas ligadas à Teologia da Libertação tiveram um papel importante na mobilização dos movimentos populares com o intuito de apoiar o Partido dos Trabalhadores (PT).

No caso dos pentecostais a participação é relativamente recente na vida pública brasileira, considerando que o crescimento dos evangélicos começou a ganhar notoriedade no país anos 1980, antes desse período, as igrejas evangélicas ainda não tinham o capital político para intervir significativamente na política brasileira.

O Crescimento da bancada protestante começa em 1986, quando foram eleitos 32 parlamentares evangélicos para o Congresso Nacional, em 1990 foram 23 deputados, nove representantes a menos, em 1994 foram 26 deputados e 4 senadores, em 1998 foram 49 congressistas, chegando em 2002 ao número de 59 deputados, em 2003 foi formada a Frente Parlamentar Evangélica constituída por 60 parlamentares, formando na época a terceira maior bancada do congresso (MARIANO; HOFF; DANTAS, 2007).

Em 2003 a bancada evangélica alcançou o seu apogeu no Congresso brasileiro, a fundação da Frente Parlamentar evangélica formou umas das principais forças do congresso nacional, o que representava um relevante capital político o movimento pentecostal, contudo o ano de 2006 representou uma grande inflexão na história da representação dos evangélicos no Congresso Nacional.

O ano de 2006, foi um péssimo ano para a bancada evangélica, pois representou o início das denúncias de parlamentares evangélicos envolvidos em corrupção, especialmente no “escândalo das sanguessugas”, que foi uma esquema investigado pela Polícia Federal, onde quadrilhas negociavam verbas destinadas a compra de ambulâncias com os parlamentares, criando um sistema de superfaturamento e propinas, no mesmo ano foi criada uma CPI

para investigar o esquema, o relatório final apontou o envolvimento 72 deputados federais, com recomendação para cassação do mandato, destes 28 eram evangélicos. (GONÇALVES, 2011).

A Máfia da sanguessuga foi um dos momentos mais críticos na história do movimento pentecostal brasileiro, esse episódio retirou das redes pentecostais os argumentos de moralidade e ética, que são dois motivadores fundamentais para ações políticas e evangelísticas dessas organizações.

Dos 22 deputados federais da Assembleia de Deus, 10 foram acusados de envolvimento no esquema dos sanguessugas, a Igreja Universal do Reino de Deus foi a instituição mais seriamente atingida pelo escândalo, pois 14 de seus 16 deputados federais foram acusados de envolvimento no esquema, o resultado foi a Perda de aproximadamente um Terço da bancada evangélica nas eleições de 2006 (MARIANO, HOFF; DANTAS, 2007).

A ressaca moral que atingiu o movimento pentecostal resultou na grande derrota eleitoral da história do movimento pentecostal em 2006, contudo esse momento de baixa durou apenas quatro anos, nas eleições de 2010 a bancada evangélica voltou a crescer e atingiu uma quantidade de representantes superior ao ano de 2006.

Na Atual legislatura existem 73 deputados evangélicos, o que representa aproximadamente 14% do total de deputados federais, sendo que desses, 23 respondem processo por algum tipo de crime cometido na esfera pública, como corrupção, peculato e crime eleitoral.<sup>3</sup>

São três os senadores da atual legislatura com atuação destacada na defesa dos interesses das igrejas evangélicas, o senador Magno Malta do Espírito Santo, o senador Marcelo Crivela do Rio Janeiro e o senador Walter Pinheiro da Bahia, todos fazem parte da base aliada do governo.

De acordo com um levantamento realizado no segundo semestre de 2012, foi alcançado o número de representantes evangélicos nas principais casas do legislativo brasileiro, para isso, foram pesquisados a quantidade de políticos evangélicos nas Assembleias Legislativas Estaduais, da Câmara do

---

<sup>3</sup> CASTRO, G; MATTOS, M. **Vinde a mim os eleitores**: a força da bancada evangélica no Congresso. **VEJA**. Disponível em <[www.veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-forca-dos-evangelicos-no-congresso](http://www.veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-forca-dos-evangelicos-no-congresso)>. Acesso em: 1 jan. 2014.

Distrito Federal e das Câmaras municipais de todas as capitais brasileiras, o estudo apontou um total de 238 parlamentares evangélicos que representam 10% do total (SOUZA; RUATA; CAMPANA, 2013).

Com base nos dados das do congresso nacional e nas principais casas do legislativo municipal e estadual é possível perceber que os evangélicos são mais bem sucedidos nas eleições no nível federal do que as de âmbito estadual e municipal.

Essa situação é explicada pela ênfase das redes pentecostais em eleger representantes para o congresso nacional, onde são debatidos os temas de seus interesses, ao contrário dos legislativos estadual e municipal, onde as matérias tratam principalmente de temas do cotidiano dessas localidades.

Entretanto o dado mais importante é a presença dos representantes desse movimento em grande parte das casas do legislativo brasileiro, conseqüentemente hoje as redes pentecostais são um dos principais atores políticos do Brasil e seu apoio é disputado pelos principais partidos políticos do país.

Contudo, após o acontecimentos da máfia dos sanguessugas, a bancada evangélica manteve um percentual significativo de representantes que respondem processos na justiça, assim surgiu a rejeição de parte da sociedade brasileira contra bancada evangélica pela ficha dos seus representantes e pelas suas defesas no congresso nacional.

Quanto aos motivos do sucesso eleitoral das igrejas evangélicas, destacam-se a estrutura hierarquizada e centralizada dessas redes, baseadas em modelos organizacionais de mercado, além disso, o mundo ocidental vive um momento de baixa representatividade da sociedade, especialmente num país como o Brasil, que tem uma baixa institucionalização partidária (MAIA, 2006).

Portanto, as igrejas evangélicas se utilizam de suas estruturas sociais aliadas ao seu poderio financeiro para ocupar os espaços deixados pela falta de representatividade política da sociedade por organizações político-eleitorais clássicas, como os partidos, as entidades de classe e os sindicatos.

Outra razão para os êxitos eleitorais dos pentecostais é o crescimento do número de evangélicos no Brasil que impulsiona o capital das grandes

denominações desse movimento, como no caso da Igreja Universal do Reino de Deus que é a rede pentecostal mais bem sucedido eleitoralmente no país.

A Igreja Universal do Reino Deus criou o padrão de “candidatura oficial”, para alcançar o sucesso os jovens de 16 anos são incentivados a votarem, também é realizado um arrolamento do número de membros, e analisado o coeficiente eleitoral dos partidos, essas informações são expostas aos bispos regionais e conseqüentemente aos bispos responsáveis pela estratégia nacional, que em conjunto decidem a quantidade de candidatos em cada município ou Estado, após a escolha dos candidatos, a IURD usa seus cultos, eventos em massa e as suas emissoras de televisão, rádio e impressa, conforme legislação eleitoral, para divulgar os seus candidatos (ORO, 2003).

O modelo de candidatura oficial foi sendo adotado por várias outras denominações, assim como na IURD, geralmente um pastor é escolhido para disputar os pleitos eleitorais pelas redes pentecostais, no caso da Igreja do Evangelho Quadrangular é realizado um plebiscito para a escolha do representante.

De maneira que o sucesso eleitoral pentecostal no Brasil é sobretudo o sucesso eleitoral das grandes denominações evangélicas brasileiras, como as Assembleias de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular.

Quanto as motivações das Igrejas pentecostais em atuarem politicamente, as duas principais são: a defesa da instituição no legislativo e a crença no papel moralizante do representante evangélico na política (PEDDE, 2005).

Assim como a paradiplomacia eclesiástica possui dois formatos, a atuação dos políticos evangélicos também possui dois ramos, de um lado está a defesa da rede denominacional daquele representante assim como ocorre na paradiplomacia corporativa e por outro lado está a defesa dos valores cristãos na sociedade como acontece na paradiplomacia epistêmica.

Assim atualmente as leis tem alcançado aspectos referentes a áreas da vida privada das pessoas, portanto questões os casos da pesquisa com células-tronco e do controle de natalidade são temas que recentemente tem suscitado a criação de legislações específicas (BURITY, 2001).

Logo a reação, contra as ameaça geradas pelas leis que versam sobre aborto e família, é a principal explicação que os líderes pentecostais constroem para a massa evangélica para justifica a crescente presença de pastores e demais representantes pentecostais na principais casas legislativas do Brasil.

A reação católica contra o avanço dos debates acerca do aborto e de outros temas seculares foi a criação da Frente Parlamentar em Defesa da Vida e contra o Aborto, o grupo também é composto por evangélicos e é constituído por 220 deputados e doze senadores.<sup>4</sup>

De maneira que a competição interna entre as religiões evangélica e Católica tem sido atenuada em detrimento da disputa entre as ideologias de matriz cristã e as de caráter secular acerca das concepções da vida e da sexualidade humana, o que tem reverberado em outros âmbitos, gerando a judicialização desses conflitos sociais no Brasil (MACHADO, 2012).

Portanto o argumento de defesa de concepções cristãs no congresso nacional também é utilizada pela Igreja Católica, nesse sentido temas como aborto e células-tronco tem aproximado as duas principais vertentes do cristianismo no Brasil.

Nas Eleições presidenciais de 2010, Dilma foi acusada de defender a descriminalização do aborto e apoiar o casamento homossexual causando uma grande rejeição entre evangélicos, para superar a desaprovação dos protestantes, Dilma visitou Igrejas, fez afirmações cristãs e garantiu que se fosse não tomaria a iniciativa de descriminalizar o aborto (TREVISAN, 2013).

A postura defensiva da então candidata a presidente Dilma acerca de temas de interesse da comunidade cristã revela a capacidade das organizações cristãs em impor sua agenda política no mais alto nível de disputa eleitoral no país.

Como demonstrado na Figura 11, os grupos de representação de homossexuais e os políticos evangélicos travam uma das principais batalha política do país na qual os representantes dos grupos de homossexuais acusam a bancada evangélica de ser um grupo formado por corruptos.

---

<sup>4</sup> CASTRO, G; MATTOS, M. A confusão envolvendo o deputado-pastor Marco Feliciano expôs a atuação dos parlamentares ligados a igrejas evangélicas. E eles vieram para ficar. **VEJA**. Disponível em <[www.veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-forca-dos-evangelicos-no-congresso](http://www.veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-forca-dos-evangelicos-no-congresso)>. Acesso 1 jan. 2014.



Figura 11 – Disputa entre representantes evangélicos e homossexuais

O deputado federal Jean Wyllys do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), um dos principais defensores dos direitos dos grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) no Legislativo brasileiro, afirmou que a bancada evangélica no Congresso Nacional é “atravessada por escândalos de corrupção”, e segundo o deputado, todos tem ficha com envolvimento em escândalos de corrupção nos seus estados, o representante do LGBT também critica o projeto de cura gay e o representante evangélico, Pastor Marco Feliciano.

Fonte: TERRA.<sup>5</sup>

Assim os representantes pentecostais enfrentam rejeição de setores da sociedade brasileira, causado em parte pela perda da legitimação moral após os escandalosa de corrupção e parte pelos enfrentamento contra os grupos de representação homossexual.

Do lado dos representantes evangélicos o embate contra os grupos homossexuais legitima a justificativa de defesa do moral cristã junto ao seu eleitorado e conseqüentemente coloca na agenda política do país temas caros aos seus interesses.

---

<sup>5</sup> FERNANDES, D; MAGALHÃES, V. Bancada evangélica é ‘atravessada por escândalos’. *Terra*, 5 jul. 2013. Política. Disponível em: <[www.noticias.terra.com.br](http://www.noticias.terra.com.br)>. Acesso em 1 jan. 2014.

## 5 A DIFUSÃO NACIONAL DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO (1991-2013)

Na presente seção, cada uma das três redes investigadas na pesquisa é estudada em três categorias, a primeira é a sua história, a segunda parte trata da organização estrutural, e por último são apresentados os espalhamentos dessas organizações pelo território nacional.

Logo o texto é dividido em três partes, sendo uma parte cada uma das três redes estudadas, essas se subdividem em três seções cada, que somadas formam nove subdivisões da seção.

Na Introdução da seção são apresentados os motivos que demonstram a importância das três denominações escolhidas para a pesquisa, nesse momento são analisados o crescimento dessas organizações nas últimas e a sua importância no protestantismo brasileiro

Na parte do texto dedicada ao estudo *das Igrejas Assembleias de Deus* é mostrada a *história* da igreja onde é explicada a importância da CGADB, num segundo momento é revelada sua estrutura interna e por fim são expostos os principais motivos da *difusão* das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil.

Na subseção empregada na investigação da Igreja do Evangelho Quadrangular é apresentada sua *história*, em seguida sua *estrutura* e hierarquia interna e por último exibidos os aspectos relevantes de sua *difusão* no Brasil.

No segmento do texto aplicado ao estudo da Igreja Universal do Reino de Deus, em primeiro lugar é mostrada a *história* dessa denominação, em seguida é exposta a sua *estrutura* interna e por último são relevados os elementos mais importantes de sua difusão pelo país.

Na última subseção são feitas análises relacionais dos dados mais importantes das organizações estudadas, no intuito de entender os padrões similares e distintos de expansão dessas três redes pentecostais.

## 5.1 INTRODUÇÃO ÀS MAIORES DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS NO BRASIL

As três redes pentecostais abordadas na pesquisa reúnem os momentos e características mais importantes do segmento pentecostal no Brasil, cada uma delas é representante de uma das três primeiras ondas pentecostais que aconteceram no Brasil até meados dos anos 1980.

As Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus foram fundada em Belém, capital do Estado do Pará, em 1911, e são a principal expoente da primeira onda pentecostal, sua principal contribuição para o meio evangélico está na formação da identidade dos “crentes” no país, o foco nas populações carentes, assim como a busca pelo evangelismo ininterrupto e agressivo.

A Igreja evangelho quadrangular fundada em 1921, na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos e fundada no Brasil em 1951, na cidade de São João da Boa Vista, em São Paulo, é a principal igreja da segunda onda pentecostal, suas contribuições ao meio são: o aumento da participação da mulher dentro das igrejas pentecostais e as ações de evangelismo em massa, através dos meios de comunicação e de cultos itinerantes.

A Igreja Universal do Reino de Deus fundada no ano de 1977, na cidade do Rio de Janeiro é a principal representante da terceira onda pentecostal, pois é a rede evangélica onde a teologia da prosperidade é mais difundida e a detentora da maior quantidade de meios de comunicação entre todas as igrejas evangélicas do Brasil, mantidas por um governo eclesiástico extremamente hierarquizado.

No Censo do IBGE de 1991, as Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus detinham um contingente de membros 2.439.770, a igreja Universal do Reino de Deus arregimentava um total de fiéis 268.955 e a igreja do Evangelho Quadrangular possuía um rebanho de 303.267 (JACOB; HEES; WANIEZ, 2013).

Segundo o Censo de 2000, as Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus tinham um total de 8.418.140 membros, a Igreja congregacional Cristã do Brasil possuía um total de 2.489.113 adeptos, a Igreja universal do reino de Deus detinha 2.101.887 fiéis e a Igreja evangelho quadrangular 1.318.805 (IBGE, 2000).

No período de 1991 a 2000 as principais igreja pentecostais brasileiras cresceram num ritmo alucinante, a Congregação Cristã do Brasil cresceu 52,1%, as Assembleias de Deus cresceram 245%, a Igreja do Evangelho Quadrangular cresceu 334,8%, enquanto que a Universal cresceu ao estrondoso percentual de 681,5% (MARIANO, 2013).

Portanto as três igrejas que são objetos da pesquisa são organizações mais importantes para explicar o crescimento do pentecostalismo no país nas últimas décadas, considerando que de 1991 a 2000 as Assembleias de Deus e a Igreja Quadrangular aumentaram mais de três vezes seu contingente de fieis, enquanto que a IURD aumentou seus rebanho quase dez vezes.

De maneira que o censo de 2000 apontou na mesma direção do anterior de 1991, nesse período a Igreja Universal do Reino surge como o maior fenômeno do movimento pentecostal brasileiro, seu crescimento de 681,5% tornou essa organização a terceira maior do país com uma tendência de se tornar a segunda maior em poucos anos.

No Censo de 2010, as Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus tinham um total de 12.314.410 de membros no Brasil, a Igreja universal do reino de Deus um total de 1.873.243 de membros no Brasil, e a Igreja evangelho quadrangular com um contingente total de 1808.389 fiéis (IBGE, 2010)

A divulgação do censo de 2010 do IBGE surge como um dado ao mesmo congruente e dissonante em relação aos censos anteriores, pois de um lado demonstrou a continuação do crescimento dos pentecostais no Brasil, com destaque para as redes pentecostais Assembleias de Deus e Igreja do Evangelho Quadrangular.

Contudo o censo de 2010 apontou a diminuição do ritmo de crescimento do pentecostalismo no país, já que nas décadas anteriores o aumento do número de evangélicos quase sempre duplicava num período de dez anos.

Os dados de 2010 demonstraram que nenhuma das grandes organizações pentecostais brasileiras conseguiu duplicar seu número de fiéis, enquanto que a IURD apresentou dados até então inéditos entre as grandes organizações pentecostais brasileiras.

De 2000 a 2010 a IURD perdeu em números absolutos fiéis, portanto o crescimento pentecostal sofreu seu primeiro revés histórico no país, consideração que um das principais igrejas do movimento encolheu no período de dez anos.

Para entender o declínio da IURD é necessário compreender principalmente quais os fatores que impulsionaram o crescimento dessa rede de 1980 a 2000 e por quais razões de 2000 a 2010 essa organização não conseguiu atrair os fiéis na proporção da CGADB e da IEQ.

Nesse sentido a perda de fiéis da IURD corrobora com a tese levantada na pesquisa, na qual no Brasil está acontecendo uma quarta onda pentecostal cujas características principais são o surgimento do mercado gospel voltado para juventude, juntamente com o movimento de igrejas em células.

Além disso, o crescimento das Assembleias de Deus no país deve ser relativizado, pois a CGADB não reúne todas as denominações com esse rotulo, embora a maioria das organizações nominadas Assembleias de Deus mantenham o pentecostalismo com ela e a CGADB seja indubitavelmente a organização com representatividade dentro seja organização no conjunto das IEADs no país.

Ao contrário das Igrejas IURD e do Evangelho Quadrangular que são redes coesas organizacionalmente onde todo o templo e pastor no Brasil estão sujeito ao mesmo governo religioso (hierarquia, estatuto, carreira, regras, mensagem).

## 5.2 A CONVECÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIA DE DEUS DO BRASIL: HISTÓRIA

A maior igreja protestante brasileira na prática é um conjunto de igrejas chamadas de Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus, a sua fundação

aconteceu em Belém, capital do Estado do Pará em 1911, seu surgimento está diretamente ligado ao avivamento da rua Azusa nos Estados Unidos da América.

Ao vivenciarem o movimento pentecostal norte-americano do começo da década de 1910 dois missionários suecos vieram para o Brasil com o intuito de espalhar o movimento pelo país, sua chegada se deu pelo norte do país, região até hoje intensamente marcada pela presença das redes pentecostais

Os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren não vieram para o Brasil com o intuito de criar uma nova denominação, entretanto tinham como missão espalhar a mensagem e doutrina pentecostal que vivenciaram nos Estados Unidos para a igreja batista em Belém onde se instalaram (FAJARDO, 2011).

A não aceitação por parte da liderança da igreja Batista de Belém obrigou os missionários escandinavos criarem sua própria rede protestante de cunho estritamente pentecostal, inspirada diretamente na experiência norte-americana.

O nome Assembleia de Deus tem origem nos estados Unidos, quando os pastores norte-americanos do recente movimento pentecostal se reuniram com o intuito de criarem uma única denominação para o movimento, o nome do encontro foi *Assembly of God*, no mesmo ano missionários suecos vindos dos Estado Unidos chegaram ao Brasil, onde possivelmente deram a sugestão de trocaram o nome da denominação que era Missão da Fé Apostólica para Assembleia de Deus (CORREA, 2012).

De maneira que o nome Assembleia de Deus é internacionalmente ligado as igrejas pentecostais, embora as denominações brasileiras não estejam sujeitas a nenhuma organização internacional, nem suecas e tampouco americanas.

O fortalecimento organizacional aconteceu apenas duas décadas mais tarde, até então os missionários e pastores da Assembleia de Deus que nesse momento já estavam espalhados pelo território nacional, compartilhavam apenas o rotulo Assembleia de Deus e a doutrina pentecostal, nesse período de vinte anos a liderança era difusa onde a igreja sueca possuía certa autonomia sobre a rede brasileira.

A década de 1930 presenciou a solidificação institucional das Assembleias de Deus, pois em 1930 na cidade de Natal ocorreu a primeira convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) responsável pela administração da denominação no país (CORREA, 2012).

Portanto a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil representa a primeira organização formal das Assembleias de Deus no Brasil, conseqüentemente a CGADB é a maior e a mais importante das denominações com o rotulo Assembleias de Deus no Brasil.

Um membro da Assembleia de Deus é frequentemente reconhecido pela forma de vestir, comportar e andar, essa prática é oriunda da pregação de uso e costumes que consiste na aversão ao mundanismo, ou seja, os valores dominantes da sociedade, em contraposição ao mundanismo o crente deveria ser diferente do mundo no vestir demonstrando ser convertido, regenerado e santificado (SILVA, 2003).

A identidade e a imagem do evangélico ou crente no Brasil é o principal legado das Assembleias de Deus para o meio pentecostal brasileiro, a partir da pregação do uso e costumes da denominação foram forjadas as características de vestimenta, linguajar, estilo musical e a mensagem não apenas das Assembleias de Deus, mas de todo o movimento pentecostal brasileiro.

O elemento mágico mais importante das Assembleias de Deus na época de seu surgimento era o batismo Espírito Santo, seguido pelo dom de falar em línguas estranhas, a glossalia, que também se tornou marca de todo o movimento pentecostal brasileiro.

### **5.2.1 Convecção Geral das Assembleia de Deus do Brasil: Estrutura**

O crescimento exponencial da rede pentecostal das Assembleia de Deus no Brasil nas últimas décadas, exposto nos mais recentes censos do IBGE, não representa o desenvolvimento de uma única rede pentecostal, entretanto abarca um conjunto de redes independentes estrutura hierárquica e estatuto são diferentes umas das outras.

As Assembleia de Deus hoje são um conjunto de ministérios com um alguma semelhança doutrinária, contudo muito diferentes entre si, e com algumas convenções distintas com estruturas administrativas e eclesiásticas

independentes, a maior dissidência em relação a CGAD é a Convenção Nacional dos Ministros da Assembleia de Deus – Ministério Madureira CONAMAD (FAJARDO, 2011).

Outra dissidência da CGADB importante é a rede de Igrejas Assembleia de Deus Vitória em Cristo, fundada em 2010, cuja importância está na figura de seu líder e fundador o Pastor Silas Malafaia, hoje uma das principais lideranças evangélicas do Brasil.

A CGADB é sediada no Rio de Janeiro, tem a patente do nome Assembleia de Deus no país, é administrada por uma mesa diretora eleita a cada dois anos numa assembleia geral, além da mesa diretora existem conselhos nacionais, como o Conselho Administrativo da Casa Publicadora (CPAD), o Conselho de Educação e Cultura Religiosa, o Conselho de Doutrinas, o Conselho Fiscal, o Conselho de Missões, a Secretaria Nacional de Missões (SENAMI), a Escola de Missões das assembleias de Deus (EMAD) e a Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia (FAECAD) (CGABD, 2014).

Embora as Assembleias de Deus sejam um conjunto heterogêneo de igrejas, a CGADB ainda reúne o maior contingente de pastores, templos e fieis no Brasil, sua estrutura é robusta e a sua membresia é considerada a maior do Brasil.

A organização da CGADB é no formato de árvores, formados pela Igreja-Sede com suas filiadas, congregações e pontos de pregação, as igrejas locais não estão ligadas a convenção nacional, a conexão entre as igrejas e a organização nacional acontece pelos pastores que se vinculam com a convenção estadual e conseqüente com a convenção nacional, nas convenções estaduais os pastores são credenciados (CGADB, 2014).

A CGADB é uma convenção sobretudo de Pastores, cabendo ao comando nacional pouco controle sobre as igrejas locais, de maneira que o título de pastor é concedido pelas convenções estaduais e essas por sua vez filiam os seus pastores a CGADB.

Atualmente existem quarente e sete convenções ligadas a CGAD, no estado de São Paulo estão quatro, os estados do Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e o Distrito Federal sediam três convenções cada, nos estados do Maranhão, do Pará, da Paraíba e de Pernambuco existem duas



convenções em cada, no demais estados brasileiros existe uma convenção em cada, além das convenções em outros países, como nos Estados Unidos da América, no Japão e em Portugal onde existem uma convenção em cada país filiada à CGADB (LOPES, 2008).

As lideranças das Convenções ligadas a CGADB são eleitas e formadas pelo Pastor presidente, que é o responsável por liderar a igreja sede e pela chefia da convenção juntamente com a mesa diretora, entre a convenção local e as igrejas locais existem os *campos*, onde o pastor presidente lidera uma igreja mãe e um conjunto de congregações e igrejas menores.

Na Igreja local os cargos principais das congregações da Assembleia de Deus são: no primeiro nível está o auxiliar, responsável por pequenas atividades eclesiais e evangelísticas; acima estão o diácono e a diaconisa cujo papel é servir a santa ceia, visitar os enfermos e atender aqueles com dificuldades financeiras e no caso das mulheres comandar os círculos de oração; um nível acima estão os presbíteros cuja função é administrar uma congregação ou novas obras, também tem a permissão de ungir os doentes e por fim existem os evangelistas que possuem funções muito semelhantes aos presbíteros (LOPES, 2008).

### **5.2.2 Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil: Difusão nacional**

Como o crescimento das Assembleias de Deus no Brasil não pode ser enquadrado como o crescimento de uma denominação, mas de um conjunto heterogêneos de redes com características similares, é impossível afirmar o quanto dos 12.314.410 de assembleianos no Brasil são membros de igrejas filiadas a CGADB.

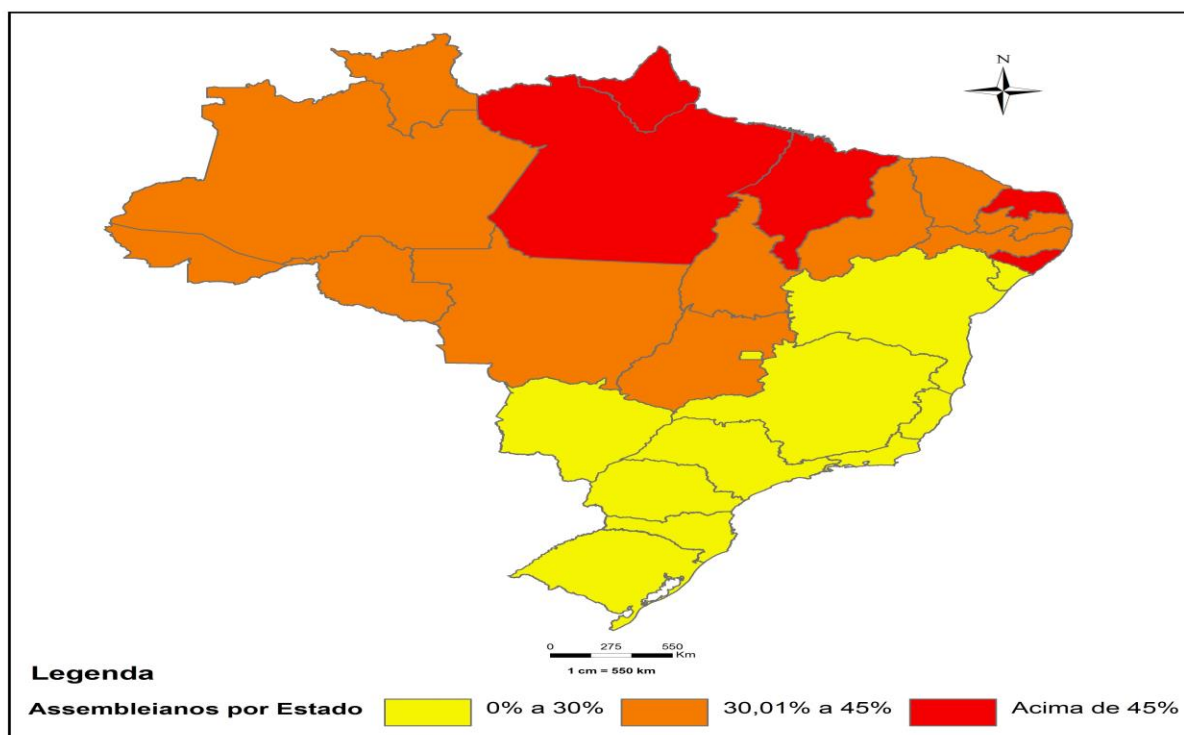
Apesar de ser irreal estipular a quantidade de adeptos ligados a CGADB é consenso o fato de que essa rede reúne de longe a maior quantidade de assembleianos no Brasil, logo a melhor forma analisar o desenvolvimento das Assembleias de Deus no Brasil é focar na CGADB.

Com base nos últimos três censos realizados pelo IBGE no país, os números do crescimento de assembleianos no país é expresso da

seguinte forma: em 1991, 2.439.770 membros, em 2000, 8.418.140 fiéis e no ano de 2010, 12.314.410 adeptos.

Quanto aos pontos favoráveis ao seu crescimento, com base na Figura 12, é constatado um aspecto vantajoso a difusão da CGADB, é a sua presença significativa em todo território nacional, pois em todos os estados da federação os adeptos da IEADs representam o maior segmento protestante.

Figura 12 – Percentual de assembleianos por estado em relação ao total de evangélicos



Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>6</sup>

Logo a CGADB possui uma presença no território nacional incomparável com qualquer outra rede pentecostal, no país a rede se faz presente em praticamente todas as localidades do país, por meio de uma complexa rede de congregações, igrejas e pontos de pregação.

Como consequência da sua presença em todo território nacional, a CGADB possui a capacidade de instalar-se em áreas de zonas pioneiras e nas

<sup>6</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.

regiões receptoras de migrantes, que são os locais mais suscetíveis ao crescimento pentecostal, incomparável com qualquer organização brasileira.

Outra ponto favorável da CGADB é o fato da mesma ser uma organização heterogênea, o que permite a adaptação da denominação conforme a cultura local, por conseguinte as congregações da CGADB possuem liberdade para se adaptarem conforme as necessidades locais.

Como consequência do seu poder de adaptação, a maior parte da CGADB incorporou as principais características da quarta onda pentecostal, principalmente os elementos referentes ao mercado gospel e as ações voltadas para a juventude.

Quanto ao outro aspecto da quarta onda pentecostal que é o movimento das igrejas em células cuja crescimento da igreja é causado pelo fiel, a CGADB por meio de sua estrutura difusa nas igrejas locais que distribui inúmeras atividades e funções aos leigos, permite a participação do membro na administração da congregação e conseqüentemente nas atividades evangelísticas como acontece no movimento das igrejas de pequenos grupos.

Quantos ao pontos desfavoráveis ao crescimento da CGADB no país, estão principalmente os grupos mais tradicionalistas da denominação cujas ações estão centradas na defesa da manutenção das características da denominação dos seus tempos de fundação.

De acordo com a Figura 12, as IEADs são menos presentes nos estados mais desenvolvidos do Brasil, o que pode ser explicado pela aversão de alguns segmentos da rede em abolir a pregação de usos e costumes, que consiste na utilização de vestimentas próprias para um crente, o que gera dificuldades para a CGADB nos grandes centros urbanos.

Outro elemento referente aos grupos tradicionalistas é rejeição de algumas minorias em aderirem a práticas da quarta onda pentecostal, como a realização de atrações para a juventude e a adoção do modelo de igrejas em pequenos grupos.

Para entender a presença da CGADB no território brasileiro é necessário rememorar os conceitos apresentados na segunda seção, como a concepção de difusão contagiosa de Park (2004), que defende a tese na qual os lugares mais próximos do espaço de origem da fé, são mais rapidamente atingidos, e a difusão ocorre entre o contato entre os crentes e os não-crentes.

Além da difusão contagiosa, existe o modelo explicativo baseado nos migrantes, como agentes na propagação religião do seu local de origem, assim como atores vulneráveis na aceitação de religião dos novos ambientes, ambos os conceitos definidos como extroversão primária, baseada no migrante e no missionário ou sacerdote.

A Figura 12 mostra, ainda, a grande presença da CGADB no estado do Pará, do Amapá e do Maranhão, assim como em toda a região norte e partes das regiões nordeste e centro-oeste pode ser entendido como efeitos da difusão contagiosa a partir de Belém no Pará, além disso, a presença da CGAD nas áreas de expansão urbana e da fronteira agrícola é explicada pela vulnerabilidade do migrante diante das redes religiosas que se fazem presente nesses espaços.

### 5.3 IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR: HISTÓRIA

As igrejas do Evangelho Quadrangular no mundo tem como ponto de partida os Estados Unidos da América na década de 1920 quando a evangelista canadense Aymee Semple Mcpherson fundou na cidade de Los Angeles a *Intenational Church of Foursquare Gospel*.

Na década de 1920 a *International Church of Foursquare Gospel* cresceu no seu país de origem através dos cultos onde era pregada a cura divina, com emprego do evangelismo itinerante por meio de tendas e do uso do rádio (MEDEIROS, 2005).

Nas décadas seguintes a *International Church of Foursquare Gospel* espalhou-se pelo mundo por meio de missionários americanos que se utilizavam de técnicas similares com aquelas provenientes do Estados Unidos da América.

Portanto ao contrário das Assembleias de Deus que surge do movimento oriundo dos Estados Unidos da América, mas a denominação é brasileira fundada em Belém, a Quadrangular é uma denominação de origem norte-americana.

No Brasil a Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada, em 1951, pelo pastor Harold Edwin Williams e pelo pastor Jesus Hermirio Vasquez

Ramos na cidade de São João da Boa Vista no estado de São Paulo (RIBEIRO; DINIZ, 2013).

Embora seja de origem norte-americana a Igreja do Evangelho Quadrangular brasileira se tornou autônoma desde os anos 1980 da liderança internacional da *International Church of Foursquare Gospel* e mantém essa postura até os dias de hoje.

Embora ainda reconheça o passado comum e seja aceita como parte do conjunto de Igrejas *Foursquare* pela liderança mundial, a Igreja Quadrangular brasileira é totalmente independente na sua hierarquia interna e possui projetos autônomos de expansão nacional e internacional.

A Igreja do Evangelho Quadrangular no seu início no Brasil era chamada de Cruzada Nacional de Evangelização, a IEQ foi a principal igreja da segunda onda pentecostal do país, suas características principais naquele momento eram: evangelismo em lonas; utilização do rádio; ênfase na cura divina e a permissão do ordenamento de mulheres ao pastorado (DIAS; BANDT 2009).

Portanto a igreja do Evangelho representou uma ponte entre os modelos pentecostais da Assembleia de Deus e da IURD, considerando que nesse período a igreja do Evangelho Quadrangular inicia o projeto de evangelismo massificado via meios de comunicação.

Outro ponto de ligação da Quadrangular com a terceira onda pentecostal está na diminuição da importância da pregação sobre uso e costumes que era muito presente nas igrejas Assembleia de Deus e na Congregação Cristã do Brasil, mas é excluído pelas igrejas neopentecostais.

A cura divina era o principal elemento mágico no surgimento da IEQ no Brasil, apesar desse artifício também ter sido presente nas Igrejas Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil em graus diferentes, assim como a glossalia é presente na Igreja Quadrangular.

A diferença da mensagem da cura divina para a IEQ está no fato desse elemento ter sido o principal fator de evangelismo dessa rede em seu momento de implantação, propagada pelos cultos itinerantes realizados em tendas pelo país.

Contudo a principal diferenciação da Quadrangular no meio pentecostal é o espaço consideravelmente superior da mulher na rede em comparação às

demais grandes denominações brasileiras, principalmente pelo fato da IEQ permitir o ordenamento de pastoras no seu ministério.

### 5.3.1 Igreja do Evangelho Quadrangular: Estrutura

Conforme previsto em seu estatuto, o governo da Igreja do Evangelho Quadrangular brasileira é episcopal e dividido em três esferas: a administração superior (escala nacional); a administração intermediária (esfera nacional) e a administração de base (âmbito local).

A administração superior e geral é formada pelo Conselho Nacional de Diretores (CND), composto por Presidente, 1º, 2º e 3º Vice presidentes, 1º, 2º e 3º secretários, 1º, 2º e 3º tesoureiros, eleitos pelos pastores das igrejas nas convenções nacionais (IEQ, 2011).

O Conselho Nacional de Diretores (CND) é órgão máximo da Igreja do Evangelho Quadrangular, entretanto ao contrário da CGADB, o CND possui poderes tanto sobre os pastores, quanto sobre as igrejas locais e possui até mesmo prerrogativas de dissolver os conselhos das esferas inferiores da denominação.

A Administração Intermediária é formada Conselho Estadual de Diretores (CND), composto por Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º tesoureiros, essa liderança é eleita pelos pastores eleitores presentes na convenção estadual (IEQ, 2011).

Embora em alguns estados o Conselho Estadual de Diretores não exista, nesses estados o governo estadual da igreja é feito por meio de supervisores indicados diretamente pelo conselho nacional sem a necessidade de anuência dos pastores da convenção estadual.

Ainda no âmbito da administração intermediária, existem as figuras do superintendente que são líderes nomeados pelo conselho nacional para administrarem regiões menores em cada estado, logo entre os conselhos estaduais e as igrejas locais existe a figura do superintendente ligado ao CND, cabe ao superintendente o controle sobre as igrejas locais, possuindo até mesmo a prerrogativa de trocar os pastores dessas congregações.

A Administração de base é o Conselho de Diretores Locais composto por Presidente (Pastor Titular), Vice Presidente, Secretário, Tesoureiro, Diretor

de Diáconos e Diretor de Patrimônio, no caso do conselho de diretores locais, sua composição acontece mediante escolha do pastor local sem a necessidade de aquiescência dos membros da congregação.

A escolha dos membros do conselho local cabe exclusivamente ao pastor titular que os escolhe entre os membros igreja, e não necessita necessariamente do assentimento dos demais membros da congregação para embasar as suas preferências.

A Igreja do Evangelho foi a primeira Igreja Pentecostal que fundou um instituto teológico no país, atualmente existem mais de duzentos, por ser uma igreja fundada por uma mulher, uma característica marcante dessa rede pentecostal é fato de 40% do total de seus sacerdotes serem mulheres (MARIANO, 2008).

Para se tornar na igreja do Evangelho o membro deve ser indicado pelo seu pastor local para cursar o Instituto Teológico Quadrangular (ITQ), com duração de três anos, embora com apenas um ano de curso o fiel já esteja apto para se candidatar para entrar no ministério da IEQ.

Após cursar o ITQ, o candidato é apresentado como pastor nas convenções estaduais da igreja, no sacerdócio da Quadrangular existem três níveis: o obreiro; o aspirante e ministro, chamado reverendo, para assumir cargos nas convenções estadual e nacional, o pastor deve está no nível de ministro da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Uma característica estrutural da IEQ é o fato dessa denominação se organizar de forma intermediária entre a IURD e a CGADB, pois carrega os elementos do pentecostalismo típico das Assembleias de Deus sem a pregação de usos e costumes com é o caso da IURD.

Outra peculiaridade da IEQ nos últimos anos é adesão ao movimento de igrejas em células, principalmente a partir do modelo de igrejas em células da Quadrangular no estado do Pará cujo crescimento nos últimos anos é o maior dessa denominação no país.

### **5.3.2 Igreja do Evangelho Quadrangular: Difusão Nacional**

Conforme os últimos três censos realizados pelo IBGE no país, a Igreja do Evangelho Quadrangular no país cresceu exponencialmente: em 1991,

303.267 fiéis; em 2000, 1.318.805 membros e no censo de 2010, 1.808.389 adeptos.

A Igreja do Evangelho Quadrangular foi inaugurada no país em 1951, no estado de São Paulo e atingiu todo o território nacional no ano de 1978, quando foi instalada em Boa Vista, que se tornaria a capital do futuro estado de Roraima (IEQ, 2011).

Ao contrário da CGADB que não reúne todas as Assembleias de Deus no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular é agregada em apenas uma única denominação no país, logo todos os 1808.389 fiéis são ligados a uma única rede denominacional.

Quanto aos pontos desfavoráveis ao crescimento da IEQ em relação à CGADB e a IURD, o primeiro ponto é a sua capacidade inferior de investimento, considerando a grande capacidade de mobilização financeira da IURD e que a CGADB é de longe a maior igreja protestante no país.

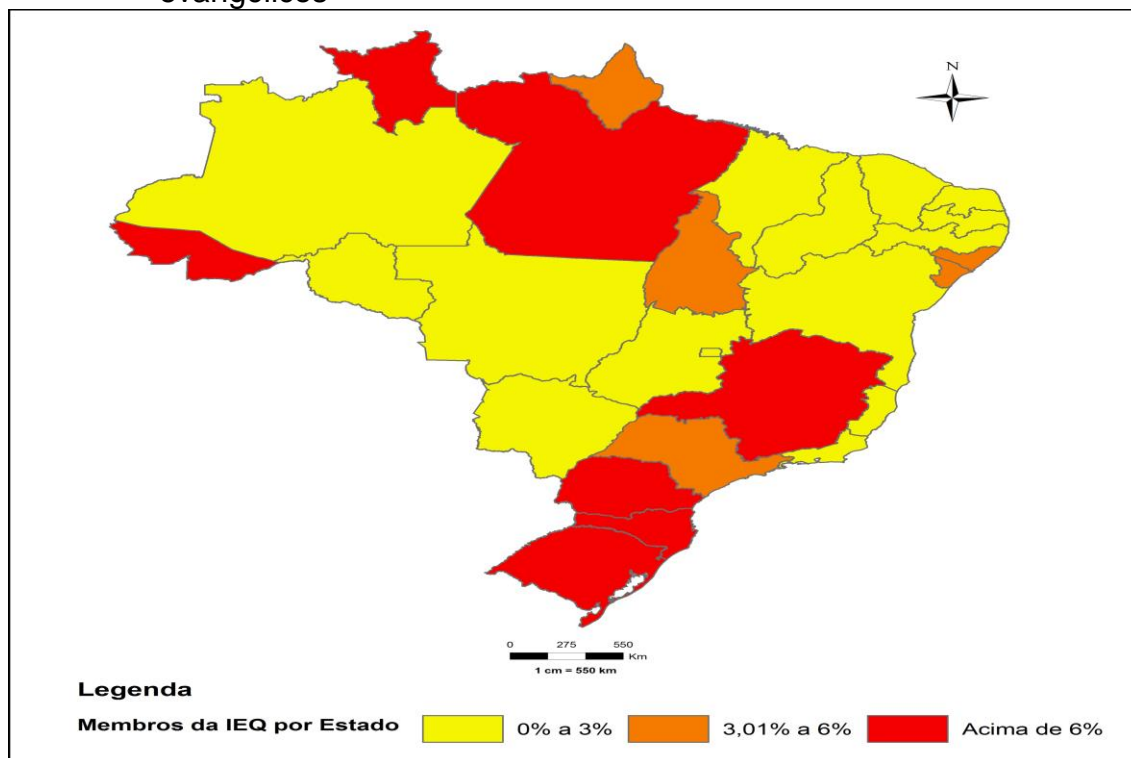
Na Figura 13, é exposta a maior fraqueza da IEQ, trata-se da falta de presença nacional da rede, pois seus membros estão concentrados nas regiões sul e sudeste e em alguns estados do norte, em dezesseis dos vinte e sete estados do país a presença da rede é pequena, conseqüentemente a IEQ não está presente nas regiões centro-oeste e norte, que são as regiões onde o pentecostalismo encontra mais espaços para o seu desenvolvimento.

A concentração da IEQ no Sul do país pode ser explicada pela concepção chamada de difusão contagiosa, na qual os espaços mais próximos do local de origem da fé, são aqueles mais afetados com a crença, no caso da IEQ, a organização surgiu no estado de São Paulo e naturalmente se concentra no sul do país.

Quanto aos pontos favoráveis ao seu crescimento, o primeiro aspecto é a permissão do ordenamento de mulheres ao pastorado, embora o sacerdócio feminino não seja exclusividade da IEQ como foi nos anos 1950, a rede ainda é a organização com a maior quantidade de lideranças femininas.



Figura 13 - Percentual de membros da IEQ por estado em relação ao total de evangélicos



Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>7</sup>

Outra vantagem da IEQ na disputa por fiéis é a sua facilidade em incorporar as principais características da quarta onda pentecostal, como as ações evangelísticas com foco na juventude, como a aceitação do artista gospel e a permissão de ritmos incomuns nos cultos como o rock e o funk.

Além disso, a IEQ está crescentemente internalizando o movimento de igrejas em células ou pequenos grupos, a partir da sua experiência exitosa no estado do Pará, de maneira que a rede possui a melhor capacidade de adaptação das três redes investigadas.

Nesse sentido a difusão nacional da IEQ baseada nos modelos proselitistas da quarta onda pentecostal, pode ser definida como difusão através dos fluxos de pessoas, extroversão primária, nesse caso, pelas ações dos sacerdotes e fiéis voltadas para a expansão da organização.

<sup>7</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.

#### 5.4 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: HISTÓRIA

A Igreja Universal do Reino de Deus fundada no ano de 1977, na cidade do Rio de Janeiro, foi a rede pentecostal brasileira com o maior crescimento percentual da história, pois de 1977 a 2000 a igreja ultrapassou a marca de dois milhões de membros no Brasil.

Edir Macedo quando era jovem converteu-se na Igreja Pentecostal Nova Vida, como herança dessa instituição Macedo levou para a criação da IURD, o modelo episcopal de governo eclesiástico e a ênfase no evangelismo baseado nos meios de comunicação, principalmente o Rádio e a Televisão (MIRANDA, 2010).

A experiência na Igreja Pentecostal Nova Vida formou em Edir Macedo as principais características da chamada terceira onda pentecostal no Brasil, cujo grupo inclui igrejas como: Renascer; Internacional da Graça e Sara nossa Terra, mas é a IURD a organização que reúne mais enfaticamente as particularidades desse movimento também chamado de *neopentecostal*, além disso, a IURD é de longe a maior igreja neopentecostal.

As igrejas neopentecostais possuem três características principais: primeiro, enfatizam a batalha espiritual que consiste na guerra contra os demônios representados principalmente por elementos afro-brasileiros; segundo, são adeptas da teologia da prosperidade cuja crença está no direito do ofertante e dizimista obter uma vida prospera na terra e por fim não adotam a pregação dos usos e costumes (MARIANO, 1996).

O elemento mágico mais importante da IURD é a chamada batalha espiritual, enquanto no início da Assembleia de Deus a glossolalia era a característica espiritual mais marcante, no surgimento na Igreja do Evangelho Quadrangular o componente era a cura divina, na IURD a guerra contra os demônios é o elemento mais enfatizado.

Embora a batalha espiritual também esteja presente nas mensagens das IEADs e da IEQ, de maneira que a IURD não é a única rede pentecostal com enfrentamentos religiosos contra as crenças afro-brasileiras, a diferença da IURD está na sua exposição por meio de suas redes de telecomunicações das sessões de descarrego e outras práticas religiosas onde o demônio é combatido mediante práticas pentecostais.

A IURD tem duas características marcantes dentro do seu conjunto de estratégias de evangelismo, primeiro a IURD consegue atrair fieis preocupados não apenas com a vida espiritual, mas também seduz pessoas que buscam soluções para seus problemas materiais, outra particularidade da IURD é busca incessante de comprovar sua eficácia por meio de propaganda das suas obras sociais (MEDEIROS, 2005).

Portanto, a teologia da prosperidade é um elemento importante para o crescimento da IURD no Brasil, a atração desse elemento está na crença do fiel em melhorar sua condição social com base nas bênçãos adquiridas por meio dos dízimos e ofertas, logo a IURD vincula em seu sistema de mídia inúmeros casos onde seus membros obtiveram sucesso financeiro após aderirem à denominação, assim como são apresentados os projetos sociais e filantrópicos da rede.

Conseqüentemente, na Universal, a glossolalia e a pregação de usos e costumes perde importância num contexto onde o fiel busca principalmente respostas para os seus anseios materiais, nesse contexto a IURD é a rede pentecostal com a mensagem mais pragmática do meio pentecostal.

Outro ponto essencial da IURD no cenário evangélico é a sua participação no mercado dos meios de comunicação, principalmente após compra da emissora Record de televisão, quando se tornou uma das maiores organizações no mercado de mídia no Brasil, atualmente a Record é uma das principais redes de televisão do Brasil e a IURD conta com centenas de emissoras de mídia impressa, de rádio e de televisão e conseqüentemente é a maior expoente da mídia evangélica.

#### **5.4.1 Igreja Universal do Reino de Deus: Estrutura**

Das três redes pentecostais estudadas a IURD é a igreja cuja liderança nacional possui o maior controle sobre as igrejas locais, sua estrutura é a mais hierarquizada e aparentemente é a igreja com maior capacidade de organização.

A IURD é a mais padronizada e centralizada das grandes igrejas protestantes brasileiras, o modus operandi de suas congregações são iguais, a divisão de tarefas é estandardizada, as mesmas atividades religiosas são

desempenhadas em todas as igrejas do Brasil e os montantes arrecadados são centralizados (SERRA, 2004).

A padronização gerada pela hierarquia rígida da IURD assemelha-se a uma franquia, onde os profissionais de cada estabelecimento são treinados para oferecer os mesmos produtos com qualidade parecida independentemente do local onde está instalada a empresa.

O pastor local possui pouco espaço adaptar a mensagem para sua realidade, conseqüentemente as igrejas locais da IURD mantêm grande semelhança em todo território nacional, tanto na mensagem quanto nas estratégias evangelísticas, criando o aspecto de franquia da rede.

Na IURD o governo é episcopal formado na escala internacional pelo Conselho Mundial de Bispos, abaixo na liderança nacional está o Conselho de Bispos do Brasil, num nível abaixo está o Conselho de Pastores, no âmbito local a administração das igrejas é gerida por obreiros, evangelista e auxiliares que se submetem aos pastores e bispos (GONÇALVES; SERRA; COSTA, 2007).

O Governo da IURD é o modelo no qual as decisões em todas as escalas são tomadas pelo menor número de clérigos, como consequência da centralização, a IURD é uma das igrejas brasileiras com maior capacidade de organização.

Outra marca da IURD é a sua grande competência de mobilização tanto dos seus recursos econômicos quanto do seus membros, de maneira que a IURD em momentos nos quais detinha menos membros que outras redes pentecostais, obteve maiores sucessos na compra de emissoras de mídia, em pleitos eleitorais e na construção de templos.

Como consequência da sua capacidade de mobilização a IURD possui outra vantagem comparativa em relação a CGADB e a IEQ, é a sua grande capacidade de investimento associada ao seu grande poder de propaganda por meio de suas emissoras de rádio e televisão que permite o maior evangelismo midiático religioso do Brasil.

Outro grande diferencial da IURD em relação a IEQ e a CGADB é o controle global que o governo eclesiástico da IURD detém sobre a marca, os pastores e os templos da rede, pois a CGADB não governa nem reúne o

conjunto de *Assemblies of God* no mundo e igualmente a IEQ brasileira não mantém domínio sobre as *International Church of foursquare gospel*.

A IURD com sua estrutura hierárquica e corporativa organiza por meio de seu corpo eclesialístico um conjunto de reuniões em todos os dias da semana, em todos os horários permitindo aos fiéis a frequência aos cultos conforme a sua disponibilidade, de maneira que os membros da IURD não participam das atividades das igrejas nos grandes centros urbanos, onde a disponibilidade de tempo dos fiéis é menor (SERRA, 2004).

Os clérigos na IURD centralizam as atividades dos cultos, ao contrário da IEQ e da CGADB onde leigos são responsáveis por atividades eclesialísticas importantes nas reuniões, como nas músicas, nas pregações e até mesmo na liderança de grupos e departamentos específicos das congregações locais.

Na IURD os clérigos trabalham em tempo integral, com dedicação exclusiva permitindo o realização de cultos em todos os dias da semana, além da realização de quatro ou cinco cultos no mesmo dia numa mesma congregação (MARIANO, 2008).

A menor participação dos leigos nos cultos nos espaços onde a IURD prioriza, grandes centros urbanos, foi durante décadas uma das principais vantagens comparativas da IURD, nesses espaços os cultos eram oferecidos pela denominação conforme a disponibilidade do fiel onde o mesmo não precisava participar na realização das reuniões.

#### **5.4.2 Igreja Universal do Reino de Deus: Difusão Nacional**

De acordo com os três últimos censos realizados pelo IBGE no país a Igreja Universal do Reino de Deus foi a instituição com a maior volatilidade na sua membresia: em 1991, 268.955 adeptos; em 2000, 2.101.887 membros e em 2010, 1.873.243 de fiéis no país.

Assim como a IEQ e ao contrário da CGADB, a IURD é reunida sobre uma única organização, conseqüentemente todos os 1.873.243 de fiéis iurdianos apontados pelo censo congregam em uma única rede denominacional.

Com base Tabela 1 é detectado o sucesso da IURD em se instalar em todo o território nacional, enquanto a IEQ demorou vinte e sete anos para atingir todo o território nacional, a IURD alcançou esse feito com apenas dezesseis anos de existência.

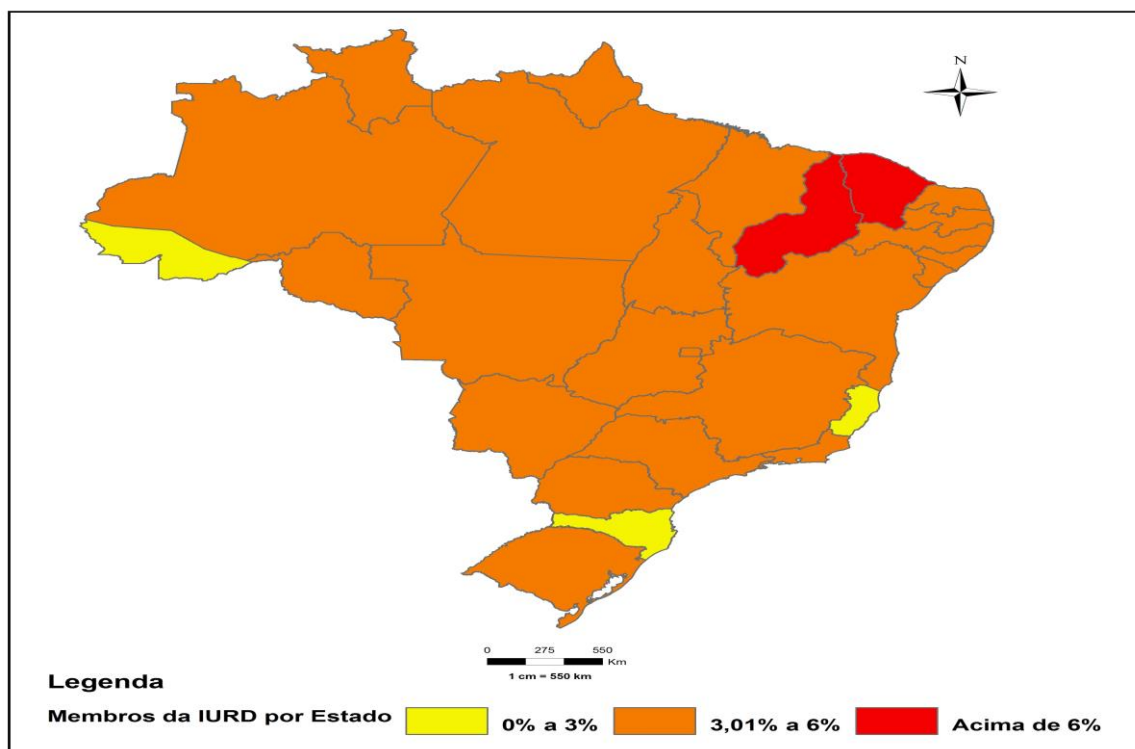
Tabela 1 – Fundação da IURD nos estados

<i>Ano</i>	<i>Estados</i>
1977	<i>Rio de Janeiro</i>
1981	<i>São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Bahia</i>
1981	<i>Paraíba</i>
1982	<i>Rio Grande do Sul, Pernambuco</i>
1983	<i>Ceará, Distrito Federal, Pará</i>
1985	<i>Maranhão, Mato Grosso</i>
1986	<i>Santa Catarina</i>
1987	<i>Espírito Santo, Alagoas, Rio Grande Norte, Piauí</i>
1988	<i>Mato Grosso, Rondônia</i>
1989	<i>Goiás, Amazonas,</i>
1993	<i>Roraima, Tocantins</i>

Fonte: MIRANDA (2010).

Quanto aos pontos favoráveis ao crescimento da IURD no país, conforme a Figura 14, a IURD, ao contrário da IEQ, é uma igreja nacional, o que oportuniza a Igreja Universal está presente tanto nas regiões mais sujeitas ao crescimento do pentecostalismo, assim como naquelas onde o protestantismo é menos presente.

Figura 14 – Percentual de membros da IURD por estado em relação ao total de evangélicos



Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras.<sup>8</sup>

Assim de acordo com a Figura 14, embora a IURD seja uma das maiores redes em apenas dois estados, sua presença é significativa em vinte e quatro dos vinte e sete entes federativos do Brasil, o que pode ser explicado pelo seu modelo de difusão baseada na instalação de templos, principalmente nas áreas metropolitanas.

Outra vantagem da IURD na disputa por fiéis é a sua capacidade em apresentar as soluções terrenas numa escala superior que as demais redes pentecostais, oferecidas através da teologia da prosperidade e de um conjunto de práticas filantrópicas mais desenvolvidas que as outras igrejas pentecostais.

<sup>8</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.

Mais um elemento que apoia o alastramento da IURD no território nacional é a sua capacidade de organização, mediante a sua eficácia no levantamento e centralização dos recursos aliada com eficiência na mobilização dos fiéis.

Desse modo a IURD detêm poderes econômicos significativamente maiores que as outras redes pentecostais, o que permite seus êxitos no âmbito eleitoral, na construção de templos e na compra de empresas de telecomunicações.

Como consequência do sucesso da IURD em comprar empresas de telecomunicações e espaços na mídia, a Igreja Universal tem o poder de propaganda e evangelismo eletrônico incomparável com qualquer outra entidade religiosa do país

Outro elemento propício ao crescimento da IURD no Brasil é o seu entendimento mais liberal do que as demais igrejas pentecostais, acerca de temas de interesse da sociedade, como o aborto e a união entre homossexuais.

Quanto aos aspectos desfavoráveis ao crescimento da IURD, em primeiro lugar está a constatação por meio dos dados do censo de 2010 que a IURD foi a igreja evangélica brasileira que registrou a maior perda de fiéis entre 2000 e 2010, ao contrário da CGADB e da IEQ que registraram aumento na sua membresia nesse mesmo período.

A dificuldade da IURD em manter os seus membros é explicada principalmente pela sua postura similar a Congregação Cristã do Brasil de não manter relações com as outras redes pentecostais, assim como o afastamento da cultura e do mercado gospel.

O isolamento da IURD e da Congregação Cristã do Brasil da cultura gospel e do mercado gospel dificulta o aprendizado dessas redes das práticas proselitistas oriundas das outras denominações, conseqüentemente a IURD não conseguiu na última década internalizar os elementos da quarta onda pentecostal.

A não incorporação da quarta onda pentecostal impediu o crescimento da IURD entre os jovens, causado pela falta de ações voltadas para esse público e pela rejeição desse rede em aderir mercado gospel como ferramenta de atração da juventude.



Além disso, as decisões na IURD sob seu governo episcopal não permitem a influência dos membros, não existe uma assembleia de membros, nem nenhuma outra forma de participação dos membros nas decisões da igreja, igualmente o baixo clero da igreja possui pouco domínio sobre a autoridade da igreja (GONÇALVES; SERRA; COSTA, 2007).

Logo, a IURD não permite a participação do fiel na administração de suas congregações, restringindo a internalização de práticas do movimento de igrejas em células e para finalizar a rígida homogeneidade da IURD retira a capacidade de adaptação dessas redes aos novos desafios do pentecostalismo.

Atualmente a ausência de participação do membro nos cultos, na administração da igreja e a padronização cultural das congregações são elementos dissonantes da IURD com quarta onda pentecostal brasileira que está acontecendo nos dias atuais.

Na quarta onda pentecostal, o fiel é um elemento importante para o crescimento da igreja, por meio do evangelismo pessoal e desenvolve atividades eclesiais como a música, a pregação e a liderança de pequenos grupos, ademais a IURD não tem assimilado a competência das igrejas da quarta onda de atrair jovens por meio do mercado musical gospel e de atividades evangelísticas juvenis.

Além disso, a falta de envolvimento do membro da IURD na administração local não cria na membresia da igreja o sentimento de participação nas decisões da congregação local, por fim a uniformização dos cultos retira o poder de adaptação da igreja.

Com base nas concepções oriundas da segunda seção, a expansão da IURD mediante a instalação de templos nas áreas metropolitanas, é considerada difusão religiosa pelos fluxos de recursos, no caso da IURD o templo, portanto a rede se expande no modelo de extroversão secundária.

## 5.5 ANÁLISE RELACIONAL DAS REDES PENTECOSTAIS

As três redes pentecostais investigadas na pesquisa são as organizações mais importantes na expansão do protestantismo no Brasil desde os anos 1990, conseqüentemente a compreensão do movimento pentecostal

do Brasil deve considerar o papel dessas três organizações, além disso, as Igrejas Universal do Reino de Deus e as Assembleias de Deus são as únicas denominações brasileiras verdadeiramente nacionais com presença em todo o território nacional.

Conforme a Figura 15, a parte simbólica dessas organizações, é em parte representada pelos seus logos institucionais, enquanto na IEQ o logo é composto por quatro símbolos, por isso o nome Quadrangular, nos quais o azul representa a cura divina, sua característica mágica mais importante nos tempos de sua fundação.

Figura 15 – Logos institucionais das redes: IEQ, CGADB e IURD



Fonte: CGADB (2014); IEQ (2014); IURD (2014).

No caso da CGADB uma das pessoas na Figura tem uma chama sobre a sua cabeça representando o batismo no Espírito Santo expresso pela glossolalia, seu elemento mágico mais importante no período de seu nascimento, ao passo que na IURD, embora a figura não represente a batalha espiritual, sua mensagem mágica principal, também alude ao pentecostalismo, pois trata-se de uma pomba, símbolo do Espírito Santo, dentro de um coração.

Com base na Tabela 2 é possível o declínio da IURD, e a expansão das Assembleias de Deus, embora seja impossível afirmar o quanto esse crescimento é causado pela CGADB, assim como o crescimento da IED cuja quantidade.

Tabela 2 – Evolução Membros da IURD, das IEADS e da IEQ

Ano	<i>Assembléias de Deus</i>	<i>Igreja Universal do Reino de Deus</i>	<i>Igreja do Evangelho Quadrangular</i>
1991	2.439.770	268.955	303.267
2000	8.418.140	2.101.887	1.318.805
2010	12.314.410	1.873.243	1808.389

Fonte: Baseada em dados do IBGE (1991, 2000, 2010).

Dessa forma as religiões mundiais, são as confissões de fé com maior impacto sobre o espaço, com influência global, onde os líderes possuem grande apelo junto às massas e relevância política, sendo importantes vetores nas disputas eleitorais de muitos países

Para entender a volatilidade na membresia dessas organizações no período de 2000 a 2010, é importante entender os fatores que impulsionaram o crescimento pentecostal nesse período, principalmente as características da quarta onda pentecostal sintetizadas no surgimento da cultura juvenil gospel de massa e pelo movimento de igrejas em células.

Embora a IURD seja a igreja com maior poder de divulgação, mobilização e investimento de todas as redes protestantes brasileiras, a rejeição em internalizar características de outras organizações e de permitir a participação do leigo na direção das congregações a impediu de acompanhar as técnicas atuais de evangelismo.

Para resumir a importância dessas organizações para o pentecostalismo brasileiro, as Assembleias de Deus e por conseguinte a CGADB, detentora da patente e fundadora da denominação, é a organização protestante mais importante do Brasil e o seu nascimento forjou a identidade evangélica no país.

Quanto às redes IURD e IEQ, a primeira representa o poderio econômico e midiático das igrejas evangélicas e também reforçou a imagem de conflito entre o pentecostalismo e as religiões afro-brasileiras, a IEQ por sua vez é a organização responsável implementação e difusão das técnicas proselitistas de massa utilizadas no meio pentecostal.

## **6 DIFUSÃO INTERNACIONAL DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO NA AMÉRICA DO SUL (1991-2013)**

A seção atual possui as mesmas subdivisões do anterior, portanto as redes CGADB, IURD e IEQ serão investigadas em três categorias: a história; as estruturas e a difusão, a diferença entre os textos é o foco da análise, haja vista que enquanto o texto antecedente abordava as redes no âmbito nacional, o presente capítulo concentra suas análises na expansão internacional.

Na Introdução do texto são apresentadas algumas características principais da difusão internacional das redes pentecostais brasileiras, assim como são apontados os padrões de expansão internacional mais presentes na propagação dessas organizações.

Na seção seguinte o estudo da CGADB é abordado por meio da identificação de sua história de expansão internacional, ao analisar as estruturas responsáveis pela difusão internacional e ao identificar as características principais da sua difusão internacional.

Na parte da subseção responsável pelo entendimento da Igreja do Evangelho Quadrangular, primeiro é apresentada a história da expansão internacional da rede, seguidamente suas estruturas de difusão internacional e conseqüentemente as marcas da difusão internacional da IEQ brasileira.

Na seção dedicada ao estudo da Igreja Universal do Reino de Deus, a estruturação é a mesma, inicialmente é considerada a história da sua expansão internacional, depois suas estruturas de difusão internacional e suas peculiaridades na difusão internacional.

### **6.1 INTRODUÇÃO À INTERNACIONALIZAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO**

O panorama religioso brasileiro é dominado por movimentos religiosos oriundos de países estrangeiros, nesse sentido desde o catolicismo até o pentecostalismo, o Brasil é um espaço de recepção e assimilação de concepções religiosas estrangeiras.

No caso do protestantismo e sua vertente pentecostal, ambas são oriundas do hemisfério norte, no que se refere ao movimento pentecostal, desde o começo do século XX esse grupo protestante tem crescido no país e gerado impactos religiosos, sociais, econômicos e políticos.

Além disso, o pentecostalismo tem sido agente de uma novidade no cenário religioso brasileiro, pois pela primeira vez na história, o Brasil é um exportador de um movimento religioso, com fluxos importantes de missionários e recursos religiosos direcionados para vários países no mundo.

Com base no Figura 16, o Brasil passou nos últimos anos de país importador de missionários, para país exportador de missionários, de maneira que hoje o Brasil é um dos países mais importantes na difusão do cristianismo no mundo.

Figura 16 – Box: Brasil cresce como exportador de missionários

O Brasil enviou 34 mil missionários em 2010, número que colocava o Brasil no segundo lugar, entre os países que mais enviavam missionários cristãos no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos da América, que enviaram, no mesmo ano, 127 mil missionários, em 2000 o Brasil enviou 20 mil missionários, o maior destino desses sacerdotes são: os Estados Unidos da América; a América Latina e Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Fonte: BBC BRASIL.<sup>9</sup>

Para compreender as características da expansão das redes pentecostais brasileiras, é necessário rememorar as concepções apresentadas na seção 2, acerca da difusão das redes religiosas na escala internacional, onde foram apresentados três padrões de explicação para a explicação das religiões internacionalmente.

A primeira explicação baseada em Park (2004), é nominada difusão contagiosa, nessa categoria os lugares mais próximos da difusão das redes religiosas são atingidos mais rapidamente, o crescimento da crença acontece através do contato direto, entre os fiéis e os não-crentes.

Outro modelo explicativo considera o papel dos migrantes, como atores no alastramento da religião do seu local de origem, e também a suscetibilidade

<sup>9</sup> BBC BRASIL. **Brasil cresce como exportador de missionários**. Disponível em: <[www.bbc.co.uk/portuguese](http://www.bbc.co.uk/portuguese)>. Acesso em 01 jan. 2014.

do migrante em aderir as redes religiosas nos novos locais, pois representa uma forma eficiente de socialização nos novos espaços.

Nas duas explicações, tanto difusão contagiosa, quanto a difusão através dos migrantes, a expansão das redes religiosas acontece por meio dos fluxos religiosos de pessoas, denominados de extroversão primária, no qual o missionário também um ator importante.

Outra explicação oriunda de Ilal e Hemais (2003), baseada na escola de Uppsala que estuda a internacionalização das empresas, aponta que as organizações se difundem para superar as dificuldades no mercado interno, além disso, as mesmas se internacionalizam com base em dois critérios: proximidade física e a proximidade psíquica.

Nesse sentido as igrejas pentecostais brasileiras se internacionalizam para suplantar os problemas na expansão no âmbito doméstico, essa propagação acontece principalmente para países próximos geograficamente e culturalmente, nesse caso a expansão acontece por meio dos fixos, os templos, denominada extroversão secundária.

Como foi apontado na seção anterior, as organizações que se expandem no modelo de extroversão secundária, são aquelas que difundem sua mensagem através da instalação de templos, principalmente nas áreas urbanas, nesse caso o pastor da igreja substitui a figura do missionário.

Portanto nos dois modelos de expansão, tanto a difusão pelo fluxo de pessoas, extroversão primária, quanto a difusão pelos fixos, extroversão secundária, a proximidade física é essencial para o primeiro momento da internacionalização.

Logo, nos casos das redes pentecostais brasileiras, a proximidade física refere-se à América do Sul, de maneira que o continente sul-americano é o espaço preferencial para as redes religiosas brasileiras se expandirem, principalmente os países vizinhos.

Além disso, a internacionalização das redes pentecostais brasileiras se intensificou nos anos 1990, de maneira que essas organizações ainda estão nos primeiros momento de propagação internacional, na qual os ambientes próximos são prioritários.

Ademais, a América do Sul vive uma situação onde a divisão dos territórios em nacional e internacional não se adequa a realidade, pelo

contrário, atualmente surgem novos ambientes de cooperação entre atores não estatais criando uma regionalização transnacional (SENHORAS, 2010).

Dessa maneira as redes religiosas brasileiras atuam num espaço onde a presença de atores transnacionais é forte haja vista a presença de inúmeros atores internacionais no ambiente das grandes cidades da região, assim as igrejas evangélicas atuam sem o impedimento físico das fronteiras, pois encontra países receptivos a organizações, crenças e culturas de outras partes de mundo.

Outra facilidade encontrada pelas igrejas evangélicas brasileiras é a proximidade cultural do discurso pentecostal com religiosidade dominante na região, considerando que todos os países sul-americanos possuem população com maioria cristã.

Assim a América do Sul é um espaço propício para difusão do movimento pentecostal brasileiro, tendo em vista o aumento de fluxos de pessoas e recursos entre os países, e as similaridades culturais e sociais do Brasil com seus vizinhos.

## 6.2 CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: HISTÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO

A Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil é a maior denominação protestante do Brasil, sendo assim, é a organização com maior potencial de expansão internacional, principalmente para a América do Sul e para os países com similaridade cultural com o Brasil.

O primeiro missionário enviado ao exterior pelas Assembleias de Deus no Brasil, foi expedido em 1921 para Portugal, posteriormente as IEADs continuavam se expandindo internacionalmente, apesar de não existir nenhum órgão oficial da denominação para apoiar esses sacerdotes (SENAMI, 2014).

De maneira que semelhante ao primeiro momento de difusão da rede no país, quando os missionários espalhavam sem a retaguarda institucional, que só aconteceria nos anos 1930, as IEADs durante décadas propagavam seus emissários internacionais sem o apoio da organização.

Foi no ano de 1975, na vigésima segunda Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil em Santo André, São Paulo, quando foi

fundada a Secretaria Nacional de Missões (SENAMI) da CGADB, responsável pela estruturação da expansão da rede nacional e internacionalmente, assim como pelo credenciamento dos missionários (SENAMI, 2014).

Portanto na década de 1970, quase cinquenta anos mais tarde do envio do primeiro missionário, a CGADB criou a estrutura responsável pela planificação de sua expansão internacional, pelo apoio e preparação de seus emissários internacionais.

Outro marco na história da internacionalização da CGADB foi a fundação da Escola de missões das Assembleias de Deus (EMAD) em 1989, sediada em Campo Limpo Paulista, distante quarenta e cinco quilômetros da capital do estado de São Paulo (SENAMI, 2014).

O surgimento da EMAD em 1989 corrobora a tese de que a expansão internacional do pentecostalismo brasileiro acontece principalmente a partir da década de 1990, pois foi nesse período que a CGADB formou seus primeiros sacerdotes, treinados especialmente para a difusão internacional

### **6.2.1 Convenção Geral das Assembleias de Deus: Estruturas Responsáveis pela Internacionalização**

Como mostrado anteriormente a organização da expansão internacional da CGADB funciona com duas bases, primeiro a SENAMI, responsável pelo apoio aos missionários e pela organização da difusão internacional da rede, e em segundo lugar, a EMAD, destinada a formação de missionários.

De acordo o site oficial da organização, a SENAMI tem como funções: Incrementar o projeto adoção de obreiros; realizar congressos e conferências nacionais e missões das Assembleias de Deus no Brasil; fortalecer seu trabalho de pesquisa e de assessoramento às igrejas, para que cumpram a Grande Comissão; assistir missionários no campo com maior e melhor atendimento material, moral e ministerial; criar normas que propiciem as atividades evangélicas, tais como cruzadas, secretarias regionais e locais de missões, e também melhor funcionalidade e conseqüente frutificação para o reino de Deus; executar projetos de evangelização por vias fluviais e marítimas, mediante a aquisição de embarcações adequadas e capazes para tal tarefa e



estabelecer melhor intercâmbio com outros setores da Grande Seara, sempre que haja necessidade, visando o bom desempenho do labor missionário.

No caso da EMAD, o papel é formar missionários e capacitá-los para serem capazes de expandir a organização nos espaços onde serão inseridos, para tanto a EMAD oferece cursos tanto na sua sede em São Paulo, quanto na modalidade à distância.

Os cursos no portfólio da EMAD são: introdução a missões; desafios da evangelização mundial; bases bíblicas de missões; bases bíblicas de missões; a igreja local e missões; história de missões; missões transculturais; missões por faixa etária; antropologia missionária; povos não alcançados e discipulado (EMAD, 2014).

Nesse sentido, além de formar missionários a EMAD oferece cursos para conscientizar sua membresia da necessidade de expansão da organização, mediante a disponibilização de cursos e ações criados para defender a difusão da rede e da mensagem cristã no mundo.

### **6.2.2 Convenção Geral das Assembleias de Deus: a Difusão Internacional**

Como demonstrado na seção anterior a Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil é a maior rede pentecostal do Brasil, no país a organização conseguiu manter um ritmo acelerado de crescimento nos últimos cem anos.

A expansão nacional da CGADB é causada principalmente pela capacidade da organização se fazer presente nos ambientes suscetíveis ao pentecostalismo, como as periferias, os estados receptores de migrantes e as regiões de expansão da fronteira agrícola.

No plano internacional a CGADB em certa medida obedece uma lógica parecida, ou seja, procura estar presente nos espaços onde em tese o pentecostalismo tem mais chances de ser bem sucedido, em parte o avanço é consequência da expansão da rede no âmbito nacional.

Logo a CGADB se internacionaliza com base nos fluxos de difusão de pessoas, rotulado de extroversão primária, baseada em duas subcategorias, a

difusão contagiosa, que ocorre através do fiel e do missionário, bem como pela difusão a partir do migrante, como instrumento de expansão da fé ou como agente suscetível à adesão das religiões presentes nos novos espaços.

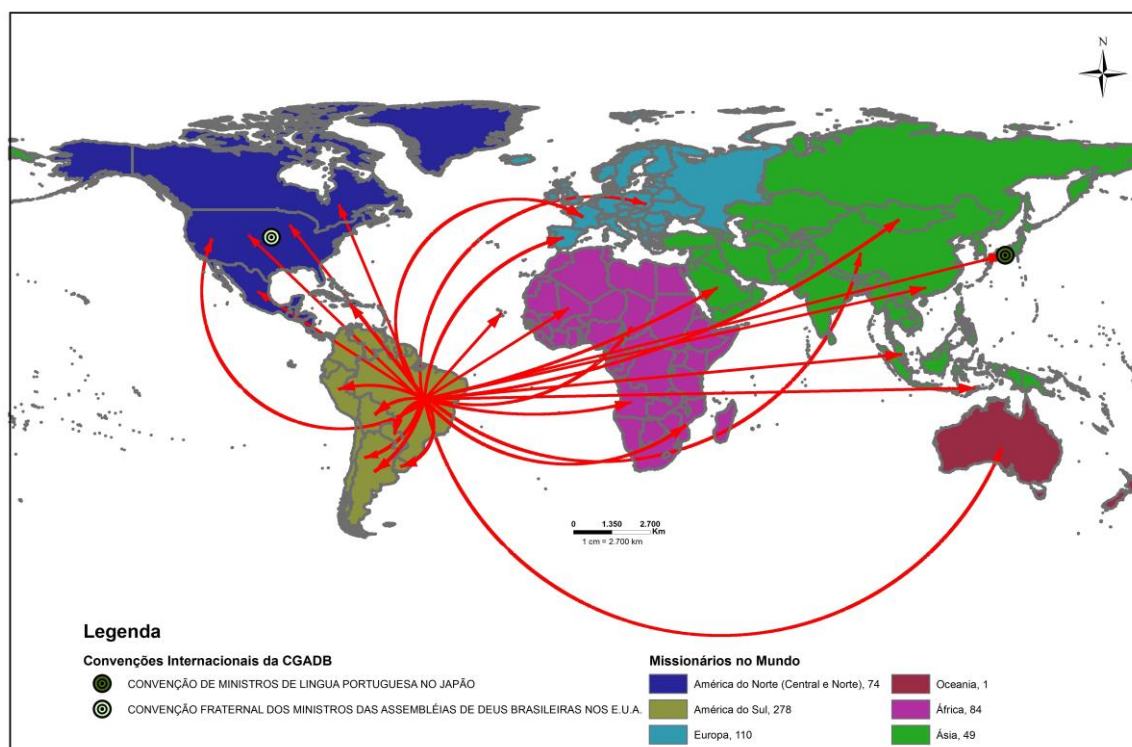
Nesse sentido, na pesquisa foram detectadas três dinâmicas de internacionalização da CGADB, o primeiro padrão é o envio de missionários, através da SENAMI e da EMAD, num modelo clássico de difusão internacional do cristianismo.

As outras duas dinâmicas são praticadas pelas IEADs no país, sem a atuação da SENAMI, tratam-se da difusão através das cidades e regiões fronteiriças, e da internacionalização por meio do imigrante brasileiro na região das três guianas: Guiana; Suriname e Guiana Francesa, assim como nos Estados Unidos e no Japão.

No caso da primeira dinâmica de difusão internacional da CGADB, praticada por meio de missionários treinados pela EMAD e assistidos pela SENAMI, além disso, a CGADB é a rede com maior número de missionários entre as três organizações abordadas na pesquisa.

Com base na Figura 17 os missionários da CGADB no mundo estão espalhados por todo o planeta, nos continentes o número de missionários da CGAD é: América do Sul 278; América do Norte 74; Europa 110; África 84; Ásia 49; Oceania 1.

Figura 17 – Missionários da CGADB no mundo



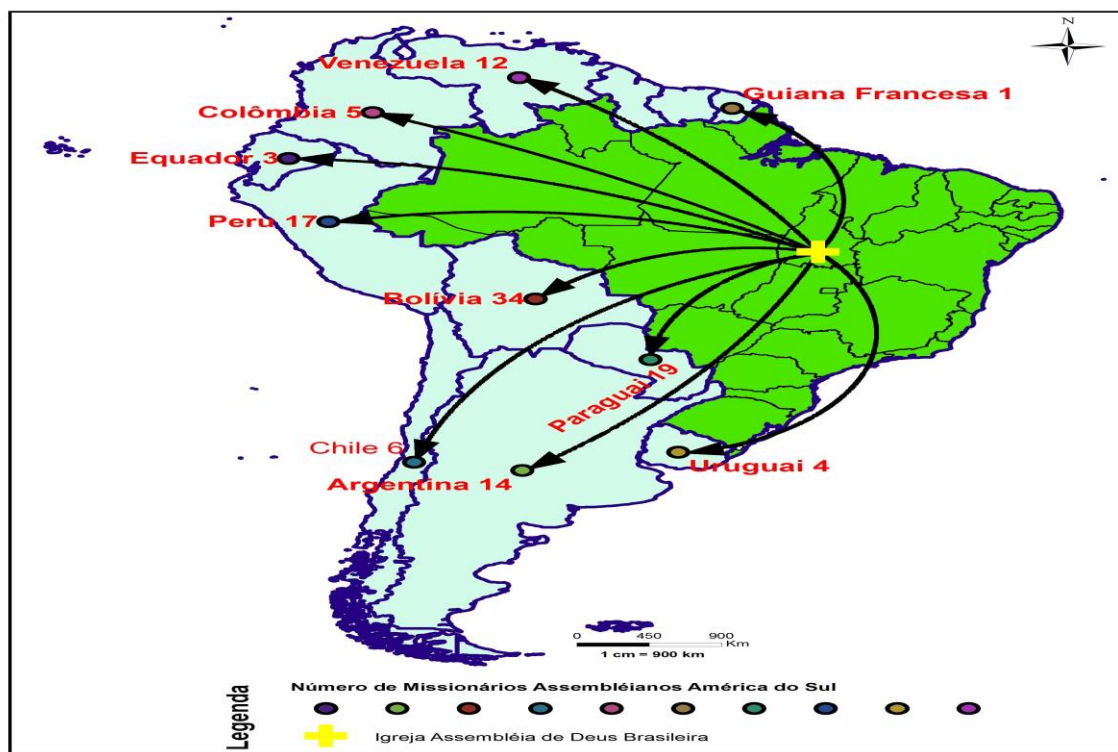
Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>10</sup>

Além dos missionários mantidos pela CGADB por meio da SENAMI, existem duas convenções internacionais da CGADB, no Japão e nos Estados Unidos da América, ambas destinadas ao imigrante brasileiro, nos dois países essas convenções tem seus próprios modelos de expansão.

Ainda conforme a Figura 18, aproximadamente 47% dos missionários da CGADB estão na América do Sul, logo o envio de missionários da rede obedece a lógica de proximidade cultural, e principalmente geográfica dos países com o Brasil.

<sup>10</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.

Figura 18 – Missionários da CGADB na América do Sul



Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>11</sup>

Conforme a Figura 18, no caso dos 278 missionários da CGADB na América do Sul, a organização fornece a localização de apenas 117 desse total, assim o mapa apresentado na pesquisa baseia-se apenas nos missionários cujo país é informado pela SENAMI.

A Figura 18 também demonstra que missionários com localização informada pela SENAMI estão presentes principalmente nos países que fazem fronteira com o Brasil, nesse sentido a quantidade de missionários da organização no Chile e Equador é baixa.

Ademais, no caso dos países que possuem fronteira com o Brasil, a presença dos missionários é maior em países como Bolívia e Paraguai, e menor em nações como Uruguai e Colômbia, de maneira que a CGADB procura está nos países menos ricos, em tese mais propensos ao avanço do pentecostalismo.

<sup>11</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.

Além da internacionalização via missionários, a CGADB se difunde com base em outra dinâmica, é propagação por meio das fronteiras, nesse caso as Convenções Estaduais ligadas a CGADB, atingem os países vizinhos por meio de congregações e pastores advindos do lado brasileiro da fronteira.

Com base na Figura 19, as IEADs estão presentes nas cidades que fazem fronteira com o Brasil, nesses casos, cidades do Uruguai, Colômbia e Argentina, essas congregações são oriundas das convenções estaduais ligadas a CGADB presentes nas áreas de fronteira, que se expandem independente das ações da SENAMI.

Figura 19 - Igrejas Assembléias de Deus em Cidades de Fronteira com o Brasil



Fonte: BLOG UNISTALDENSE. <sup>12</sup>

Logo, o processo de expansão nas cidades fronteiriças dos países vizinhos, obedece uma lógica semelhante ao alastramento da CGADB internamente, então as congregações na cidade fronteiriça do Uruguai são

<sup>12</sup> BLOG UNISTALDENSE. **IV Fronteira em Chamas já começou.** Disponível em: [http://blogunistaldense.blogspot.com.br/2011\\_02\\_01\\_archive.html](http://blogunistaldense.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html). Acesso em 01 jan. 2014.

ligadas à IEAD gaúcha, assim como a igreja aberta na Colômbia é proveniente da IEAD amazonense.

Além desses exemplos, existem outros casos de presença da CGADB nas regiões de fronteira dos países vizinhos, como as congregações da IEAD amazonense no Peru e igrejas em Ciudad del Lest no Paraguai, advindas das IEADs paranaenses, assim como em outros casos na América do Sul.

Esse processo de expansão da CGADB nas cidades fronteiriças pode ser explicada pela difusão contagiosa, onde o crescimento acontece através do contato entre crentes e não crentes, e os locais mais próximos do ponto de partida da fé são afetados primeiros pela crença.

A terceira dinâmica de difusão internacional da CGADB é semelhante ao processo de expansão nas cidades fronteiriças, contudo acontece concentrado em uma região do continente, com o acréscimo de um agente, o imigrante brasileiro.

Com base Figura 20, a presença da IEADs nas Guianas é singular na expansão das redes pentecostais brasileiras para a América do Sul, nesses países, assim como no Japão e nos Estados Unidos da América, a Assembleia de Deus atende ao imigrante brasileiro.



Figura 20 - Igrejas Assembléias de Deus na Região do Platô das Guianas



Fonte: ASSEMBLEIA DE DEUS INTERNACIONAL (2014) e BLOG MINISTÉRIO DE CASSIANE<sup>13</sup>

Trata-se do processo de expansão das IEADs nas Guianas: Guiana; Suriname e Guiana Francesa, nesse conjunto de países, embora a Guiana Francesa seja parte da França, a presença da CGADB obedece a lógica da expansão nacional, com ações também independentes da SENAMI e da política de envio de missionários da organização.

Ainda de acordo com a Figura 20 é possível observar a cantora gospel brasileira cantando em um culto em Paramaribo, bem como uma reunião da Igreja Assembleia de Deus na língua portuguesa, missão Guiana, ou seja, ambos eventos destinados ao público originário do Brasil.

No caso da presença da IEADs na Guiana Francesa, os pastores oriundos do Brasil, criaram uma organização independente em relação a CGADB, trata-se da *Assemblée de Dieu Internationale*, embora seja intitulada em língua francesa, parte de seus fiéis são de origem brasileira.

<sup>13</sup> BLOG MINISTÉRIO DE CASSIANE. **Show em Paramaribo**. Disponível em: <<http://ministeriodecassiane.blogspot.com.br/2012/02/rt-blogdacassiane-fotos-de-cassiane-no.html>>. Acesso em 01 jan. 2014.

Assim a presença das IEADs nas Guianas pode ser explicada através do migrante como agente da propagação do pentecostalismo brasileiro, bem como, a propensão desses atores em aderir as redes religiosas, para superar as dificuldades de socialização nesses espaços.

Nas três dinâmicas de difusão da CGADB, a expansão ocorre por meio dos fluxos religiosos de pessoas, denominados de extroversão primária. No primeiro caso, a expansão é baseada nos missionários, a segunda dinâmica acontece nas regiões de fronteiras com o Brasil com seus países vizinhos, e o terceiro processo refere-se ao migrante brasileiro presente nas guianas.

### 6.3 IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR: HISTÓRIA DA EXPANSÃO INTERNACIONAL

A Igreja do Evangelho Quadrangular é a maior rede protestante de origem estrangeira no Brasil, embora a IEQ brasileira seja autônoma, seu projeto de expansão internacional é potencializado pelo fato da IEQ ser a organização com maior crescimento contínuo no território brasileiro desde 1990.

Em 1989 foi criada a primeira diretoria de missões da Igreja do Evangelho Quadrangular, nesse momento a IEQ no Brasil trabalhava apenas com as missões intranacionais, foi nos anos 1990 que a organização enviou seus primeiros missionários para Paraguai, Uruguai, Itália e Suíça (SGM, 2014).

Assim como a CGADB, a IEQ institucionalizou sua difusão internacional no final dos anos 1980, conseqüentemente a propagação internacional ganhou força nos anos 1990, foi a partir desse período que IEQ solidificou o seu projeto de evangelismo internacional.

O ano de 1999 é outro marco na internacionalização da Igreja do Evangelho Quadrangular brasileira, é fundada a Secretária Geral de Missões (SGM) responsável pela expansão internacional da rede, nesse mesmo período são enviados missionários para a Espanha e para Moçambique (SGM, 2014).

Nesse momento a Igreja do Evangelho Quadrangular expandia, no modelo de propagação com base nos fluxos de pessoas, a extroversão



primária, principalmente com base nos missionários cujo destino era prioritariamente países com semelhança cultural com o Brasil

Em 2008 o Reverendo Fernando Camargo assume a direção da Secretária Geral de Missões, nesse momento o foco da IEQ brasileira muda para a abertura de novas igrejas, treinamento e atividades evangelísticas (SGM, 2014).

Desde 2008 a Igreja do Evangelho Quadrangular mudou seu foco de expansão internacional, a partir desse momento a IEQ começou a praticar a internacionalização com base na extroversão secundária, mediante o apoio na institucionalização das IEQs nativas, assim como, no treinamento missionário e pastoral dos nativos com base nas práticas evangelísticas oriundas do Brasil

### **6.3.1 Igreja do Evangelho Quadrangular: Estruturas Responsáveis pela Internacionalização**

A organização estrutural da IEQ para a internacionalização surge nos final dos anos 1980, mas no final da década de 1990 é fundada SGM, atualmente o principal órgão na planificação da propagação internacional da rede.

Abaixo da SGM, as estruturas mais importantes são chamadas de Centros de Treinamento Missionário Quadrangular (CTMQs), responsáveis pela formação de missionários, com domínio da doutrina pentecostal, capacidade de adaptação e com controle de técnicas evangelísticas para expandir a organização no exterior (SGM, 2014).

Para esse fim a Igreja do Evangelho Quadrangular possui Centros de Treinamento Missionário Quadrangular em cinco estados no país que são: CTMQ – Minas Gerais; CTMQ – Pará; CTMQ – Paraná; CTMQ - Rio Grande do Sul e o CTMQ – Goiás.

Outras organizações importantes nas estruturas evangelísticas da Igreja do Evangelho Quadrangular são as Bases mundiais de missões, essas organizações praticam o treinamento de imersão dos missionários brasileiros e formam pastores e missionários nativos, assim como apoiam a implantação de novas igrejas nesses países e incentivam as já existentes (SGM, 2014).

Nesse caso existem cinco bases mundiais de missões da Igreja do Evangelho Quadrangular na América do Sul que são: base mundial de missões de São Paulo; base mundial de missões do Haiti; base mundial da Argentina; base mundial de missões da Bolívia e a base mundial de missões do Paraguai.

Portanto a Igreja do Evangelho Quadrangular trabalha com um tipo de internacionalização peculiar no meio internacional, trata-se da ênfase na propagação da rede por meio dos nativos, nesse sentido as principais estruturas da rede são as bases mundiais de missão, onde missionários, pastores e igrejas nativas são adestrados com os conhecimentos de expansão do pentecostalismo advindos do Brasil.

### **6.3.2 Igreja do Evangelho Quadrangular: Difusão Internacional**

A Igreja do Evangelho Quadrangular conseguiu manter-se em um acelerado ritmo de expansão nacional, desde sua chegada no país, para conservar essa regularidade, de maneira que ela internalizou várias práticas proselitistas oriundas de outras organizações.

A internacionalização da IEQ iniciou-se no modelo tradicional, através da extroversão primária, principalmente através de missionários, desde meados dos anos 2000, porém, com o tempo a IEQ mudou sua atuação na internacionalização com ênfase na formação de missionários e pastores nativos.

Com base na Figura 21, os missionários da IEQ se espalham em dois espaços principais, em primeiro lugar na América do Sul cuja expansão é apoiada pelas bases mundiais de missão, em segundo lugar, em países de proximidade cultural, principalmente aqueles pertencentes a Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP), como Portugal, Angola, Moçambique e Timor Leste.

Figura 21 – Missionários da IEQ no mundo



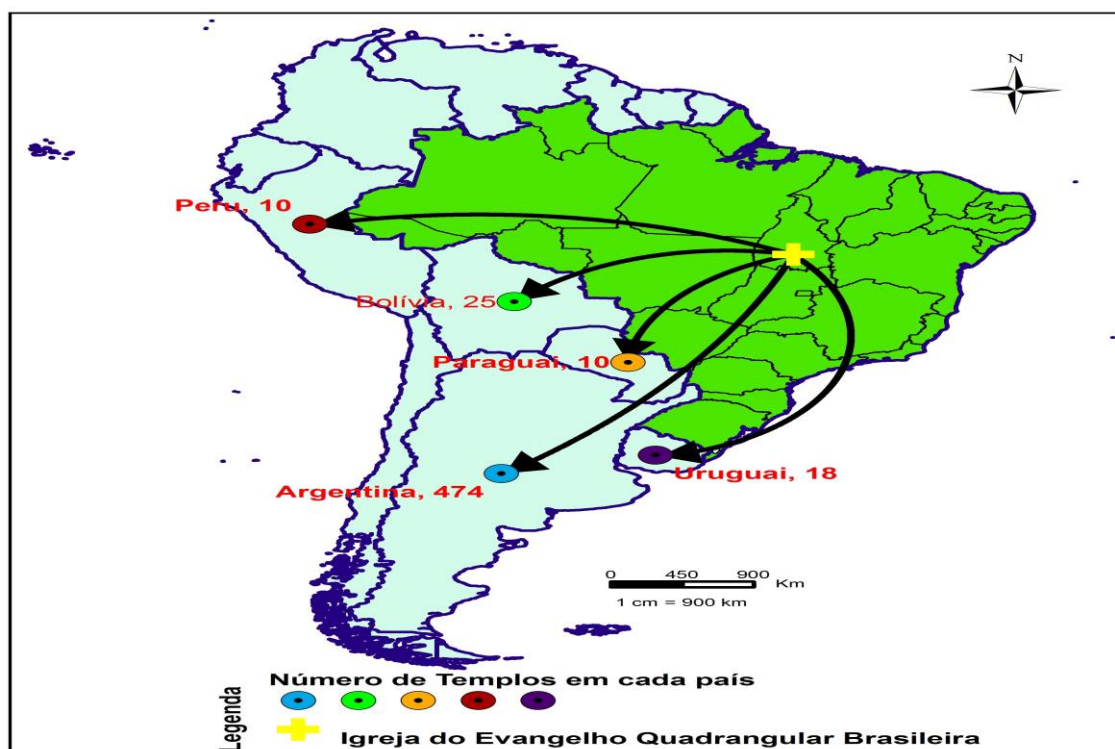
Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>14</sup>

Na internacionalização na América do Sul, a IEQ trabalha numa área ainda mais restrita, onde os países do norte do continente, Venezuela, Guianas e Colômbia, bem como, os países que não fazem fronteira com o Brasil, Chile e Equador, não estão presentes nos projetos de propagação da rede brasileira.

Segundo a Figura 22, na América do Sul, a rede brasileira atua com missionários nos países: Uruguai; Argentina; Peru; Paraguai e Bolívia, além disso, possui bases mundiais de missão nesses mesmos países com exceção do Peru e do Uruguai.

<sup>14</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.

Figura 22 – Missionários da IEQ e bases mundiais na América do Sul



Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>15</sup>

De maneira que todos os países da região, com exceção do Chile, Equador, Guianas e Venezuela, têm suas igrejas apoiadas com recursos ou missionários oriundos do Brasil, assim como pelo treinamento fornecido pela IEQ brasileira através de suas bases mundiais de missão espalhadas pelo continente.

De acordo com os dados da *International Church of Foursquare Gospel*, as Igreja Quadrangulares brasileiras e as demais apoiadas pela rede nacional, em 2009 aumentaram sua membresia em 753,000 pessoas, além disso, as organização ajudadas pelo Brasil possuem um total de templos: na Argentina 474; Bolívia 25; Peru 10; Paraguai 10 e Uruguai 18 (FOURSQUARE CHURCH, 2014).

<sup>15</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.

Além da primeira base da política de internacionalização da IEQ, baseada no envio de missionários, com foco no países como proximidade cultural, principalmente América do Sul e países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

O segundo vetor na internacionalização da IEQ é o apoio ao fortalecimento das igrejas locais mediante a formação de missionários e pastores nativos, adestrados com as estratégias proselitistas provenientes do Brasil para a abertura de novas congregações.

Para tanto a IEQ criou bases mundiais de missões cujas finalidades, especialidades e objetivos são específicos para cada caso, essas estruturas orientadas para a expansão através dos nativos, são as principais ferramentas de internacionalização da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Como observado na Figura 23 caso da base mundial de missões de São Paulo é especializada na formação de missionários para o evangelismo urbano, outro foco da instituição é formar sacerdotes aptos no evangelismo com os moradores de rua e dependentes químicos.

Figura 23 - Bases Mundiais de missão da IEQ em São Paulo e no Paraguai



Fonte: SGM (2014).

No caso da base mundial de missões do Paraguai, suas funções são apoiar a abertura de novas igrejas através da capacitação e treinamento da membresia nativa, também atua na formação transcultural de missionários brasileiros (SGM, 2014).

Na Figura 24, vê-se que a base mundial de missões do Haiti, administrada por emissários brasileiros, é especializada em formar missionários que atuam em trabalhos voluntários, em ações sociais e de filantropia, como no apoio a orfanatos.

Figura 24 – Bases mundiais de missões da IEQ no exterior



Fonte: SGM (2014).

Além disso, a organização apoia às igrejas quadrangulares haitianas e trabalha na formação de missionários e pastores nativos, treinados para expandirem a Igreja do Evangelho Quadrangular no país, através da abertura de novas obras.

Outra iniciativa dos representantes da IEQ brasileira no Haiti é o ensino de Português e da língua oficial do Haiti, além disso, trabalham na capacitação de cursos profissionalizantes nas áreas de hidráulica, elétrica, mecânica e construção civil e no apoio a orfanatos do país (SGM, 2014).

Na Argentina os representantes da IEQ brasileira, possuem duas funções, em primeiro lugar são responsáveis pela direção da base mundial de missões da Argentina, onde auxiliam as congregações argentinas existentes, e impulsionam a criação de novas congregações, com base no treinamento do povo nativo.



Além disso, apoiam o departamento de missões nacional da Argentina burocraticamente, e também participam do ensino de práticas evangelísticas, na implantação de institutos de formação de pastores argentinos e instruindo a liderança argentina a abrir novas congregações.

Na Bolívia a Igreja do Evangelho Quadrangular brasileira também atua em duas frentes: a primeira iniciativa é o apoio burocrático no estabelecimento da IEQ boliviana, bem como na formação de pastores e no ensino de técnicas evangelísticas.

Conforme mostrado na Figura 24, a segunda frente consiste na administração e manutenção da base mundial de missões da Bolívia cuja função é apoiar as igrejas do país e formar os missionários e pastores bolivianos visando a abertura de novas congregações.

Portanto a IEQ é uma organização que internacionaliza em dois modelos, primeiro por meio de missionários, em segundo lugar através do apoio as organizações nativos, com a formação de missionários e pastores locais treinados para fundarem novas congregações.

#### 6.4 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: HISTÓRIA DA EXPANSÃO INTERNACIONAL

A Igreja Universal do Reino de Deus é a uma das principais redes pentecostais brasileiras, seu potencial de expansão baseia-se no seu poderio financeiro, político e midiático, bem como, na sua capacidade de expansão observada no Brasil no período de 1980 a 2000, além disso a IURD perdeu fiéis, no período de 2000 a 2010, assim a internacionalização representa uma forma da organização superar as dificuldades no âmbito interno.

A história da expansão da Igreja Universal do Reino de Deus inicia em 1985, quando a IURD é instalada no Paraguai, em 1986 é dado o segundo passo na propagação da rede para o mundo, pois a organização é inaugurada na Argentina, no Uruguai e em Portugal (ORO, 2004).

De maneira que a IURD iniciou seu projeto de difusão internacional na segunda metade da década de 1980, portanto o início da internacionalização da IURD é concomitante aos começos de transnacionalização da CGADB e IEQ, ambas nos final dos anos 1980.

Conforme a Revista Veja<sup>16</sup>, a Igreja Universal do Reino de Deus no ano de 1995 detinha no mundo total de templos considerável no mundo, que divididos nos continentes eram: América do Sul 54; América Central 21; América do Norte 24; Europa 63; África 52 e Ásia 7.

Ainda de acordo com a Revista, em 1999 esse número aumentou, a Igreja Universal do Reino de Deus expandiu seu número de templos no mundo para um total de: América do Sul 2000; América Central 150; América do Norte 100; Europa 200; África 400 e Ásia 20.

Nesse sentido a expansão internacional da IURD não é causada apenas pelo declínio da organização nacionalmente, pois nos anos 1990, quando ainda era a organização como o maior crescimento no país, a IURD já obtinha sucesso no seu projeto expansionista.

#### **6.4.1 Igreja Universal do Reino de Deus: Estruturas Responsáveis pela Internacionalização**

Ao contrário das CGADB e da IEQ, onde a internacionalização é praticada por organismo específicos, o que torna a internacionalização uma dinâmica diferente da expansão nacional, tanto no adestramento dos missionários, quanto no envio de recursos.

Na IURD a internacionalização é praticada nos mesmos moldes da difusão nacional da rede, de maneira que nas duas escalas da organização, a rede se expande mediante a instalação de templos nos novos espaços, prioritariamente nas áreas metropolitanas.

Além disso, como acontece no Brasil, a IURD é uma igreja padronizada internacionalmente, logo o ritual, as práticas proselitistas, o governo eclesiástico, o modus operandi e a mensagem da IURD são similares tanto no âmbito interno quanto externo.

Outra diferenciação da IURD em relação a CGADB e a IEQ é o fato da denominação ser totalmente gerida pela organização brasileira, enquanto na IEQ as redes nos novos países se tornam autônomas naturalmente, assim como, na CGADB é comum pastores das IEADs se desligarem da CGADB e

---

<sup>16</sup> PAIXÃO, Roberta. O sucessor de Edir Macedo. Veja, ed. 1622, p. 46, nov. 1999. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/031199/p\\_044.html](http://veja.abril.com.br/031199/p_044.html)>. Acesso em: 12 ago. 2013.



fundarem denominações autônomas, como é o caso da principal IEAD da Guiana Francesa.

Na IURD as igrejas instaladas em outros países são sempre submetida a matriz brasileira, ou seja, os templos da IURD na África do Sul, Estados Unidos, Argentina e de todos os países do mundo, estão sujeitos ao governo eclesiástico do conselho mundial de bispos da organização.

Portanto, a IURD é única denominação pentecostal brasileira verdadeiramente global, tanto pelo fato de ser a igreja mais difundida internacionalmente, quanto pelo domínio da liderança brasileira sobre os templos e pastores da IURD espalhados no mundo.

#### **6.4.2 Igreja Universal do Reino de Deus: a Difusão Internacional**

Como dito anteriormente a IURD é uma rede pentecostal organizada corporativamente, através da sua estrutura hierarquizada no qual os pastores trabalham com metas, para subir na carreira o pastor deve alcançar índices de produtividade.

Assim as motivações da internacionalização da IURD são semelhantes aos objetivos de propagação internacional das empresas transnacionais, expostos nos modelo de investigação de internacionalização de empresas da Escola de Uppsala da Suécia.

Segundo esse modelo, as empresas se internacionalizam procurando suplantar a saturação do mercado interno, nesse padrão as empresas procuram atuar em países encachados em duas categorias, os próximos geograficamente e aqueles semelhantes culturalmente.

Sendo assim, a tese da escola de Uppsala na qual as organizações procuram principalmente países próximos geograficamente e culturalmente encaixa-se no padrão de internacionalização da IURD, presente prioritariamente nos países Sul-Americanos, Africanos, membros da Comunidade de Países de Língua portuguesa e nos Estados Unidos da América.

Outra analogia, com as concepções da Escola de Uppsala de Internacionalização de empresas, é a crença na qual a difusão internacional é

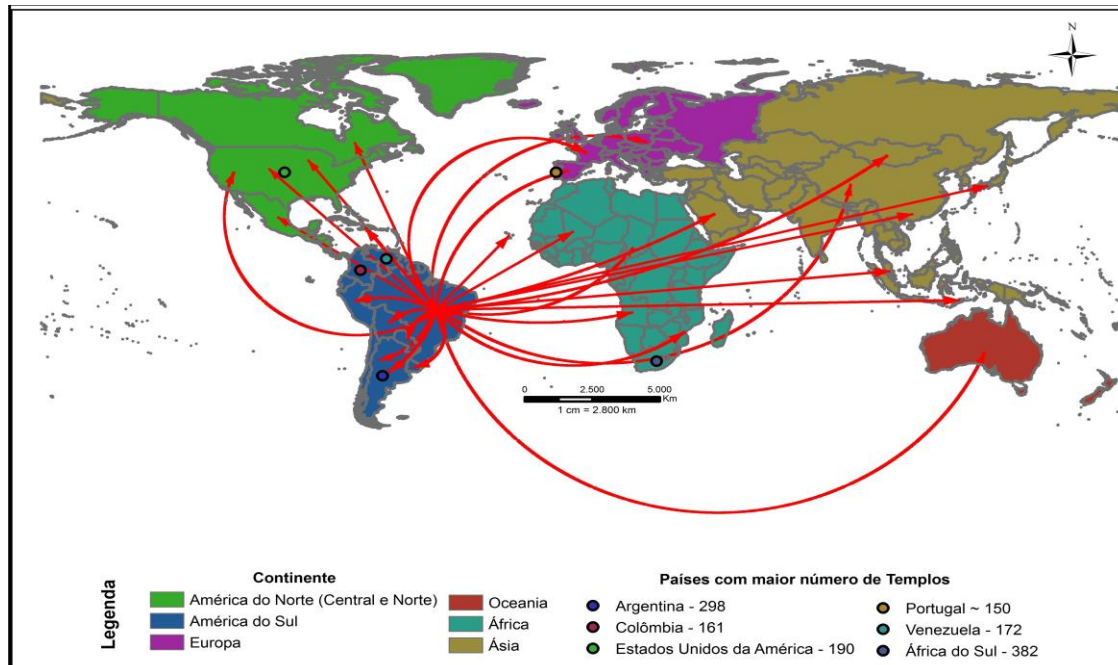
uma forma das organizações superarem as dificuldades de expansão no mercado interno.

Como dito na quarta seção, a IURD é a primeira grande denominação na história do movimento pentecostal, que registrou a perda significativa de fiéis em um período de dez anos, no caso da IURD, a organização perdeu membros de 2000 a 2010.

Embora, essa tese não se encaixe perfeitamente na IURD, pois o declínio da rede no Brasil inicia nos anos 2000, enquanto a internacionalização da rede começa na segunda metade da década de 1980 assim, em meados dos anos 1990 a IURD já era uma organização consolidada internacionalmente.

Conforme a Figura 25, a IURD está presente principalmente na América do Sul e África, no continente europeu a maior presença é em Portugal, nas Américas do Norte e Central a IURD está presente principalmente nos Estados Unidos da América.

Figura 25 – Presença da IURD no mundo



Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>17</sup>

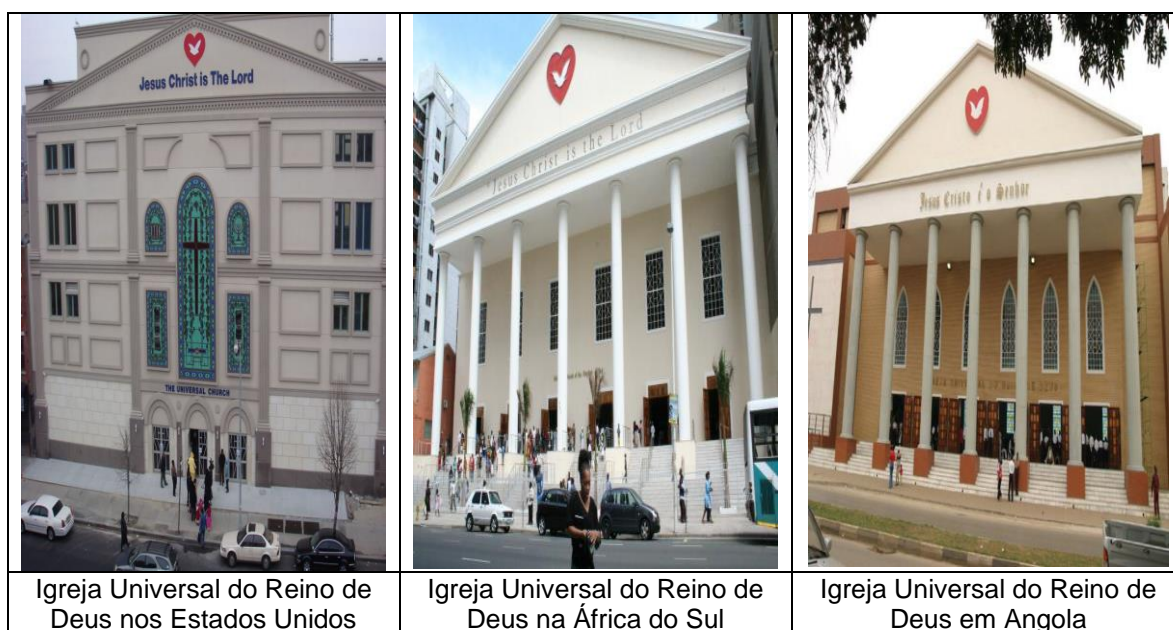
<sup>17</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.

Portanto de acordo os dados da organização os países com a maior quantidade de templos da IURD no mundo são: África do Sul 382; Argentina 298 Estados Unidos da América 190; Venezuela 172; Colômbia 161 e Portugal, todos países semelhantes culturalmente com o Brasil.

De maneira que é possível apontar quatro espaços onde a IURD é mais presente: o primeiro vetor de internacionalização da IURD é a América do Sul; o segundo foco da organização é a África; o terceiro espaço preferido da rede é a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, principalmente Portugal, além disso, a organização é muito presente nos Estados Unidos da América.

Na Figura 26 são apresentados três países, onde IURD é mais bem sucedida fora da América do Sul, como observado nas imagens a IURD mantém o padrão arquitetônico dos templos, reforçando a tese de padronização da rede, tanto internamente quanto externamente.

Figura 26 – Templos da IURD no mundo



Fonte: IURD (2014).

Fora da América do Sul a presença da IURD é muito presente na África, nessa região, dois países são importantes no entendimento da internacionalização do movimento pentecostal brasileiro, a primeira nação é a África do Sul, o segundo país e Angola.

Conforme Oro (2004), um momento marcante da internacionalização da Igreja Universal do Reino de Deus acontece quando a organização é fundada na África do Sul, no ano de 1993, nesse momento a igreja era frequentada principalmente por imigrantes Angolanos e moçambicanos.

A fundação da IURD na África do Sul é um marco na internacionalização das redes pentecostais brasileiras no mundo, pois a IURD sul-africana é provavelmente a maior igreja pentecostal de origem brasileira estabelecida no exterior.

Com base na Figura 27, em Angola, as organizações brasileiras enfrentam dificuldades, em parte pela presença da IURD e os seus problemas com o governo local, após o desastre num evento da IURD no final do de 2012 em Luanda, capital da Angola no qual morreram treze pessoas.

Figura 27 – Box: Proibição da IURD em Angola

O governo de Angola baniu a maioria das igrejas evangélicas brasileiras no país, pois segundo as lideranças de Angola, as redes brasileiras se aproveitam das fragilidades do povo angolano, já que atualmente 15% da população de Angola é evangélica, e esse número está crescendo. Em dezembro de 2012, em um culto da IURD, para 150 mil pessoas, um tumulto causou a morte de treze pessoas.

Fonte: Folha de São Paulo.<sup>18</sup>

Angola é um país importante na internacionalização das redes brasileiras, pois se enquadra em dois padrões de difusão internacional do movimento pentecostal brasileiro, já que Angola é um país africano e ao mesmo membro da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

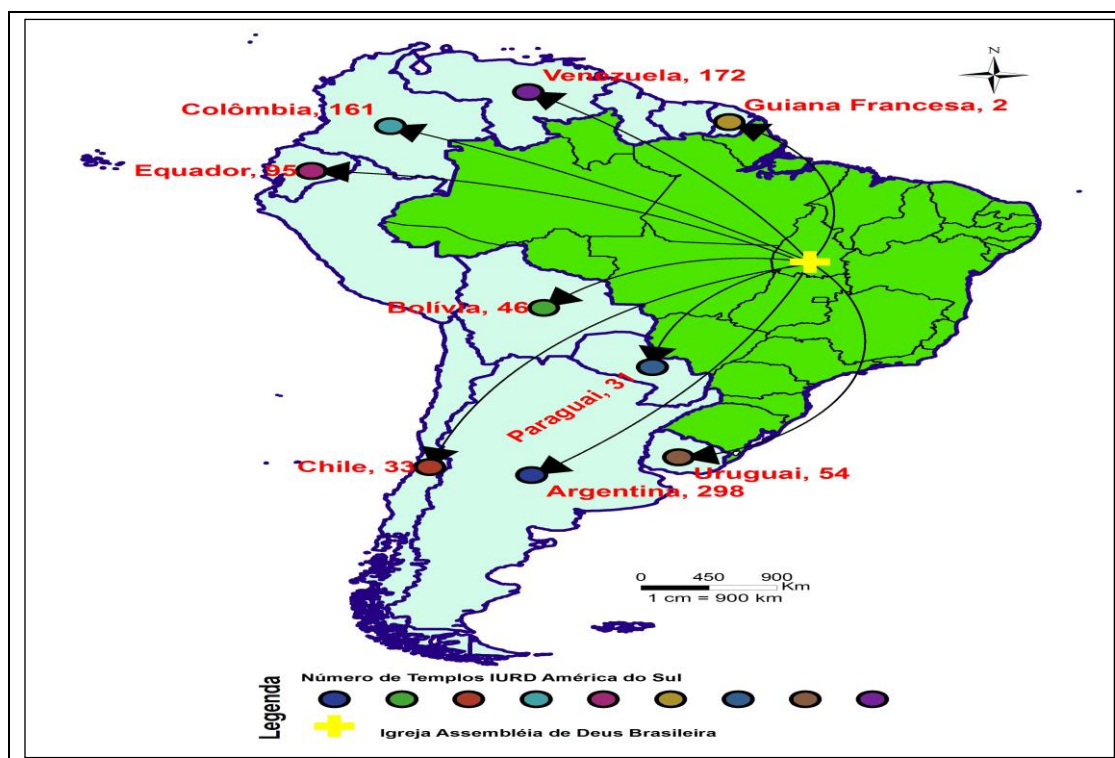
Assim Angola, juntamente e os demais membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa na África, são países centrais nos projetos de expansão do movimento pentecostal brasileiro, portanto a proibição das redes brasileiras atuarem em espaço angolano é o primeiro grande entrave para a internacionalização do movimento pentecostal brasileiro.

Com base na Figura 28, a IURD é uma organização com presença relevante na região, onde o país com menos templos, a Guiana, com dez

<sup>18</sup> MELLO, P. C. Angola proíbe operação de igrejas evangélicas do Brasil. Folha de São Paulo, 27 abr. 2013. Mundo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1269733-angola-proibe-operacao-de-igrejas-evangelicas-do-brasil.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2013.

templos possui uma população de menos de um milhão de habitantes, e os países com a maior quantidade de templos da IURD na região são: Argentina 298; Venezuela 172; Colômbia 161; Equador 95 e Uruguai 54.

Figura 28 - Presença da IURD na América do Sul



Fonte: Santos, Cordeiro e Senhoras<sup>19</sup>

Assim a América do Sul é a região do planeta com a maior presença de templos da rede, nesse sentido a presença da IURD está na região é entendida com base em dois critérios, o primeiro é escolha dos países mais ricos, o que explicaria a quantidade de templos maior na Colômbia, Argentina e Venezuela, as três maiores economias da região.

Portanto a IURD mantém as características de expansão internas, baseadas na instalação de templos em áreas metropolitanas, onde a mensagem pragmática da organização, baseada nas soluções dos problemas terrenos são mais aceitas.

<sup>19</sup> SANTOS, A. F. P.; CORDEIRO, W.; SENHORAS, E. M. **Arquivo elaborado e organizado de mapas e figuras para pesquisa de mestrado**. Boa Vista, 2014.



Todavia a ênfase nos países ricos não explica o total de templos maior no Uruguai do que no Chile, a interpretação para essa situação, é a proximidade geográfica como o segundo fator mais importante na instalação dos templos da IURD, depois do critério de fundar de templos em áreas metropolitanas.

Na Figura 29 são expostas imagens de templos da IURD em três países, no primeiro caso o templo da IURD na Argentina, expõe a aparência suntuosa de uma Catedral, por outro lado na Guiana e no Bolívia, os templos possuem fachadas simples, condizentes com as economias desses países.

Figura 29 – Templos da IURD na América do Sul



Fonte: IURD (2014).

Portanto a IURD é se internacionaliza semelhantemente ao seu processo de difusão nacional nos quais o templo é único meio de propagação, instalado prioritariamente nas áreas urbanas, onde a mensagem pragmática da rede aliada com a ausência do fiel na condução das congregações são mais aceitas.

## 7 CONCLUSÃO

Como apresentado na introdução, a dissertação procurou explicar os processos sócio espaciais do pentecostalismo brasileiro nas escalas nacional e internacional, principalmente no continente sul-americano, focando nas causas da propagação desse movimento.

De maneira que a pesquisa partiu de duas hipóteses, a primeira considerava o papel dos fixos e fluxos religiosos na expansão desse movimento, enquanto a segunda hipótese apontava para os espaços nos quais essas organizações se concentram, tanto no âmbito interno quanto externo.

Logo a dissertação se baseou na tese na qual os elementos axiológicos, como os princípios religiosos podem influenciar nas demais áreas da vida humana, como na política, na economia, nas telecomunicações e nas relações internacionais.

O ponto de partida para compreender o movimento pentecostal brasileiro foi entender a relação da Geografia com a religião, desde a Geografia positivista até a nova geografia cultural, enfatizando os elementos da geografia política acerca da religião.

Portanto foi entendido que existe uma relação de dominação móvel entre o espaço e a religião, ora a religião é hegemônica sobre o espaço, ora o espaço é hegemônico sobre a religião. A dominação da religião sobre o espaço depende da capacidade da primeira em impor seu discurso, sua doutrina, seus rituais, e também da capacidade da mesma em influir politicamente sobre o espaço (PASSOS; GUERRIERO, 2004).

Nesse sentido o cristianismo é uma religião que se impõe sobre o espaço, como a maior religião do mundo, conseqüentemente o protestantismo e a sua vertente pentecostal são crenças capazes de influenciar em inúmeras áreas da ação humana.

Portanto, a pesquisa procurou entender os desdobramentos do pentecostalismo brasileiro sobre as dimensões políticas e econômicas do espaço, para tanto se baseia numa abordagem materialista da Geografia acerca da religião.

Assim os conceitos escolhidos apoiam a pesquisa científica dos aspectos concretos envolvidos na difusão do pentecostalismo brasileiro,

principalmente a sua propagação no espaço brasileiro e sul-americano e as decorrências desse processo.

Os conceitos eleitos foram redes, fixos e fluxos e paradiplomacia, que são concepções capazes de analisar os processos religiosos, a abordagem da transnacionalização é outra justificativa para a escolha desses três conceitos cuja função foi basear conceitualmente toda a pesquisa.

No passado as redes eram estruturas organizacionais limitadas ao âmbito privado da vida das pessoas, as atividades e projetos mais elaborados eram baseados em organizações clássicas como empresas, estados, igrejas e exércitos cujos recursos e hierarquia permitiam dominar mais soluções para organizar os objetivos (CASTELLS, 2000).

Após o advento da globalização aliado a transnacionalização dos atores permitiu aos formatos reticulares sublevar a importância desses formatos, principalmente para as organizações com atuação em escala internacional.

Atualmente as redes de relações sociais trabalham na dependência da relação entre os agentes internos e externos à organização, esses atores devem estar dispostos a compartilhar conhecimentos e experiências com o intuito de criar um quadro de aprendizado institucional, fomentando o surgimento de novos conhecimentos (TOMAÉL, M; ALCARÁ, A; DI CHIARA, 2005).

Além do conceito de redes a pesquisa se deu com base nos sistemas de objetos, de ações e de valores, como fundamentos epistemológicos para os conceitos de fixos de fluxos e aplicação dessas concepções para o estudo da religião e o espaço.

O último conceito utilizado foi a paradiplomacia cuja função é explicar as ações políticas dos atores emergentes das relações internacionais, a concepção desenvolvida de paradiplomacia eclesiástica serviu de aporte para o entendimento das ações políticas dessas organizações no âmbito político.

Na dissertação foram apresentadas as motivações das entidades praticantes da paradiplomacia, que são inicialmente as razões culturais, posteriormente surgiram as justificativas econômicas e atualmente tem crescido os motivos políticos para a atuação paradiplomática (ZERAIUO, 2011).



Na síntese histórica do movimento pentecostal no Brasil, foram apontadas os principais grupos de protestantes tradicionais que chegaram no país no século XIX, os grupos de migração e missão, ambos com propagação nacional inferior ao movimento pentecostal.

As denominações pentecostais chegaram no Brasil no começo da década de 1910, oriundo do movimento norte-americano, no país o pentecostalismo criou novos padrões, novas denominações, novas técnicas proselitistas e foi bem sucedido na propagação no território nacional.

Para entender a difusão interna e externa do movimento pentecostal, foram tomadas como estudo de caso as organizações: Convenção Geral das Assembleias de Deus; a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Universal do Reino Deus.

Nesse sentido a pesquisa consistiu em compreender os processos, estruturas, estratégias e história da CGADB, da IEQ e da IURD, para elaborar padrões de redes e modelos de espacialização e periodização do pentecostalismo brasileiro, com base nas três denominações pentecostais mais importantes no período de 1990 a 2013.

Na investigação do papel da CGADB na propagação nacional do pentecostalismo está na formação da identidade pentecostal no país, por meio de sua mensagem de uso e costumes, além disso, a CGADB é a maior denominação protestante do Brasil.

No caso da Igreja do Evangelho Quadrangular, a organização tem o papel de difundir as práticas proselitistas de massa no meio pentecostal, a rede esteve na vanguarda da utilização da mídia, assim como adaptou-se rapidamente aos novos mecanismos de evangelização surgidos desde a década de 1990.

No caso da Igreja Universal do Reino de Deus a organização tem se notabilizado pelo seu poderio econômico e midiático, assim como pelo conflito contra as religiões afro-brasileiras, embora a concepção de batalha espiritual não seja exclusividade da IURD.

No âmbito internacional, a CGADB tem se transnacionalizado com base em três dinâmicas, a primeira é praticada pelo envio de missionários, as outras dinâmicas se concentram na América do Sul a CGADB, nesses processos a organização se difunde por meio das fronteiras brasileiras, bem

como pelo migrante brasileiro nos Estados Unidos da América, Japão, principalmente nas Guianas, todas dinâmicas do modelo de expansão baseado nos fluxos de pessoas, principalmente missionários e imigrantes, chamado de extroversão primária.

No caso da IEQ, a rede tem se internacionalizado de duas formas, em primeiro lugar através de missionários, na extroversão primária, e, em segundo lugar, através da implantação de bases mundiais de missão nas quais missionários e pastores latinos são formados para expandirem a organização, no modelo de expansão de fixos, chamado de extroversão secundária.

A IURD possui a internacionalização mais simples e semelhante com a difusão nacional, ao mesmo tempo em que é a organização mais bem sucedida internacionalmente, no modelo da IURD a transnacionalização é baseada na implantação de templos nas áreas metropolitanas, num padrão fundamentado nos fixos, os templos, chamado de extroversão secundária.

Portanto a internacionalização do movimento pentecostal brasileiro é um importante elemento de exportação da cultura brasileira, demonstrando nesse sentido, que a paradiplomacia eclesiástica aliada a fluxos das redes religiosas tem se tornado um importante fenômeno internacional do espaço sul-americano.

Além disso, a difusão do movimento pentecostal, influi no espaço brasileiro e sul-americano tanto no campo religioso, quanto nos aspectos políticos, econômicos e sociais, sendo assim as igrejas evangélicas são relevantes atores do espaço sul-americano.

Dessa maneira a internacionalização do movimento pentecostal brasileiro começa a interferir nas ações externas do Brasil, assim como, o movimento tem interferido nas ações políticas e na economia internas do país nas últimas décadas.

Com base no sistema reticular de fixos e fluxos, as redes pentecostais brasileiras estão, desde o final dos anos 1980 e principalmente a partir dos anos 1990, expandindo-se internacionalmente, da mesma forma como se difundiram no país nas últimas décadas.

A transnacionalização prioritariamente na América do Sul é perfeitamente explicada pela concepções teóricas levantadas ao longo do

texto, nas quais a difusão obedece aos critérios de proximidade geográfica e física.

No caso do primeiro modelo, baseado no migrante, no missionário e no contágio, a proximidade física com a América do Sul permite aos missionários e as igrejas nas regiões de fronteira, o contato com os habitantes do países vizinhos, com os quais a fé é difundida por meio dos fiéis e dos sacerdotes.

No caso do segundo modelo, baseado na analogia com as corporações empresarias, fundamentado nos recursos financeiros e nos templos, a proximidade física e psíquica permite a Igreja Universal do Reino de Deus expandir suas ações no espaço sul-americano com índices de sucesso superiores aos alcançados no Brasil nos últimos anos.

Além disso, os países que não estão na América do Sul, porém são próximos culturalmente do Brasil, como os membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, os Estados Unidos da América e demais países africanos são atingidos pela propagação do pentecostalismo brasileiro.

Porém as organizações com a difusão baseadas no fluxo de pessoas são mais bem sucedidas na América do Sul, e não possuem a mesma propagação nos países de outros continentes, nos quais a Igreja Universal do Reino de Deus, alcança êxito por meio da instalação de templos nas áreas metropolitanas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, D. A fragmentação do campo pentecostal e o papel das instituições religiosas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FACULDADES EST. **Anais...** São Leopoldo: Faculdades EST, 2012. p. 287-298.
- AGNEW, J. Religion and geopolitics. **Geopolitics**, v. 11, n. 2, p.183–191, 2006.
- ALBAGLI, S. **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília: SEBRAE, 2004.
- ASSEMBLÉIA DE DEUS INTERNACIONAL. Site oficial. Disponível em: <[www.addinternationale.com](http://www.addinternationale.com)>. Acesso em 1 jan. 2014.
- AMALADOSS, M. Religiões: violência ou diálogo? **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 34, n. 93, p. 179-196, 2002.
- BRANDÃO, C. R. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 261-288, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300017). Acesso em: 3 abr. 2013.
- BUGARIM, P, TRINTA, J. Influência das igrejas evangélicas emergentes no comportamento de consumo dos membros e frequentadores. In: SEMEAD, 12, 2009, São Paulo. **Anais...** Disponível em: <[www.ead.fea.usp.br/semead/12semead](http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead)>. Acesso em 1 jan. 2014.
- BURITY, J. A. Religião e política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Revista de Estudos da Religião**, n. 4, p. 27-45, 2001. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/religiao\\_politica\\_frenteira.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/religiao_politica_frenteira.pdf). Acesso em: 1 jan. 2014.
- CASTELLS, M; GERHARDT, K. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CERVEIRA, S. Protestantismo tupiniquim, modernidade e democracia: limites e tensões da (s) identidade (s) evangélica (s) no Brasil contemporâneo. **Revista de Estudos da Religião**, v. 8, p. 27-53, 2008. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2008/t\\_cerveira.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_cerveira.pdf). Acesso em: 20 mar 2013.
- CGADB. **História da CGADB** Disponível em: <[http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com\\_content&view=article&id=37&Itemid=83](http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com_content&view=article&id=37&Itemid=83)>. Acesso em 1 jan. 2014.

CLAVAL, P. A volta do cultural na Geografia. **Mercator**, v. 1, n. 1, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/192/158>. Acesso em: 23 out. 2013.

\_\_\_\_\_, P. A evolução recente da geografia cultural de língua francesa. **Geosul**, v. 18, n. 55, p. 7-26, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13599>. Acesso em: 23 out. 2013.

CORTÊS, Mariana. A Configuração Flexível da Expansão Neopentecostal na Sociedade Brasileira Contemporânea. Salvador, 2011. Disponível em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308352894\\_ARQUIVO](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308352894_ARQUIVO). Acesso em 01/01/2014.

CURTIS, A. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Editora Vida, 2003.

CORREA, M. A. O. S. **A operação do carisma e o exercício do poder**: a lógica dos ministérios das igrejas assembleias de deus no Brasil. 2012. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CÔRTEZ, M. A Configuração flexível da expansão neopentecostal na sociedade brasileira contemporânea. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO, 11, 2011, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2011. p. 1-17. Disponível em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308352894\\_ARQUIVO\\_Artigo-CongressoLusoAfroBrasileiro-2011-MarianaCortes.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308352894_ARQUIVO_Artigo-CongressoLusoAfroBrasileiro-2011-MarianaCortes.pdf). Acesso em: 16 maio. 2013.

DAMACENO, A. **Disseminação das confissões religiosas no Espaço Geográfico-Cultural de Maringá**. Maringá : Secretaria de Estado de Educação do Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2122-6.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2013.

DE PAULA, R. R. O mercado da música gospel no Brasil: aspectos organizacionais e estruturais. **Revista Uniabeu**, v. 5, n. 9, p. 141-157, 2012. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/370>. Acesso em: 6 out. 2013.

DIAS, A. C.; BANDT, D. L. A implantação da Igreja do Evangelho Quadrangular em Curitiba: a evangelização através de tendas. In: CONGRESSO DE TEOLOGIA DA PUCPR, 9., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Champagnat, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009/>. Acesso em: 1 jan. 2014.

DIAS, Z. M. Notas sobre a expansão e as metamorfoses do protestantismo na América Latina. **Revista Numen**, v. 3, n. 2, p. 47- 62, 2010. Disponível em: <http://ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/854>. Acesso em: 23 mar. 2013.

DIJKINK, G. When Geopolitics and religion fuse: a historical perspective. **Geopolitics**, vol, 11, p. 192–208, 2006. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14650040600598403>. Acesso em: 16 mai 2013.

DOLGHIE, J. A Igreja Renascer em Cristo e a consolidação do mercado de música gospel no Brasil: uma análise das estratégias de marketing. **Ciencias Sociales y Religion/Ciências Sociais e Religião**, v.6, n. 6, p. 201-220, 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2273/978>. Acesso em: 12 ago. 2013.

FAJARDO, M. P. Pentecostalismo, urbanização e periferia: perspectivas teóricas. **a Paralellus**, v. 2, n. 4, p. 181-192, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Angela./Downloads/197-533-1-SM.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2013.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, v. 8, n. 6, p. 14 – 34, 2005. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/1460/1436>. Acesso em: 12 jun. 2013.

FERNANDES, D. **Geografia da religião**: um olhar sobre as espacialidades da juventude evangélica da Assembleia de Deus. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

FERREIRA, I. V. Pentecostalismo e secularização: da rigidez doutrinária ao pluralismo religioso. **Horizonte**, v. 10, n. 28, p. 1458-1472, 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/3995>. Acesso em: 5 jun. 2013.

FRAGA, N. C. Território, região, poder e rede: olhares e possibilidades conceituais de aproximação. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, n. 7, p. 9-31, 2007. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/232>. Acesso em: 12 jun. 2013.

GIL FILHO, S. F. G.; SILVA, A. S. Geografia da religião a partir das formas simbólicas em Ernst Cassirer: um estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, v. 2, p. 73-91, 2009. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2009/t\\_silva.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/t_silva.pdf). Acesso em: 5 jun. 2013.

EMAD. **EMAD**: Escolas de Missões das Assembléias de Deus. Disponível em [www.emad.org.br](http://www.emad.org.br). Acesso em 1 jan. 2014.

FONTELES, H. A ascensão da mídia evangélica: pelo uso do tripé, político, econômico e tecnológico. **Voos Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**, vl. 2, n. 1, p. 03-16, 2010. Disponível em [www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/download/76/75](http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/download/76/75). Acesso em: 3 abr. 2013.

FOURSQUARE CHURCH. **The Foursquare Church**. Disponível em: <http://www.foursquare.or>. Acesso em 1 jan. 2014.

GALINDO, D. O marketing da fé e a fé no marketing: a competitividade entre os evangélicos. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 36, p. 14-34, 2009. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewArticle/873>. Acesso em: 3 abr. 2013.

GOMES FILHO, F. **A Paradiplomacia Subnacional no Brasil**: uma análise da política de atuação internacional dos governos estaduais fronteiriços da Amazônia. Tese (Doutorado em Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9379>. Acesso em: 5 jun. 2013

GOMES FILHO, F.; VAZ, A. C. A paradiplomacia no contexto da Amazônia brasileira: estratégias de desenvolvimento regional do estado de Roraima. **Revista Amazônia: ciência & desenvolvimento**, v. 4, n. 7, p. 7-17, 2008.

GONÇALVES, J; SERRA, A; COSTA, C. A empresarização do sagrado: um estudo sobre a estruturação de igrejas protestantes brasileiras. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 6, n. 2, p. 1-14, 2007. Disponível em: <http://revistas.facecla.com.br/index.php/recadm/article/view/124>. Acesso em 3 abr. 2013.

GONÇALVES, R. B. Religião e representação política: a presença evangélica na disputa eleitoral brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 116, p. 13-20, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10891>. Acesso em: 3 abr. 2013.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, p. 19-42, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geografia/article/viewArticle/213>. Acesso em: 5 jun. 2013.

HAYNES, J. **Routledge handbook of religion and politics**. Nova York : Taylor & Francis, 2009. 444 p.

HENRIQUES, E. B. Os temas culturais na investigação geográfica: breve retrospectiva e ponto a situação. **Inforgeo**, v. 16/17, p. 153-165, 2001/2002. Disponível em: [http://www.apgeo.pt/files/section44/1227097345Inforgeo\\_16\\_](http://www.apgeo.pt/files/section44/1227097345Inforgeo_16_)

17\_p157a170.pdf. Acesso em: 3 abr. 2013.

IBGE. **Censo demográfico 1991**. Rio de Janeiro : IBGE, 1991. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censodem/default\\_censo1991](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censodem/default_censo1991). Acesso em: 12 ago. 2013.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Rio de Janeiro : IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo/>. Acesso em: 12 ago. 2013.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro : IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 12 ago. 2013.

IEQ. **Estatuto da Igreja Quadrangular**. São Paulo : Editora Quadrangular, 2011.

ILAL, A.; HEMAIS, C. A. O processo de internacionalização na ótica da escola nórdica: evidências empíricas em empresas brasileiras. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. 1, p. 109-124, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552003000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552003000100006&script=sci_arttext). Acesso em: 12 ago. 2013.

IURD. **Universal**. Disponível em [www.iurdenderecos.wordpress.com](http://www.iurdenderecos.wordpress.com). Acesso em 1 jan. 2014.

JACOB, C. R. A diversificação religiosa. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 9-11, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300002). Acesso em: 3 abr. 2013.

JACOB, C. R.; HEES, D. R.; WANIEZ, P. **Religião e território no Brasil : 1991/2010**. Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2013. 85 p. Disponível em: [http://www.editora.vrc.puc-rio.br/docs/ebook\\_religiao\\_e\\_territorio\\_no\\_brasil\\_1991-2010.pdf](http://www.editora.vrc.puc-rio.br/docs/ebook_religiao_e_territorio_no_brasil_1991-2010.pdf). Acesso em: 16 maio. 2013.

JAENISCH, S. Ecos da reforma: sobre o crescimento pentecostal e seus impactos no protestantismo histórico em Porto Alegre. **Século XXI**, v. 1, n. 1, p. 119-139, 2009. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/Séculoxxi/article/view/3141>. Acesso em: 12 ago 2013.

JUNGLUT, A. L. A salvação pelo Rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 144-162, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872007000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000200007). Acesso em: 5 jun. 2013.



KNIPPENBERG, H. A clash of religions? Religion, territory, and conflict after the Cold War. **Acta Universitatis Carolinae. Geographica**, n. 1–2, p. 49–63, 2006. Disponível em: <<http://www.united-academics.org/library/publication/319636/>>. Acesso em 16 maio 2013.

KNOTT, K. Spatial theory and method for the study of religion. **Temenos**, v. 41, n. 2, p. 153 – 184, 2005. Disponível em: <http://eprints.whiterose.ac.uk/3621/1/knottk1.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2013.

LECOURS, A. **Political issues of paradiplomacy**: lessons from the developed world. Antuérpia: Netherlands Institute of International Relations 'Clingendael', 2008. 22 p. (Discussion Papers in Diplomacy). Disponível em: [http://clingendael.info/publications/2008/20081217\\_cdsp\\_diplomacy\\_paper\\_paradiplomacy.pdf](http://clingendael.info/publications/2008/20081217_cdsp_diplomacy_paper_paradiplomacy.pdf). Acesso em: 5 jun. 2013.

LECOURS, A; MORENO, L. Paradiplomacy: A nation-building strategy? A reference to the Basque country.. In: GAGNON, A. G.; GUIBERNAU, M.; ROCHER, F. (eds). **The conditions of diversity in multinational democracies**. Quebec: IRRP, 2003. p. 267-294.

LEWGOY, B. O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. **Ciencias Sociales y Religion/Ciências Sociais e Religião**, v. 6, n. 6, p. 51-69, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19859/000442303.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 abr. 2013.

LOPES, D. **A Organização eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas**. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1473](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1473). Acesso em: 3 abr. 2013.

LOPES, P. F. B. **Estudando um subcampo intelectual acadêmico** : a geografia da religião no Brasil – 1989-2009. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/tdebusca/arquivo.php?codArquivo=1438>. Acesso em: 12 jun. 2013.

MACHADO, M. D. C. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 7, p. 25-54, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n7/a03n7>. Acesso em: 3 abr. 2013.

MAIA, E. L. C. Os evangélicos e a política. **Em Tese**, v. 2, n. 2, 6, p. 1-22, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13538>. Acesso em: 5 jun. 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo : Atlas, 2010.

MARIANO, R. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da religião**, v. 4, p. 68-95, 2008. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_mariano.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf). Acesso em: 12 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. **Revista USP**, n. 31, p. 120-131, 1996. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/31/11-ricardo.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, v. 2, n. 24, p. 119-137, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/43696>. Acesso em: 12 ago. 2013.

MARIANO, R; HOFF, M; DANTAS T. Evangélicos sanguessugas, presidenciáveis e candidatos gaúchos: a disputa pelo voto dos grupos religiosos. **Debates do NER**, v. 10, n. 7, p. 65-78, 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/2777/1392>. Acesso em: 12 ago. 2013.

MARQUES, A. S. **A Igreja Adventista do Sétimo Dia Numa perspectiva de difusão geográfica no território português**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

MARTINS, L. C.; CARDOSO, L. S. A dimensão civilizatória da presença dos americanos no Brasil: Tecnologia, Educação e Religião. **Revista Cesumar**, v. 14, n. 2, p. 285-301, 2009. [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais9/artigos/mesa\\_debates/art18.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais9/artigos/mesa_debates/art18.pdf). Acesso em: 16 maio. 2013.

MATOS, A. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata**, v. 11, n. 2, p. 23-50, 2006. Disponível em: [http://www.mackenzie.br/movimento\\_pentecostal.html](http://www.mackenzie.br/movimento_pentecostal.html). Acesso em: 12 jun. 2013.

MEDEIROS, R. O. **Igreja Universal do Reino de Deus: a construção discursiva da inclusão e da exclusão social – 1977 – 2004**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2005. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=29636](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=29636). Acesso em 12 jun. 2013.

MENDONÇA, J. O Evangelho segundo o gospel: mídia, música pop e neopentecostalismo. **Revista do conservatório de música da UFPel**, n.1, p. 220-249, 2008. Disponível em: [http://www2.ufpel.edu.br/conservatorio/revista/artigos\\_pdf/artigo09.pdf](http://www2.ufpel.edu.br/conservatorio/revista/artigos_pdf/artigo09.pdf). Acesso em: 03 abr. 2013.

MENESES, J. S. Protestantismo, Protestantismos ou Protestantismo à brasileira? **Revista NURES**, n. 18, p. 133-146, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/5686>. Acesso em: 12 jun. 2013.

MEZZOMO, M. M.; MEZZOMO, F. A.; BONINI L. G. Dimensões geográficas dos elementos religiosos presentes na cidade de Campo Mourão – PR. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 23-34, 2012. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/geografia/article/view/7320>. Acesso em: 12 jun. 2013.

MIRANDA, A. P. M. Entre o privado e o público: considerações sobre a (in)criminação da intolerância religiosa no Rio de Janeiro. In: TEIXERA, C.; QUINTELA, M. M. (orgs). **Anuário Antropológico**. Brasília: UNB, 2010. p. 125-152.

MONDARDO, M; SAQUET, M. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista Nera**, n. 13, p. 118-127, 2008. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewArticle/1392>. Acesso em: 3 abr. 2013.

MULLS, L. Desenvolvimento local, espaço e território: o conceito de capital social e a importância da formação de redes entre organismos e instituições locais. **Revista Economia**, v. 9, n.1, p. 1-21, 2008. Disponível em: [http://www.anpec.org.br/revista/vol9/vol9n1p1\\_21.pdf](http://www.anpec.org.br/revista/vol9/vol9n1p1_21.pdf). Acesso em: 3 abr. 2013.

ORO, A. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18 n, 53, p. 53-69, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n53/18078.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.

PALHARES, R. H. **O avanço do pentecostalismo em Minas – período 1991 e 2000**. 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial\\_PalharesRH\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_PalharesRH_1.pdf). Acesso em: 16 maio 2013.

PARK, C. **Companion to the Study of Religion**. Londres : Routledge Press, 2004.

PASSOS, J. D.; GUERRIERO, S. Metamorfoses religiosas no centro antigo de São Paulo: variações sobre a paisagem e o espaço. **Ciências Sociais y Religion/Ciências Sociais e Religião**, v. 6, n. 6, P. 117-133, 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2269>. Acesso em: 16 maio 2013.

PEDDE, V. **Cabeça, sim; cauda, não!**": um estudo antropológico sobre os evangélicos na Assembléia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul. 2005. 414 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6650>. Acesso em: 3 abr. 2013.

PEREIRA, C; OLIVEIRA, J. Espaço como sistema de valores: uma contribuição à epistemologia da Geografia. **Para Onde!?**, v. 5, n. 1, p. 1-17, 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/25986>. Acesso em: 12 jun. 2013.

PEREIRA, C. J. Geografia da religião: um olhar panorâmico. **Ra'ega**, v. 27, p.10-37, 2013. Disponível em: [ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/download/30414/19689](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/download/30414/19689). Acesso em: 16 maio 2013.

PONTES, E. T. M. Do púlpito às massas: fragmentação, ampliação e surgimento de práticas religiosas na busca por novas territorialidades no caso do catolicismo brasileiro. **Caminhos de Geografia**, v. 12, n. 39, p. 116 – 125, 2011. Disponível em: [www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/.../9237](http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/.../9237). Acesso em: 12 jun. 2013.

RIBEIRO, J; DINIZ, P. A construção do conceito de identidade a partir da análise realizada na Igreja do Evangelho Quadrangular, em Juazeiro do Norte. **Revista Ciências da Religião: História e Sociedade**, v. 11, n. 2, p. 115-137, 2013. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/6445>. Acesso em: 3 abr. 2013.

ROCHA, J. G. Discurso Religioso e o afrontamento da dignidade humana. **Cadernos do CNLF**, v. 16, n. 4, p. 468-478, 2012. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlftomo\\_1/041.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlftomo_1/041.pdf). Acesso em: 3 abr. 2013.

ROSENDAHL, Z. A Dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo. **Geo-Working Papers**, n. 14, p. 5-14, 2008.

SANTOS, M. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**, v. 4, n. 6, p. 5-20, 1999. [http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06\\_2\\_santos.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_2_santos.pdf). Acesso em: 12 jun. 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SENHORAS, E. M. A internacionalização empresarial e a paradiplomacia corporativa nas relações econômicas internacionais. **Boletim Meridiano 47**, v.

11, n. 116, p. 9-11, 2010. Disponível em: <http://periodicos.bce.unb.br/index.php/MED/article/view/444>. Acesso em: 3 abr. 2013.

SENHORAS, E. M. Múltiplas camadas das Relações Internacionais entre a diplomacia e a paradiplomacia. **Revista Intellector**, v. 9 n. 18, 2013. Disponível em: <http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1367&context=eloi>. Acesso em 3 abr. 2013.

SENHORAS, E. M.; RAMOS, M. S. M. A personalidade do ano e as mudanças na Igreja Católica. **Mundorama**, v. 76, 2013. Disponível em: <http://mundorama.net/2013/12/30/a-personalidade-do-ano-e-as-mudancas-na-igreja-catolica-por-eloi-martins-senhoras-maria-sharlynay-marques-ramos/>. Acesso em: 16 mai. 2013.

SERRA, A. A Mercantilização do sagrado: Um estudo sobre a estruturação de igrejas dos protestantismos brasileiros. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra : Universidade de Coimbra, 2004. p. 1-17. Disponível em: [www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Antonio robertoserra.pdf](http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Antonio%20robertoserra.pdf)> Acesso em: 1 jan. 2014.

SGM. **SGM:** Secretaria Geral das Missões. Disponível em: <http://sgmbrasil.com.br/>. Acesso em: 1 jan. 2014.

SILVA, C. Território: Uma combinação de enfoques material, simbólico e espaço de ação social. **Revista Geografar**, v. 4, n. 1, p. 98-115, 2009. Disponível em: [ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/geografar/article/download/14430/9698](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/geografar/article/download/14430/9698)>. Acesso em: 3 abr. 2014.

SILVA, C. J. **A doutrina dos usos e costumes na Assembléia de Deus**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003. Disponível em: [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_arquivos/8/TDE-2006-12-06T144634Z-265/Publico/Claudio%20Jose%20da%20Silva.pdf](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/8/TDE-2006-12-06T144634Z-265/Publico/Claudio%20Jose%20da%20Silva.pdf). Acesso em: 16 maio 2013.

SILVA, D; SOUZA, M. Teologia da Prosperidade, mercantilização do Sagrado: Um estudo sobre a igreja celular no modelo dos doze em feira de Santana. **Sitientibus**, n. 43, p. 27-46, 2010.

SILVA, R. Geografia da religião: uma contribuição de abordagem através das práticas espaciais de intolerância religiosa na urbanidade carioca. **Revista Magistro**, vol. 1, n. 1, p. 62-78, 2012. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1411/810>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

SILVEIRA, R. M. G. **Diversidade Religiosa**. Disponível em: <[www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03\\_rosa2\\_diversidade\\_religiosa.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_rosa2_diversidade_religiosa.pdf)>. Acesso em: 1 fev. 2013.

SENAMI. **SENAMI**: Secretaria Nacional de Missões. Disponível em: <[www.senami.com.br](http://www.senami.com.br)>. Acesso em 1 jan. 2014.

SMOCK, D. **Religious Contributions to Peacemaking. When Religion brings Peace, not War**. Washington, DC : United States Institute of Peace, 2006.

SOARES, P. G. C. Um coeficiente religioso nas teorias das Relações Internacionais. **Caderno de Relações Internacionais**, v. 1, n. 5, 2012. Disponível em: <http://www.faculadadedamas.edu.br/revistas/index.php/relacoesinternacionais/article/download/140/115>. Acesso em: 3 abr. 2013.

SOUZA, P. P. A. Notas para uma geografia da religião. *Revista de Ciências Humanas*, v. 11, n. 2, p. 245-258, 2011. Disponível em: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo3vol11-2.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.

SOUZA, A; RUATA, M; CAMPANA, M. O ativismo político-cristão na Argentina e no Brasil. In: BONELLI, M. G.; LANDA, M. D. V. **Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina**. São Carlos: Compacta, 2013. p. 61-88.

TERRA, A. C. L. Fé, espaço e tempo: análise da difusão das dioceses católicas no estado do Espírito Santo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 2, p. 34-40, 2008. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/st7.html>. Acesso em: 16 maio 2013.

TRINDADE, G. A. Globalização, redes e relação mundo-lugar: insistindo em um debate ainda não esgotado na geografia. **GeoNordeste**, n. 2, p. 11-34, 2009. Disponível em: <http://200.17.141.110/pos/geografia/geonordeste/index.php/geonordeste/article/view/25>. Acesso em: 3 abr. 2013.

TREVISAN, J. Evangélicos pentecostais na política partidária brasileira: de 1989 a 2010. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n.15, p. 1-15, 2013. <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st8/2.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.

TOMAÉL, M; ALCARÁ, A; DI CHIARA, I. Das redes sociais à inovação. **Ciência da informação**, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/642>. Acesso em: 12 ago. 2013.

TORRES, M. A. As paisagens da memória e a identidade religiosa. **RA'E GA**, v. 27, p. 94-110, 2013. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/view/30419>. Acesso em: 23 out. 2013.

VESENTINI, J. W. Repensando a geografia política. um breve histórico crítico e a revisão de uma polêmica atual. *Revista do Departamento de Geografia*, vol. 20, 2010, p. 127-142.

Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/11>. Acesso em 5 jun. 2013.

VOIGT, E.; BEZZI, M. L. Geografia cultural: algumas reflexões. In: FIGUEIREDO, L.C (org). **Fronteiras da Pesquisa em Geografia**. Santa Maria: UFSM, 2012. p. 247-278.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Compostela: Universidade Santiago de Compostela, 2006.

WUTHNOW, R; OFFUTT, S. Transnational Religious Connections. **Sociology of Religion**, v. 69, n. 2, p. 209-232, 2008.

XAVIER, É. O crescimento da Igreja através dos séculos: análise da história e dos aspectos positivos e negativos. **Kerygma**, v. 4, n. 1, p. 31-44, 2008.

ZANATTA, B. A. A Abordagem Cultural na Geografia. **Temporis(ação) UEG**, v. 1, p. 249-262, 2008. <http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/28/45>. Acesso em: 5 jun. 2013.

ZERAOIU, Z. Diplomacia paralela y las relaciones internacionales de las regiones. **Desafíos**, v. 23, n. 1, 2011, p. 56-96. Disponível em: <http://revistas.urosario.edu.co/index.php/desafios/article/view/1612>. Acesso em: 3 abr. 2013.